

REVISTA

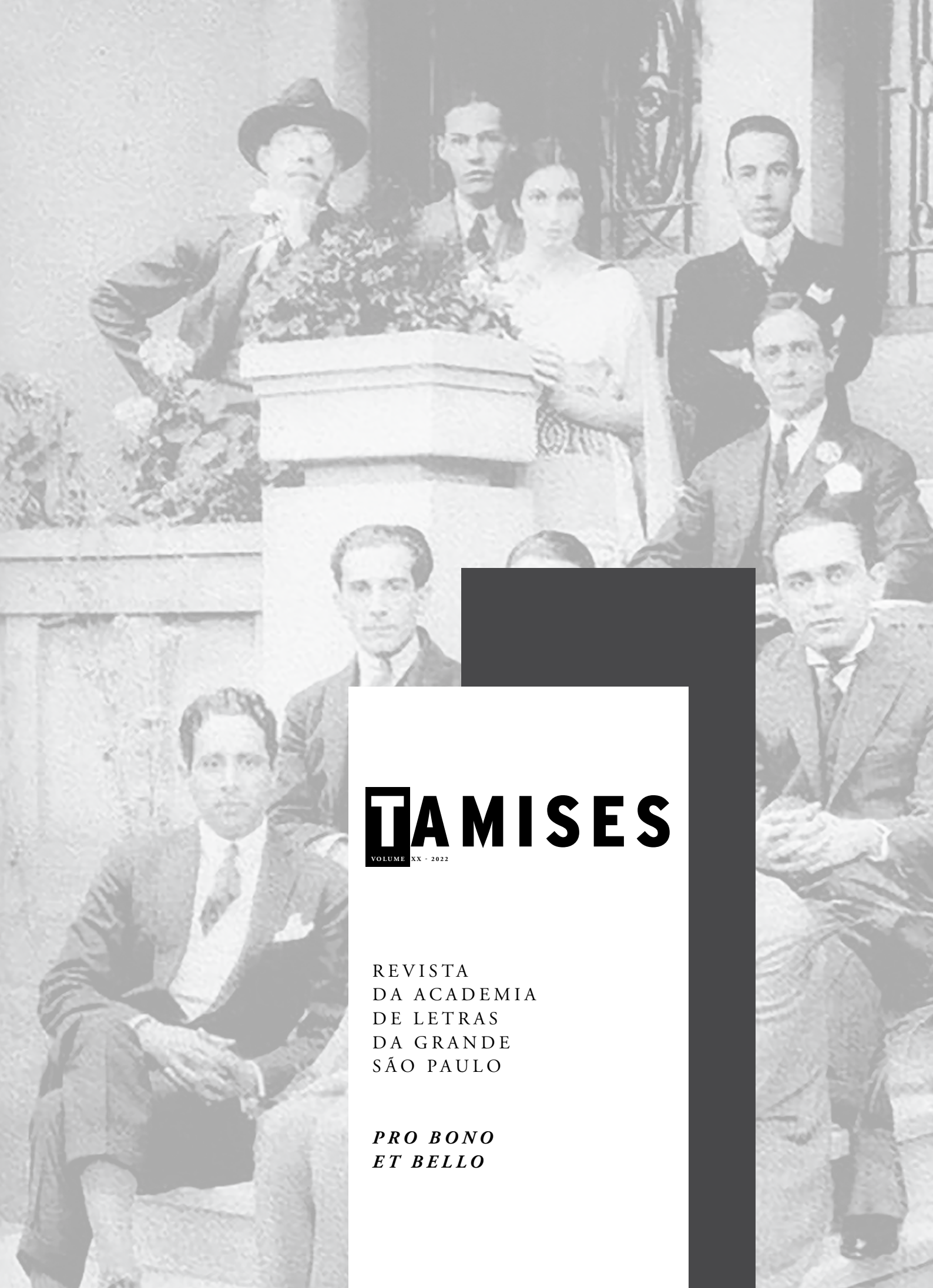
VOLUME XX - 2022

TAMISES

20

*Academia de Letras
da Grande São Paulo*





TAMISES

VOLUME XX - 2022

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

*PRO BONO
ET BELLO*

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Sérgio Ballaminut

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Impressão

Hawaii Gráfica e Editora

Impresso em 20 de outubro de 2022

Copyright@2022 – da ALGRASP

*Permitida a reprodução de textos originais,
mesmo parciais, e por qualquer processo,
com autorização da ALGRASP*

*Os conceitos emitidos pelos articulistas
e/ou manifestantes são de inteira
responsabilidade de seus autores.*



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09521-520
São Caetano do Sul - SP
Tel.(0xx) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

*Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil*

DIRETORIA

Presidente de Honra

José Auricchio Júnior

Presidente

Maria Zulema Cebrian

Vice-Presidente

José Roberto Espíndola Xavier

Secretário

André Aparecido Bezerra Chaves

Tesoureiro

Sebastião G. Ferreira Gomes

Coordenação da Biblioteca

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Conselho Fiscal

Humberto Domingos Pastore

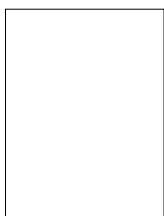
José Bueno Lima

Clóvis Roberto dos Santos



CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
**SEBASTIÃO GERALDO
FERREIRA GOMES**



CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
**MARIA ZULEMA
CEBRIÁN**



CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
**AGNALDO L.
SACRAMENTO**



CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI



CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
**ANDRÉ APARECIDO
BEZERRA CHAVES**



CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
**MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES**



CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA



CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
**PADRE JORDÉLIO
SILES LEDO**



CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
**ANA CRISTINA SILVA
ABREU**



CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA



CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÁO



CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Correa
Acadêmico:
HUMBERTO DOMINGOS PASTORE



CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
SÉRGIO BALLAMINUT



CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
GONÇALO JÚNIOR



CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES



CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
HILDEBRANDO PAFUNDI



CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
JOSÉ ROBERTO E. XAVIER



CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Morais
Acadêmico:
ALCIDÉA MIGUEL DE SOUZA



CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES



CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
28

Patrono:
**Catulo da Paixão
Cearense**
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS



CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
ROBERTO DE CARVALHO



CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
31

Patrono:
Gonçalves Dias
Acadêmico:
MARIAH MORAIS



CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
**CLAUDIO ROGÉRIO
BRACO**



CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
34

Patrono:
**Carlos Drummond de
Andrade**
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO



CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA



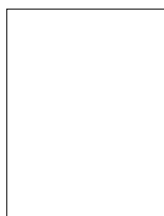
CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
37

Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
**CELSO DE ALMEIDA
CINI**



CADEIRA
39

Patrono:
Casemiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
38

Patrono:
Mário Quintana
Acadêmico:
**MARIA DO CÉU
FORMIGA DE OLIVEIRA**



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
**PAULO DE SOUZA
RAMOS**

SÓCIO
CORRESPONDENTE



**FLÁVIO
MELLO**



**ANA LUIZA
ALMEIDA
FERRO**



**VALDÍVIA
BEAUCHAMP**



17

Apresentação

19Profissão de Fé
Acadêmica**21**Intercâmbio
Revista
Tamises 19**25** Necrológio**27** NECROLÓGIO PARA
CLOVIS ROBERTO DOS SANTOS
*Maria Zulema Cebrian***28** NECROLÓGIO PARA JOSÉ RAMOS VITORINO
*Maria Zulema Cebrian***29** Textos**30** O GRITO DOS INCOMPREENSÍVEIS
*Sérgio Augusto Alonso Balaminut***36** VIAJANTES E MISSIONÁRIOS – PARTE III
*Maria Zulema Cebrian***48** CONVERSÃO DE UM AUTO
RELIGIOSO EM UM AUTO FOLCLÓRICO
Valdívia Beauchamp

- 58 ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA
DE CECÍLIA MEIRELES
Eva Bueno Marques
- 68 QUEM SÃO MEUS MESTRES
Ana Cristina Silva Abreu
- 72 A POESIA RELIGIOSA DE JORGE DE LIMA
Flávio Mello
- 76 O SUFOCO DA EXISTÊNCIA,
SEGUNDO GABRIEL GARCIA MARQUEZ
Gonçalo Júnior
- 80 UMA AULA MÁGNA DO PROFESSOR
NICOLA TORTORELLI
Celso de Almeida Cini
- 86 EDIÇÃO DE GENES E O FUTURO
DA ESPÉCIE HUMANA
José Roberto Espindola Xavier
- 91 A MÁSCARA DA AUTOAJUDA OU
O ABANDONO AO TERROR PESSOAL
André Chaves
- 104 ESCOLHA ETERNIZAR O QUE
REALMENTE VALE A PENA
Maria do Céu Formiga de Oliveira
- 106 OTTO, “UM POÇO DE CONTRADIÇÕES”!
José Bueno Lima
- 109 VIDAS QUE NÃO MERECEM VIVER
Humberto Domingos Pastore
- 113 DEUSA MINERVA NO JARDIM DO MUSEU
Hildebrando Pafundi

116 EXERCITANDO O
RESGATE DAS BOAS LEMBRANÇAS
Alcidéa Miguel

119 A ARTE DE ENVELHECER
Milton Bigucci

125 Poesias

126 *Sebastião Geraldo F. Gomes*
LEVANTE OS OLHOS PARA O CÉU
DAS COISAS DA VIDA
AMARRAS ODIOSAS
A SOBREVIDA
A MINHA RAZÃO

IN MEMORIAM

130 *Rinaldo Gissoni*
POR UM PERFUME

IN MEMORIAM

132 *Gioconda Labecca*
TRANSFORMAÇÃO
AMIZADE
FARDO
A MORTE É LIBERDADE

135 Discursos de Posse

136 *Hildebrando Pafundi*
PRONUNCIAMENTO DE POSSE

139 *Sebastião Geraldo Ferreira Gomes*
PRONUNCIAMENTO DE APRESENTAÇÃO

142 *Mariah Morais*
PRONUNCIAMENTO DE POSSE



Apresentação

*Maria
Zulema
Cebrian*

Presidente da
Academia de
Letras da Grande
São Paulo

No decorrer de oito anos como presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo não tenho medido esforços para mantê-la atuante, incentivando a cultura, realizando duas edições anuais onde nossos Acadêmicos apresentam seus trabalhos na busca incessante para compreender e dignificar nossa língua.

Não basta apenas espontaneidade, estímulos ou vontade de realizar; é preciso, antes de tudo, consciência e empenho para produzir trabalhos que acrescentem cunho literário e que nos ponham em contato com a consciência do papel de Acadêmico.

Ainda que vivenciemos, atualmente, em nosso país, momentos difíceis, o trabalho acadêmico, ao contrário, tem o sentido de enaltecer a literatura e representa a ferramenta que pode transformar este caos em algo magnífico, esplendoroso. Somos artífices da vida e podemos criar o nosso oásis, o que não significa que ficaremos alheios aos problemas que, dia a dia, afetam-nos; ao contrário, somos a sementeira da esperança que brota da genialidade da escrita, com a qual se pode irradiar o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja. **¶**

Profissão de fé acadêmica

POSSA A MINHA
INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE
A SERVIÇO DO
BEM E DO BELO

QUE O MEU
TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA
LÍNGUA PORTUGUESA

QUE EU POSSA,
SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ,
AMOR E CONFIANÇA

ASSIM ESTAREI
RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS

No ano de 2021 a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO**, mediante intercâmbio cultural, divulgou sua revista ***Tamises 19*** com as Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe e visitantes.

Academia de Letras do Norte Pioneiro, PR;
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Paulista de Letras, São Paulo, SP;
Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA;
Academia Paranaense de Letras, Curitiba, PR;
Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória, PR;
Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho, RO;
ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro, RJ;
Academia Amazonense Letras, Manaus, AM;
Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim, ES;
Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE;
Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu, MG;
Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete, MG;
Academia de Ciências e Letras de Maricá, Maricá, RJ;
Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus, AM;
Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, GO;
Academia Caxiense de Letras, Caxias, MA;
Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana, MG;
Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas, MG;
Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre, MG;
Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis, RJ;
Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, RJ;

Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo, RS.
AFEMIL – Academia Feminina Mineira de Letras, MG
Associação Cultural Raul Pompeia, RJ

Nota: Recebemos de todas as Academias agradecimentos,
revistas, jornais, e livros dos mesmos.

Jornal Diário do Grande ABC, jornalista Ademir Médici;
Jornal A Tribuna do ABC jornalista Antonio Júlio P. de Moraes;
Jornal ABC News;
Rudge Ramos Jornal;
Jornal Folha de São Caetano;
Jornal ABC Repórter;
Jornal ABCD Maior;
Jornal Folha do ABC;
Jornal Politika do ABC;
Jornal de São Caetano;
Jornal Giro ABC;
Jornal Hoje Jornal;
Jornal Gazeta de São Paulo;
Jornal O Estado de São Paulo;
Jornal Folha de São Paulo;
Jornalista Arnaldo Niskier, Jornal das Letras;
Jornalista Aníbal Cavalcanti;
Jornalista Umberto Del Maestro;
Jornal Ateneu Angreense de Letras;
Jornal Tribuna de Lavras;
Jornalista Ivis Gandra Marins;
Jornalista Márcia Dutra;
Neide B. Rego, Escritora e Jornalista;
Dr. William Mofitt, Academia dos Escritores Médicos;
Vencedores do último Concurso de Contos e Dissertações,
promovido pela Algrasp;
Ong Sebo Cultural de Campanha;
Vencedores do Concurso Literário Nicola Tortorelli. 



Necrológio



CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS



*Maria
Zulema
Cebrian*

Querido e pranteado companheiro de jornada, irmão e confrade Clóvis Roberto dos Santos, não haverá mais angústias, temores e nada mais causará amargura à sua alma generosa. Nosso encontro foi repleto de grandes realizações para nós que tivemos a oportunidade bendita desse convívio. Um companheiro e amigo das horas agradáveis vivenciadas em nossa Academia. Sua trajetória agora se distancia desta esfera para transitar na abençoada senda da paz e felicidade. Nascemos para conhecer, amar e servir ao Pai, presente em cada um de nós.

No entanto, suas qualidades, seu talento, sua fidelidade, como pai e esposo dedicado e amoroso, somados ao seu talento criativo, permearam e permearão essa nova trajetória.

Sabemos que a morte não existe; ela é apenas uma porta que se abre. Deixamos este vale de lágrimas para adentrarmos o plano celestial, onde a luz, a paz e a felicidade que tanto procuramos em vida nos espera. Na eternidade, não há sofrimento, desamor, conflitos e todas as vaidades deixam de existir.

Nosso confrade foi agora iluminar outro plano — o celestial — com suas conversações e seus colóquios sobre educação, tema que divulgou de forma entusiástica. A literatura e a educação perdem um grande defensor do ensino no Brasil; nós, membros da Academia de Letras da Grande São Paulo, perdemos o amigo, nossa inspiração de força.

Um dia, voltaremos, lado a lado, a desfrutar dessa glória e juntos recordaremos os grandes momentos que vivenciamos aqui, unindo-nos para sempre na Eternidade.

Até breve, confrade! **T**

*Maria
Zulema
Cebrian*

JOSÉ RAMOS VITORINO



Nosso querido companheiro de jornada, irmão e confrade de José Ramos Vitorino. A partir deste momento, a finitude o levará por caminhos sem angústias, temores ou amarguras à sua alma generosa.

Conviver com você foi uma oportunidade bendita e pudemos compartilhar momentos repletos de grandes realizações. Sua trajetória, agora distante desta esfera, leva-o a transitar a senda da paz e da felicidade.

No entanto, não poderemos esquecer as suas qualidades, seu talento, sua fidelidade, como pai e esposo amoroso e dedicado que, somados ao seu talento criativo, permearam e permearão essa nova trajetória.

A morte é uma porta que se abre para que possamos deixar este vale de lágrimas e enveredar pelos caminhos de luz e paz do plano celestial. Sabemos que ela não existe; é apenas o caminho para encontrarmos a felicidade que tanto procuramos em vida. O sofrimento, o desamor os conflitos e todas as vaidades se esvaem. Para além dessa porta está a luz onde você, com sua poesia, poderá iluminar os anjos.

A literatura perde seu poeta; nós, membros da Academia de Letras da Grande São Paulo, perdemos o amigo, nossa inspiração de força.

Um dia, voltaremos, lado a lado, a desfrutar dessa glória e juntos recordaremos os grandes momentos que vivenciamos aqui, unindo-nos para sempre na Eternidade.

Até breve, confrade! **T**



Textos



O GRITO DOS INCOMPREENSÍVEIS

*Sérgio
Augusto
Alonso
Ballaminut*

“Leitor:

Está fundado o Desvairismo.

Este prefácio, apesar de interessante, inútil.

Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo.”

(Paulicéia Desvairada, Mário de Andrade)

No centenário da Independência do Brasil, que ocorrera em 1822, tomavam lugar, no país, diversas modificações de ordem social, política e econômica, oriundas do processo de industrialização, do término da primeira guerra mundial etc.

O movimento modernista, cujo brado coletivo principal foi a Semana de Arte Moderna, representou, segundo Mário de Andrade, “(...) o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito (...)” novo, que exigia “(...) a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional”, “(...) uma ruptura, (...) um abandono de princípios e de técnicas consequentes, (...) uma revolta contra o que era a Inteligência nacional” propriamente dita.

Embora se integrassem no movimento “figuras e grupos preocupados de construir, o espírito modernista que avassalou o Brasil, que deu o sentido histórico da Inteligência nacional desse período foi destruidor”, de acordo com Mário. Todavia, “esta destruição, não apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma convulsão profundíssima da realidade brasileira”.

O que caracteriza a realidade que o movimento modernista estabeleceu, é, nas palavras de Mário, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Aliás, Andrade afirma que a “conquista do direito permanente de pesquisa estética (...) é a vitória grande do movimento no campo da arte”. E termina dizendo crer que “os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição”.

Mas voltemos à glória da Semana de Arte Moderna, que, em fevereiro do presente ano, mês de sua realização no ano de 1922, completou seu centenário e merece, por tudo que representou para as artes e, assim, para a cultura nacional, todo o nosso respeito e reverência.

Ocorrida entre os dias 13 a 18 de fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de obras - pintura e escultura - e palestras, que traziam por proposta uma nova visão de arte, baseada em uma estética inovadora de inspiração advinda da vanguarda europeia, com o objetivo de promover uma renovação social e artística no país, a partir do rompimento com a arte acadêmica e de uma revolução estética representada pelo Movimento Modernista no Brasil.

Considerando que a intenção dos artistas participantes da Semana de Arte Moderna era, sobretudo, chocar o público e levá-lo à percepção de outras formas de sentir, ver e fruir a arte, as características desse momento foram, conforme Laura Aidar: ausência de formalismo; ruptura com academicismo e tradicionalismo; crítica ao modelo parnasiano; influência das vanguardas artísticas europeias (futurismo, cubismo, dadaísmo, surrealismo, expressionismo); valorização da identidade e cultura brasileira; fusão de influências externas aos elementos brasileiros; experimentações estéticas; liberdade de expressão; aproximação da linguagem oral, com utilização da linguagem coloquial e vulgar; e temáticas nacionalistas e cotidianas.

Para Di Cavalcante, a Semana de Arte Moderna “seria uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter

os estribos na barriga da burguesiazinha paulista”. E foi. Foi assim que, ao longo de três dias (13, 15 e 17 de fevereiro) tal manifestação artística, política e cultural reuniu jovens artistas irreverentes e contestadores, dentre os quais: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Victor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti e Guiomar Novaes.

Nos relatos de Laura Aidar, *o evento foi inaugurado pela palestra do escritor Graça Aranha: “A emoção estética da Arte Moderna”; seguido de apresentações musicais e exposições artísticas. O evento estava cheio e foi uma noite relativamente tranquila. No segundo dia, houve apresentação musical, palestra do escritor e artista plástico Menotti del Picchia, e a leitura do poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira. Ronald de Carvalho fez a leitura, pois Bandeira encontrava-se em uma crise de tuberculose. Nesse poema, a crítica à poesia parnasiana era severa, o que causou indignação do público, muitas vaias, sons de latidos e relinchos. Por fim, no terceiro dia, o teatro estava mais vazio. Houve uma apresentação musical com mistura de instrumentos, exibida pelo carioca Villa Lobos. Nesse dia, o músico subiu ao palco vestindo casaca e calçando em um pé sapato e no outro um chinelo. O público vaiou pensando que se tratasse de uma atitude afrontosa, mas depois foi explicado que o artista estava com um calo no pé.*

Como era de se esperar, segundo Laura Aidar, “a crítica ao movimento foi severa, as pessoas ficaram desconfortáveis com tais apresentações e não conseguiram compreender a nova proposta de arte. Os artistas envolvidos chegaram a ser comparados aos doentes mentais e loucos. Com isso, ficou claro que faltava uma preparação da população para a recepção de tais modelos artísticos. Monteiro Lobato foi um dos escritores que atacou com veemência as ações da Semana de 22. Anteriormente, ele já havia publicado um artigo criticando as obras de Anita Malfatti, em uma exposição da pintora realizada em 1917”:

“Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas (..) A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. (...) Embora eles se deem como novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação (...) Essas considerações são provocadas pela exposição da senhora Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia”.

Depois da Semana de Arte Moderna, considerada um dos marcos mais importantes na história cultural do Brasil, foram criadas inúmeras revistas, movimentos e manifestos, quais sejam: Revista Klaxon (1922), Revista Estética (1924), Movimento Pau-Brasil (1924), Movimento Verde-Amarelo (1924), A Revista (1925), Manifesto Regionalista (1926), Terra Roxa (1927), Outras Terras (1927), Revista de Antropofagia (1928) e Movimento Antropofágico (1928).

De acordo com Laura Aidar, outros desdobramentos culturais que se inspiraram nas ideias dos modernistas, foram representados pelo Tropicalismo e pela geração da Lira Paulistana, nos anos 70, e, inclusive, pela Bossa Nova.

Enfim, como nos diz Mário de Andrade, “a Semana marca uma data, isso é inegável. Mas o certo é que a pré-consciência primeiro, e em seguida a convicção de uma arte nova, de um espírito novo, desde pelo menos seis anos viera se definindo no... sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas”. E confessa: “não sei o que me deu. Fui até a escrivania, abri um caderno, escrevi o título em que jamais pensara (...). O estouro chegara afinal, depois de quase ano de angústias, interrogativas. Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, em pouco mais de uma semana estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro”: Pauliceia Desvairada, tão desvairada quando mostrar-se-iam aqueles jovens artistas impetuosos em vindoura semana...

CLÁ DO DESTINO

Clá do destino
Do moço-menino
De vanguardear.

Clá do destino
Do moço-menino
Que chega e mostra
Uma nova proposta
De escrito falar.

Traz o moderno
Que fez-se eterno
Ao pós-modernizar.

Está no modo
De não estrutura
Toda formosura
Do seu expressar.

Está aí
Está posto
De agosto a agosto
E assim estará. **T**

(Poema que faz referência aos modernistas de vanguarda e,
particularmente, a Mário de Andrade e seu livro Clá do Jabuti)

Sérgio Augusto Alonso Ballaminut

Cadeira 20 - Mário de Andrade

VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

PARTE III

*Maria
Zulema
Cebrian*

Na sequência aos artigos apresentados nas Revistas Tamises 18 e 19, a parte III dos Viajantes e Missionários nos direciona a aqueles que nos demonstraram que a literatura não poderia se formular em termos de Europa, onde se condicionava toda a história cultural. A Colônia passa a ser descrita como um complexo colonial de vida e de pensamento, permitindo-nos acompanhar esse processo. Na esfera histórica, importa conhecer a importância desse complexo rico por suas consequências econômicas e culturais, que transcenderam os limites da fase colonial.

Resumo da Parte II

Edição Tamises 19

— Pero de Magalhães Gandavo: devem-se a ele os primeiros informes sistemáticos do Brasil.

— Gabriel Soares de Sousa: seus escritos caracterizam-se pelo movimento de sua narrativa, que se destacou mais pela exatidão das descrições topográficas do que por seu valor literário.

Parte III

Hans Staden

Hans Staden (Homberg, c. 1525 — Wolfhagen, c. 1576) foi um aventureiro mercenário alemão do século XVI. Nascido em Hessen por volta de 1520, foi artilheiro. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de combates contra navegadores franceses e seus aliados indígenas, nas

capitanias de Pernambuco e de São Vicente, onde passou nove meses escravo dos índios tupinambás.

De volta à Alemanha, Staden escreveu *Viagem ao Brasil*, um manancial importante para o estudo de nossa história. Nesse livro, Staden não se limita a narrar apenas o fruto de suas observações diretas e pessoais, dando largas asas à imaginação, o que lhe empresta um caráter aventureiro e, ao mesmo tempo, explica as diversas traduções realizadas de sua obra. Em 1556, em Frankfurt, a “*Descrição de um País de Selvagens, Nus Ferozes, Canibais, Situado no Novo Mundo, América*”, relato de suas viagens ao Brasil, tornou-se um grande sucesso da época. Segue trecho de sua obra:

Como Está Situado O País América Do Brasil, Conforme Em Parte Tenho Visto

“A América é uma grande terra com muitas nações selvagens e muita diferença nas suas línguas. Há nela animais estranhos e é bela de ver-se. As árvores estão sempre verdes e nenhuma madeira desta terra se assemelha às outras. A gente anda nua, e em nenhuma parte da terra, que está entre os Trópicos, em tempo algum do ano, faz tanto frio como aqui em Michalis; mas a parte desta terra que está ao sul do Trópico de Capricórnio é um pouco mais fria. Aí habita a nação de selvagens que se chamam Carijós que usam peles de animais ferozes, as quais preparam bem para se cobrirem. As mulheres destes mesmos selvagens fazem com fios de algodão, uma espécie de saco, aberto em cima e embaixo, que elas vestem e que na língua deles se chama tuppy (de onde tipoia, aportuguesado). Há neste país frutas da terra e das árvores, de que a gente e os animais se nutrem. A gente tem a pele de cor vermelha parda, por causa do sol que a requeima. É povo parecido, muito ladino a provocar o mal e propenso a perseguir e devorar os seus inimigos. A sua terra América tem muitas vintenas de milhas para o Norte e para o Sul no comprimento das quais naveguei talvez umas quinhentas, tendo tocado em muitos lugares do país”.

André Thevet

André Thevet (Angoulême, 1516 — Paris, 23 de novembro de 1590) foi um frade franciscano francês, integran-

te da expedição de Villegagnon, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou pelo Médio Oriente e América do Sul no século XVI. Visitou o Brasil em 1555-1556, tendo publicado as suas observações na obra *Les singularitez de la France Antarctique*, na qual compilou múltiplas fontes e a sua própria experiência no que pretendia ser um relato em primeira mão de suas experiências na *France Antarctique*, uma tentativa de fundar uma colônia francesa à entrada da Baía de Guanabara, nas imediações da atual cidade do Rio de Janeiro, com ricas descrições dos povos ameríndios e da flora e fauna da região. Uma peça de literatura informativa sobre o Brasil. A preocupação do autor não é outra senão a de, como bem o sugere o título, relatar as singularidades da terra e do povo da França Antártica:

“Outra singularidade é a de uma erva que eles (os índios) chamam Petun, que trazem consigo ordinariamente, pelo maravilhoso proveito que dela tiram. Parece-se com a nossa buglossa. Colhem-na cuidadosamente e fazem-na secar à sombra em suas cabanas. Tal é o modo de usá-la. Envolvem, quando seca, certa quantidade de erva em uma folha de palmeira e a enrolam do tamanho de uma vela; põem fogo numa extremidade e pela boca e nariz lhes recebem a fumaça.

É muito salubre, dizem eles, para fazer destilar e consumir os humores supérfluos do cérebro. Além e disso dela usam comumente, tirando fumaças, enquanto falam; o que fazem costumeiramente e sucessivamente, um após outro na guerra, onde é muito cômoda”.

Jean de Léry

Jean de Léry (Lamargelle, Côte-d’Or, Borgonha, c. 1534 – Suíça, c. 1611) foi um pastor, missionário e escritor francês e membro da igreja reformada de Genebra durante a fase inicial da Reforma Calvinista. Veio à França Antártica como integrante da expedição de Villegagnon. Realizou, no Brasil, inúmeras pesquisas da terra e da gente, analisando inclusive o aspecto psicológico e linguístico dos indígenas.

Compilou essas observações em sua obra *“Historie*

d'un voyage fait en la terre du Brésil". A edição original é de 1578 e contém uma dedicatória ao Conde de Coligny, uma série de sonetos elogiando o livro e um prefácio. O texto em si consiste de vinte e dois capítulos, sendo que os seis primeiros são dedicados à partida, viagem e chegada ao Brasil. Nos capítulos de sete a vinte segue a descrição do país e seu povo, e os dois últimos capítulos são dedicados à viagem de regresso. Considerada uma das grandes obras em meio à literatura de viajantes franceses do século XVI, o autor relata as experiências vividas em meio à permanência de quase um ano na França.

Antártica, projeto efêmero de colonização francesa ao sul do Brasil, na Baía da Guanabara, no que é atualmente o Rio de Janeiro.

“Colóquio de entrada ou chegada na terra do Brasil entre a gente do país chamada Tupiniquins:

Tupinamba — Vieste?

Francês — Sim, vim.

T — Disseste bem. Como te chamas?

F — Ostra grande.

T — Deixaste tua terra para vir morar aqui?

F — Sim.

T — Vem, então, ver o lugar onde hás de habitar.

F — Está bem;

T — Eis pois, meu filho, ele, veio aqui, cuidando de nós! Trouxestes tuas caixas? (Compreendem por isso todos os cofres que servem para conter vestidos).

F — Sim, trouxe-as.

T — Que coisas trouxestes nas tuas caixas?

F — Roupas.

T — De que espécie, ou cor?

O mais importante neste trecho é o pitoresco inusitado deste estudo acerca do gênio da “língua brasílica”, das fórmulas convencionais do que se costumava dizer e ouvir dos selvagens à chegada do visitante.

Fernando Brandão

Ambrósio Fernandes Brandão (Portugal, 1555 — 1618) foi um senhor de engenho e escritor português que viveu no Brasil Colonial entre os séculos XVI e XVII e deixou a célebre obra *Diálogos das grandezas do Brasil*, na qual narra sua estada em terras brasileiras. Cristão-novo. Embora tenha sido denunciado perante a Mesa do Santo Ofício em oito de outubro de 1591 pelo padre Francisco Pinto Douzel, vigário de São Lourenço, na Bahia, não há, contudo, notícia de que tenha sido processado pela Inquisição.

Brandão estabeleceu-se na Paraíba, onde escreveu esses diálogos e onde também foi senhor de engenho, além de um dos feitores ou escrivães de Bento Dias Santiago de Pernambuco e Itamaracá. Em 1618, conclui a obra *Diálogos das grandezas do Brasil*, cuja escrita em forma de diálogo era bastante comum na Europa desde a Renascença. Sobre tal obra, o historiador José Honório Rodrigues, em seu livro *História da história do Brasil*, teceu as seguintes considerações:

“...A crônica mais positiva, a descrição mais viva, o flagrante mais exato da vida, da sociedade, da economia dos moradores do Brasil”.

Francisco Adolfo de Varnhagen descobriu, na Biblioteca de Leida, nos Países Baixos, o texto do livro, do qual fez uma cópia em 1874, que serviu para a publicação brasileira de 1930, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, com introdução de Capistrano de Abreu, a quem se deve a comprovação da autoria da obra. Varnhagen deu relevo aos aspectos humanísticos e científicos da narrativa de Brandão e notas de Rodolfo Garcia. Num dos trechos do livro, confrontado pelo seu interlocutor do porquê de no Brasil haver tanta plantação de cana-de-açúcar em detrimento de outras culturas, Fernandes Brandão relata:

(...) no Brazil seus moradores se ocupam somente na lavoura das canas-de-açúcar, podendo-se ocupar em outras muitas cousas. (...) a terra é disposta para se haver de fazer nela todas as agriculturas do mundo pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons céus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares e outros mil atributos que se lhe ajuntam.”

Diálogo Primeiro

“Esta província do Brasil é conhecida no mundo com o nome de América, que com mais razão houvera de ser pela terra de Santa Cruz, por ser assim chamada primeiramente de Pedrálvares Cabral que a descobriu em tal dia, na segunda armada que el-rei Dom Manuel, de gloriosa memória, mandava à Índia, e acaso tocou com esta grande terra não vista nem conhecida até então no mundo, e por lhe parecer descobrimento notável despediu logo uma caravela ao Reino com as novas do que achara e sobre isso me disse um fidalgo velho, bem conhecido de Portugal, algumas cousas de muita consideração”.

(Alviano)

E que é que vos disse esse fidalgo:

(Brandônio)

Dizia-me ele que ouvira dizer a seu pai, como cousa indubitável, que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnânimo rei, e que um astrólogo, que naquele tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por este respeito alevantara uma figura, fazendo computação do tempo e hora em que se descobriu esta terra por Pedrálvares Cabral, e outrossim do tempo e hora em que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta província, refúgio e abrigo da gente portuguesa, posto que a usto não devemos dar crédito, são sinais da grandeza em que cada dia se via pondo.

(Alviano)

Não permita Deus que padeça a nação portuguesa, tantos danos que venha o Brasil a ser o seu refúgio e amparo; mas dizei-me se Pedrálvares Cabral pôs a esta província nome de terra de Santa Cruz, que razão há para nestes próximos tempos, se chamar Brasil, estando tanto esquecido o nome que lhe foi posto?

(Brandônio)

Não o está para com sua Majestade e os senhores dos conselhos; pois, nas provisões e cartas que passam quando tratam deste Estado lhe chamam a terra de Santa Cruz do

Brasil, e este nome Brasil se lhe ajuntou por respeito ao pau chamado desse novo, que dá uma tinta vermelha, estimado em toda a Europa, e que só desta província se leva para lá.

(Alviano)

Pois disse-me agora da grandeza, com que já me tendes ameaçado, desta província chamada Brasil ou terra de Santa Cruz.

(Brandônio)

Tem seu princípio esta terra a respeito do que está em dia, provado dos portugueses, do rio das Amazonas, por outro nome chamado o Pará, que está situado no meio da linha equinocial até a capitania de São Vicente, que é a última das da parte sul da dita linha, e entre esta primeira povoação e a última de S. Vicente há muitas terras fertilíssimas, povoações, notáveis rios, famosos portos e baías, capacíssimas de se recolherem neles e nelas grandes armadas.

Os Missionários

Como pudemos constatar, a atuação dos viajantes leigos aportados no Brasil contribuiu para a formação de uma literatura informativa para a Europa sobre nosso país. Com os missionários, teria início a literatura propriamente brasileira ou “para brasileiros”, como foi a produção de Anchieta. Não obstante, continua ainda, a literatura dos missionários, com caráter descritivo sobre a terra e o povo do Brasil, a exemplo do que haviam feito os viajantes, assumindo lenta e não repetidamente, as características “nacionalistas” que a iriam diferenciar da primeira produção literária no início do século a respeito do Brasil.

Paralelamente à crônica leiga, aparece a dos jesuítas, tão rica de informações e com um *plus* de intenção pedagógica e moral. Os nomes mais significativos do século XVI são os de Manuel da Nobrega e Fernão Cardim, merecendo um lugar à parte, pela relevância literária, o de José de Anchieta.

Padre Manuel da Nobrega

Manuel da Nóbrega (Sanfins do Douro, Alijó, 18 de

outubro de 1517 — Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1570) foi um sacerdote jesuíta português, chefe da primeira missão jesuítica à América. Veio para o Brasil na expedição de Tomé de Souza. Foi o primeiro provincial e superior da Companhia de Jesus. As cartas enviadas a seus superiores são documentos históricos sobre o Brasil colonial e a ação jesuítica no século XVI. Prestou relevantes serviços à Coroa Portuguesa na obra de colonização do nosso país. Auxiliou na fundação de Salvador e do Rio de Janeiro, na luta contra os franceses, encorajando os portugueses a marcharem para o interior em seu trabalho de colonização, dando exemplo e unindo-se a João Ramalho no Planalto de Piratininga, onde, junto a Anchieta, fundou São Paulo.

Suas Cartas do Brasil foram reunidas, pela primeira vez, por Vale Cabral em 1886 e, mais tarde, anotadas em edição da Academia Brasileira de Letras por Afrânio Peixoto. Sua obra traduz conteúdo de cunho moral, histórico e etnográfico, como pode ser observado em sua primeira carta:

“Chegamos a esta Baía a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos em viagem oito semanas. Achamos a aterra de paz e quarentena ou cincoenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de igreja junto da qual logo nos aposentamos, os Padre e Irmãos, em umas casas a par dela, que não foi pouca consolação para nós dizermos missa e confessarmos. E nisso nos ocupamos agora.

É terra muito grossa e larga.

Certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal.

Não se guerreiam (os índios) por avareza, porque não possuem de seu mais do que lhes dão a pesca, a caça e o fruto que a terra dá a todos, mas somente por ódio e vingança, sendo tão sujeitos à ira que se acaso se encontram em o caminho, logo vão ao pau, à pedra ou à dentada, e assim comem diversos animais, como pulgas e outros como este, tudo para vingarem-se do mal de que lhes causam, o que bem deixa ver que não tomaram ainda aquele conselho evangélico de pagar o mal com o bem”.

Nobrega mantém, com outros membros da Companhia de Jesus, uma correspondência informativa sobre o progresso da obra de catequese, a assistência moral e espiritual emprestada do colonizador, sobre a participação que os jesuítas tiveram em acontecimentos históricos etc. Sua obra não foi sistemática do ponto de vista de planejamento orgânico ou de valor literário reconhecível, a não ser a parte das Cartas intitulada *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, onde procura convencer o próprio jesuíta do alto significado humano e cristão da obra catequética, estudando, analisando e defendendo o indígena. Embora não defendesse o estado silvícola e não tenha chegado a proclamar sua bondade, considerava-o um ser humano e o julgava apto para receber os benefícios da civilização.

Padre José de Anchieta

São José de Anchieta SJ (San Cristóbal de La Laguna, 19 de março de 1534 — Reritiba, nove de junho de 1597) foi um padre jesuíta espanhol que ingressou na Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola no Reino de Portugal, ficando a seu serviço, e um dos fundadores das cidades brasileiras de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Foi o primeiro dramaturgo, gramático e poeta nascido nas Ilhas Canárias. Foi autor da primeira gramática da língua tupi e um dos primeiros autores da literatura brasileira, compondo inúmeras peças teatrais e poemas de teor religioso e uma epopeia.

Considerado santo pela Igreja Católica, foi beatificado em 1980 pelo papa João Paulo II e canonizado em 2014 pelo Papa Francisco. É conhecido como o Apóstolo do Brasil por ter sido um dos pioneiros na introdução do cristianismo no país. Em abril de 2015, foi declarado co-padroeiro do Brasil na 53ª Assembleia Geral da CNBB.

É o patrono da cadeira de número um da Academia Brasileira de Música. Em 2010, seu nome foi inscrito no Livro de Aço dos heróis nacionais do Brasil, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves.

Anchieta não se destacou como literato no rigor artísti-

co, mas soube atingir, através da linguagem clara e singela, o primitivismo e ingenuidade do indígena. Através de sua obra, procurou, sobretudo a evangelização do silvícola. Colocou a serviço de sua produção humanística todos os seus conhecimentos de filologia e estilística. Escreveu em latim, tupi, português e espanhol. Suas obras oscilam entre uma grande simplicidade e uma psicologia penetrante.

Produziu a primeira “literatura para brasileiros” em contraposição com o grosso da produção dominante da época, que se caracterizava e restringia a levar informações do Brasil para a Europa.

Uma visão de sua obra em prosa e poesia:

O Cauim

“São (os Brasis) muito dados a vinho, o qual fazem das raízes de mandioca que comem, e do milho e outras frutas. Este vinho fazem as mulheres, e depois de cozidas as raízes ou o milho, o mastigam porque com isso dizem que lhes dão mais gosto e o fazem ferver dois dias; o bebem quase quente porque assim não lhes faz tanto mal nem os embebeda tanto, ainda que muitos deles, principalmente os velhos, por muito que bebem, de maravilha não perdem o siso, ficam somente quentes e alegres. Com o vinho das frutas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco e somente o tempo que lhes duram; mas o vinho comum das raízes e milho bebem tanto que às vezes andam dois dias com as suas noites bebendo, e às vezes mais, principalmente nas matanças dos contrários e todo o tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir. Este vinho comumente o fazem grosso e basto, porque juntamente lhes serve de mantimento e quando bebem nem outra coisa comem. E da mesma maneira quando comem curam de ter vinho nem água para beber, nem tem trabalho nisso e algumas vezes acabando de comer, se não tem água em casa, se vão à fonte a beber, e às vezes à noite com um tição de fogo na mão principalmente os que não tem mulher, mãe ou irmã que lhes traga água. E nisto nenhum trabalho tem, e quase não fazem diferença de boa ou má água, com qualquer se contentam”. (Informações e fragmentos históricos – Rio 1886)

Da ressurreição

*Ó mãe sempre virgem, ó virgem fecunda,
De nossos prazeres cansamos, ó Ave!
Com que quis fechar-se no vosso conclave
O Verbo, do Padre pessoa segunda.*

*De novo, Senhora, recebe noss'alma
Ó Ave sagrada de eterna harmonia!
Pois o que foi morto, com grande alegria.
A morte vencendo, ressurgue com palma.*

*As chagas cruentas das mãos delicadas
Vem mais rubicundas que todas as rosas
Para que por ela se tornem formosas
As almas que foram da culpa afeiadas.
O peito sagrado com lança rompido,
Que para voss'alma foi bravo cutelo
Com raios de glória ressurgue tão belo
Que tem vossas dores de todo vencido.*

*Ó Madre de Vida, pois tendes tal dia,
Fazei-nos dar vida, que mortos jazemos,
E livres da morte, com Jesus tornemos
À vida da graça com toda a alegria.*

Conclusão:

Este foi um balanço da prosa dos viajantes e missionários que, com determinação e pioneirismo, deixaram-nos este legado na literatura informativa e descritiva, permitindo-nos admirar e percorrer, com suas narrativas, os caminhos deste primeiro século e meio da vida colonial no Brasil, dando-nos elementos para entender o puro caráter infor-

mativo e referencial predominante, que pouco se alteraria até o advento do estilo barroco. **T**

Maria Zulema Cebrian
Cadeira 03 – Guilherme de Almeida

Bibliografia:

Varnhagen, História Geral do Brasil. Tomo primeiro, edições melhoramentos.
Peixoto Afrânio, Panorama da Literatura Brasileira, Cia Ed. Nacional SP, 1947
Bossi, Alfredo, História Concisa da Literatura Brasileira, Cultrix, 1994

CONVERSÃO DE UM AUTO RELIGIOSO EM UM AUTO FOLCLÓRICO”

*Valdivia
Beauchamp*

Em se tratando de um Mundo Novo que, neste século XXI, é o maior paradoxo ao se contrapor contra princípios e valores com os quais fomos criados, assim como também ao presenciarmos um reboiço social a favor da luta pela extinção da igreja, e mesmo sem trazer uma plataforma com alguma coerência, gostaria de ressaltar aqui, em poucas páginas, algo que nos dava prazer de ler, ter ilusões ao se deleitar em texto de autores brasileiros tão queridos e respeitados, dentre os quais evidencio Ariano Suassuna.

A influência de elementos medievais é bem evidente quando utilizados no teatro, e pode manifestar-se no folclore e na sátira. Neste caso, a função do teatro popular, por se concentrar no gênero irônico, alegórico, farsa e com diálogo coloquial, ao receber essas influências, que com sua multiplicidade de estruturas o enriquece, recebe o nome de folclore. Este trabalho versa sobre o “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, peça que concentra o núcleo mais autêntico do folclore nordestino brasileiro.

Histórico

O Auto Religioso, que hoje dentro da literatura é considerado como representação litúrgica, tem suas origens muito remotas. Entendem-se que estes primeiros dramas (autos) medievais preservaram as apresentações dos três principais festivais anuais da igreja, quais sejam: a Páscoa, o Natal e a Epifania. Alguns estudiosos afirmam que esses dramas eram dedicados exclusivamente aos assuntos eclesiásticos, ou seja, à divisão anual dos assuntos da igreja, (seus costumes litúrgicos, a língua usada e os hinos da Igreja Católica). Porém, ainda em sua subdivisão, encontramos dramas litúr-

gicos que versam sobre Pentecostes e a Ascensão. Note-se que os que mencionam a Virgem Maria versam dos séculos IX e X, e os da Purificação, Visitação, Assunção, Nascimento do menino Jesus e os de São João Batista vieram depois, sendo os últimos do final do século XI e começo do XII. (1) Os *Tropos* e as *Homilias*, dos quais se destacam: “*Quem Querites Trope*” (da Vulgata), que possivelmente se desenvolveu com a missa da Vigília de Páscoa, assim como o “*Officium Sepulcri*”, não deixam de ter sua importância dentro desse quadro. Há registro de muitos outros que obviamente foram escritos em mosteiros como o de Santo Domingo de Silos, na Espanha e o “*Officium Pastorum*”, no século X, em Coimbra.

O “*Auto dos Reis Magos*” teve seu título atribuído de acordo com o tema, visto que o fragmento deste manuscrito originalmente não trazia título. O berço dos dramas medievais foi obviamente a Igreja, e a liturgia da Igreja católica, ainda hoje, mantém uma enorme gama de assuntos dramáticos, como por exemplo: as canções pela congregação; as leituras recitativas em passagens, como na história da Paixão de Cristo; solenes procissões e espontâneos atos mímicos contribuindo para esta forma dramática, sem que nos deixe notar certas peculiaridades, por motivo de automatização dos mesmos. Nessas, a ornamentação, o embelezamento e as muitas cores nas igrejas, durante seus festivais, podem ter sido e ainda ser o principal fator que provoca a emoção dos fiéis. (2). Os diálogos recitativos foram baseados em textos bíblicos e na iconografia da representação, onde se tem o dramático núcleo que envolve a pantomima, o épico e o elemento lírico. (3) Esses evocam o Velho Testamento e possivelmente surgiram depois do sermão de Santo Agostinho. Estudos mais recentes trazem outra teoria, apontam a sequência dos *Tropos* como uma constante em sua apresentação, parte ortodoxa da liturgia, afirmando que, mais tarde, os referidos tropos foram elaborados num diálogo com música antifônica. Por exemplo, quando a cena dramática era muito longa para ser inserida na missa, esta apresentava-se como Ordenança. Daí para os espetáculos dos Autos serem apreciados no pátio da igreja foi um pulo. Em consequência, os Autos se proliferaram em língua vernacular, para que estivessem ao alcance da audiência iliterata.

O precursor do Auto Religioso no Brasil foi Padre José de Anchieta, espanhol de Tenerife, que, como sabemos, chegando ao Brasil, muito jovem, dedicou-se a aprender as línguas tupi e portuguesa, aproveitando-se desses conhecimentos para escrever suas peças didáticas (4), as quais tinham o mesmo estilo das de Gil Vicente. Traziam o uso da canção popular religiosa. Seu primeiro Auto, em 1561, no pátio de uma igreja, teve o nome “Pregação Universal”. Desde Anchieta, essa tradição vem sendo mantida principalmente no Nordeste do Brasil, sendo vista como forma teatral: “Lapinhas”, “Pastoris”, “Fandango”, “Bumba meu Boi” e outros. A conclusão de muitas pesquisas e comparações define o Auto Folclórico como uma peça que aparentemente apresenta características do Auto Religioso Medieval, ao mesmo tempo que incorpora elementos folclóricos, regionais e populares, com temas atuais e elementos de farsa. Notemos ainda que, no Folclórico, o intercâmbio de propósitos resulta numa farsa ou sátira de aspectos da sociedade, cujos recursos cômicos sempre provocam humor. O Auto Religioso é basicamente didático.

Auto da Compadecida

Peça híbrida. Apresenta aspectos religiosos e folclóricos, resumindo sua estrutura em um ciclo: Vida, Morte, Juízo, Recompensa e Ressurreição. Veremos estes elementos e outros numa breve comparação com folhetos e com a estrutura da trilogia das Barcas: “Barca do Inferno”(1516), “Barca do Purgatório” (1518), e a “Barca da Glória” (1519), de Gil Vicente, uma só obra dividida em três cenas, das quais se valeu seu autor, para aplaudir não só a política de extensão de seu país, como denunciar a corrupção imperante (críticas ao clero, imputando-lhe amor às coisas, matérias), todavia sempre defendendo o catolicismo tradicional. Com as poucas páginas que me foram concedidas, tentarei fazer uma comparação entre o Auto Folclórico de Ariano Suassuna, e o Auto Religioso de Gil Vicente (As Barcas).

No Auto da Compadecida, apreciaremos como Suassuna tece a riqueza e as evidências de autêntico material regional, permeando as formas tradicionais religiosas medievais. Ao focalizar a VIDA, tanto Suassuna, como Gil Vicente, dão a seus personagens independência, ou seja, cada personagem

é responsável por seus próprios atos, para com a ressonância religiosa cuja eterna preocupação é a salvação do homem por intercessão direta de Cristo. Gil Vicente, por exemplo, na “Barca do Purgatório”, faz alusão a uma viagem ao inferno, e aqui os personagens (os imperadores, sacerdotes e o Papa) se arrependem de seus pecados, aceitando seu destino com resignação, falando em suas próprias defesas. Já, no folclórico “Auto da Compadecida”, notamos uma grande dinâmica durante toda a peça, todos os personagens interagindo entre si e o meio ambiente. Chico/Auto da Compadecida: “É verdade, o cachorro morreu. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável... aquele fato que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre”(5) O protagonista é João Grillo, que, durante toda peça, luta para sobreviver. Ele mesmo é projetado na peça como o arquétipo do pícaro brasileiro, o famoso “amarelinho”, cuja regra de comportamento é o “jeitinho”.

Presenciamos tipos de relacionamentos entre personagens e animais, vida e sobrevivência dos mesmos. Este tipo de inter-relação é comum às fábulas, onde o folclore se destaca na relação cultural. Suassuna faz alusão as tradições orais, transferindo-as para a história do cachorro, o que não deixa de ser uma alusão à “Missa dos Cachorros”, festa, onde, no dia de São Roque (16 de agosto), os cães são alimentados como gente, e recebem celebração de missa como se tivessem alma. Mark Curran, em sua tese de PhD, minuciosamente tenta explicar que o Auto da Compadecida e suas estórias são similares às fábulas de Poggio de Florentina que, possivelmente, são tradições das fábulas de Esopo. (6)

Ele também explica que vários episódios dessa peça foram extraídos das tradições orais nordestinas, ou seja, da literatura de cordel ainda atual no Nordeste do Brasil, cujos temas continuam latentes. Este tipo de literatura de cordel, em épocas medievais, esteve sempre estruturada para que o receptor a recebesse através da voz de um intérprete, o rapsodo, menestrel ou o jogral. Curran, em seus estudos, acusa Suassuna de utilizar alguns folhetos: “O gato que descomia dinheiro”, “O cavalo que defecava dinheiro” e “O castigo da

Soberba”, no feitiço de sua Compadecida, principalmente na terceira parte de seu Auto Folclórico. De acordo com Curran, todos os temas encontrados nos folhetos são análogos ao da peça. Julgamos, porém, que, com este ato, buscava Suassuna o que há de mais autêntico no folclore Brasileiro.

Observemos um fragmento do folheto “O Castigo da Soberba”. (Entremez Religioso, escrito a partir de dois folhetos de Literatura de Cordel do Nordeste). *Alma: Mãe, eu me lembro que um dia numa casa no sertão, estava o povo rezando à senhora uma oração, e eu ouvi, com muito gosto, com meus joelhos no chão. A Virgem: Meu filho e meu Rei divino, vim lhe fazer um pedido, por esta Alma que chegou lá do Mundo corrompido! Não havendo compaixão o Céu lhe estará perdido! Jesus: Mas minha mãe, tudo é claro pra quem deseja saber! Lá deixei o Livro, a Bíblia, que ensina a proceder e a Igreja interpretando para erro não haver! A Virgem: Meu filho, perdoe esta alma, tenha dela, compaixão!* Nesses fragmentos e durante todo o trabalho de (“O Castigo da Soberba”), deleitamo-nos com um tema folclórico que exalta a misericórdia. Nesse folheto, o poeta também demonstra ser tipicamente nordestino. Por ser convencional, o poeta de cordel “não abre mão de sua condição de homem mandão”: suas ideias, seu linguajar gira em torno do condicionamento de “homem bravo” deixando fluir com toda sua espontaneidade.

O poeta popular é sempre a favor da igreja, e sempre amigo do cura de sua paróquia, sem esquecer que também é sempre a favor do governo, expressando com sua linguagem própria os desejos do povo da região principalmente, ajudando a eleger seus conterrâneos, através das estórias de seus folhetos, durante os ciclos de eleições. A importância da igreja é primordial dentro da literatura popular. Já Suassuna dá um tom mais sarcástico a seus personagens clericais, que também não fogem aos preceitos da igreja, mostrando-se preocupados com a misericórdia: Padre: “*Uma vez estudei uma lição sobre isso e sei que em Deus não existe contradição entre a justiça misericórdia*”.(7) O autor trata o tema da misericórdia, de acordo com sua própria classificação dentro de sua “composição poética”; porém, utiliza-se de um processo análogo ao dos Autos Sacramentais, qual seja o ciclo religioso de moralidade.

Comparando, o poeta popular do folheto “O Castigo da soberba”, entra na mesma estrutura cíclica, ou seja: vida – morte – juízo – recompensa – ressurreição, como nos Autos de Gil Vicente. Suassuna explora esta temática de uma maneira muito cômica. A *Compadecida*, em sua obra, ajeitou a vida de todos os incrédulos e corruptos. Outro assunto muito interessante na literatura de cordel é a presença demoníaca. O Diabo é figura constante dentro da cultura popular do nordeste brasileiro. E, em sua construção, no domínio das técnicas de versificação, o poeta popular metrifica seus versos, manifestando nítida consciência de fenômenos fonéticos que ocorrem principalmente na pronúncia, através da fala.

No Auto da *Compadecida*, a *Compadecida*: “intercede por esses pobres que não tem ninguém por eles meu filho. Não os condene”. (8). A peça foi estruturada para o público ouvir o sotaque Nordestino, em sua fala. Isso nos leva a concluir que o Padre José de Anchieta, no século XVI, consciente da exigência da língua vernácula, procurou caminhos para combinar o desejo de ajustar a matéria sagrada à fala e a vida daqueles que ignoravam o latim. (9)

No Nordeste do Brasil de hoje, os repentistas e cantadores substituem a figura do jogral. Esta obra de Suassuna é de grande riqueza folclórica por ter sido captada através das histórias contadas “por boca” e transmitidas *in loco* por um povo esquecido e pobre, que expõe caricaturas da região, de tipos conhecidos como: o sacristão, o cura (padre), bispo, cangaceiros, clamando ao mundo, principalmente, que o dinheiro controla tudo.

Voltando a focalizar o Auto Religioso em Gil Vicente, mais particularmente a “Barca do Inferno”, também notamos certa comicidade. Por exemplo, quando Gil apresenta o comportamento de seus personagens, ao não se arrependem de seus atos. Ele torna a cena bastante pitoresca, mas, apesar de alguns aspectos cômicos no Auto Religioso, sua essência está relacionada com o conceito de MORTE, da “Dança Macabra”. Alguns estudiosos de Gil Vicente, confirmam, que em suas fontes bibliográficas teológicas, estava incluída a “Dança Macabra”. Hans Sperber vai mais longe e cita sua origem etimológica, proveniente de tradições semi-

teológicas sobre os “Macchabees”, de maneira que “há uma conexão entre ideia e costumes populares que focalizam o “Dia de todos os Santos”. (10) Na “Dança Macabra”, a ideia de morte durante a Idade Média dava ênfase à decomposição física, daí Gil Vicente se utilizar, no “Auto das Barcas”, de elementos cômicos para aliviar a ideia da morte em seu contexto. Já no Auto Folclórico, a MORTE é driblada, possivelmente em função da cultura: *Severino /Compadecida: “Uma gaita? Para que eu quero uma gaita? Para nunca mais morrer dos ferimentos que a polícia lhe fizer”*(11) Suassuna, todavia, não dá ênfase à decomposição, nem tampouco seus personagens se recusam a morrer, e este entrelaçamento entre acontecimentos de teor sério e cômico traz, ao espetáculo folclórico, uma originalidade que é complementada através da semiótica linguística (propositalmente como já havia explicado, a peça toda é falada com um carregado sotaque nordestino).

Quanto ao aspecto religioso, ao focalizarmos e compararmos os personagens do Auto da “Barca da Glória”, ao da “Compadecida”, notamos que os personagens do primeiro estão menos individualizados do que os das outras cenas das “Barcas”. O aspecto teológico é mais evidente. O autor se preocupou em nos mostrar que, nesta última cena, os personagens já não procuram se defender das acusações do Diabo, pois conscientes de seus pecados, encaram o JUIZO de uma maneira mais séria. No “Auto das Barcas”, os personagens se compenetraram de seus pecados, já certos de que, ao se despojarem deles, terão uma recompensa, a RESSURREIÇÃO. Daí anseiam se identificar com Deus. No Folclórico de Suassuna, a RECOMPENSA é representada de uma maneira muito burlesca.

O padre vai para o céu. João Grilo anuncia que eles foram salvos pela misericórdia, pois se tivessem sido julgados pela justiça, toda a nação seria condenada (crítica social). Ainda dentro de sua temática, Suassuna trata o tema dentro de uma classificação própria, ou seja: ciclo religioso de moralidade com a intercessão da Virgem, que é interpretada por meio de alegorias e glosas feitas pela própria Virgem, como no caso dos milagres de Berceo. Todavia, o “milagre “per-tence a seu autor, Suassuna, que soube fundir com tamanha

propriedade o humor farsesco e a devoção, o desrespeito pelas aparências e o respeito pelo que o catolicismo possui de mais profundo e essencial, o contraste entre a fraqueza humana e a força divina, onde no final todos são perdoados porque a justiça cristã se confunde com a misericórdia.

Encontramos, contudo, outros elementos nos Autos Religiosos, que são a INTERCESSÃO, o DIABO, e a PREDESTINAÇÃO, conforme a tradição bíblica. Já no Folclórico de Suassuna:

A Intercessão - Através de mecanismos literários, enfatiza o tema da misericórdia. A Virgem sempre consegue que seu Filho conceda a salvação. Esta temática é explorada de uma maneira muito cômica, ou seja, a Compadecida, em sua obra, ajeta a vida de todos os incrédulos e corruptos.

O Diabo -Muito frequente na literatura de Cordel é a presença do diabo. Nos folhetos, muitas vezes, é figura de grande destaque, sendo materializado pelo poeta, que o torna um personagem. Suassuna o coloca na categoria dos notáveis, faz dele um juiz, porém ligando-o sempre às crendices, medos, vindos em forma de “encourado”, “cangaceiro”, “vaqueiro”, e outros tipos também criativos.

A Predestinação - Para uma grande comoção pública, um grande mistério. O “Auto dos Reis Magos” é um perfeito exemplo, dentro daquele invólucro de simbolismo e espiritualidade, despertando sentimentos. Porém na Compadecida, seu protagonista, João Grilo, tenta confundir a Deus demonstrando sua sapiência profana. O tom do fragmento é satírico, mais uma vez deixando-nos concluir que o autor culpa a igreja católica por seu controle sobre aquelas pobres criaturas nordestinas. Sentimos em várias passagens da peça seu teor dubio, além de dúvidas religiosas. Diga-se de passagem, Suassuna vem de uma família protestante.

Conclusão

Os dramas litúrgicos têm por obrigação mostrar a presença de Deus na vida cotidiana, e como já entendemos, seus personagens vivem os personagens das escrituras. Com toda a grandeza do ideal do Auto Religioso, em contraste com sua pequenez em seu entendimento humano, os personagens da Compadecida são folclóricos, quase que anticris-

tos, visto que o autor se vale da dramaticidade para mostrar um povo simples, excluindo nitidamente uma religião solene, burocrática e pomposa. *Compadecida*, comparando-se com as mulheres, dando a entender que compartilha dos sofrimentos delas aqui na terra. O diabo por sua vez é o arquétipo do cangaceiro. Os eclesiásticos são todos corruptos, propositalmente contrastando com a humildade dos santos, o que não deixa de ser uma sátira ao procedimento da igreja. João Grilo e Chicó, seu aprendiz, dão-nos a ideia mais clara do quadro de costumes e tradições brasileiras ao representarem a sagacidade intuitiva dessa gente. O palhaço é o porta voz do autor, que, como na Idade Média, era chamado de “Prólogo”. Se voltarmos aos nossos alfarrábios, vemos que o momento do drama da Idade Média era na realidade de culto; a ação, os gestos, os diálogos e cantos alternados se faziam com grande reverência perante Deus. Porém, com o passar dos anos, na medida em que esta necessidade transmitia o Divino, mais o sacerdote se convertia em intérprete (tanto dentro como fora da igreja) oculto em drama, e o cenário desta maneira ia se transformando em ato estético.

Outra vez, o “Auto dos Reis Magos” é um dos melhores exemplos para se estudar a técnica da divisão do palco, que obviamente se destinava a apresentar as cenas, neste caso em particular, em cinco partes. (12). *Compadecida* foi dividida, e apresentada como um circo ou uma feira livre. No primeiro plano se vê a igreja; no outro, um lugar abstrato (um tribunal de um juiz) com uma linguagem puramente nordestina, dando-se ênfase ao que há de mais demótico, ou mais característico e nato dali. O autor projeta então, através desses recursos, as dores da frustração, da miséria e as tradições (canções populares), que são o alicerce cultural para a definição da mentalidade e grau social de um povo. “Que aperreio é esse? A desgraça agora foi que começou” (13). A apresentação da música com artifícios visuais, com o coro ajudado por figuras alegóricas, transmitindo formas ainda mais amplas e complicadas de temas do Velho e Novo Testamentos, dentro ainda de um cenário pomposo, estabeleciam, na Idade Média, um primitivo ato litúrgico. No Auto da *Compadecida*, entretanto, o autor elabora esses recursos simplesmente fazendo alusão a um circo, com seus

saltimbancos, desfiles, movimentos e intenções exageradas. O Frade aponta o Palhaço e dispara na risada, tapando a boca com a mão, mas o Bispo o olha severamente; o Frade baixa a cabeça intimidado. Nova curvatura do Palhaço, novo gesto do Bispo. Durante toda a peça está presente a dicotomia entre a força do bem e do mal, principalmente em recursos empregados pictoricamente como as pancadas de sino durante o julgamento. O “Auto da Compadecida” nos faz voltar às origens do cordel, desde as estórias transmitidas oralmente através de seus rapsodos, passando pelo feitio de seus folhetins pendurados nos cordões durante a secagem da tinta, até seus menestréis dentro do teatro brasileiro. **¶**

Valdivia Beauchamp

Sócio Correspondente

(1). Karl Yung. *The Drama of the Medieval Church*. Oxford, Clarendon, 2 vols. 1967;(2) Dominique Berger Blandine, *Le Drame Liturgique de Paque du X e au XIII siecle*. Liturgie et Theatre. Paris Beauchesue, 1976;(3) Hermilio Borba Filho, *História do História* Cruzeiro, RJ, 1968;(4) Jose de Anchieta. Originais acompanhados de tradução versificada (introdução e nota de Armando Cardoso) Edições Loyola, SP,1977.”(5) Ariano Suassuna, em Teatro Moderno: *Auto da Compadecida*, Agir, RJ, 1957. (6) Mark Curran, em *Leandro Gomes de Barros, and the Literature of Cordel of Northeast of Brazil*. Saint Louis University, MO, 1968. (7) Suassuna Suassuna, *Auto da Compadecida*, pg.167.O(8) ID.ib. p.174; (9) Margherita Morreale, em *El Canon de la misa en Lengua Vernacula y la Biblia Romanceada del siglo XIII*. Hispana Sacra, XV, 1962. (10) H. Sperber, em *The Etymology of Macabre*, em *Studia Philologica el Littraria in Honoren L. Spitzer*, ed. A.G. Hatcher y K.L. Seling (Berna,1958), 401”(11) ID.Ib.P.121. (12) Hermilio Borba Filho, em *História do Espetáculo*, Edições Cruzeiro, RJ, 1968;(13) ID.Ib. P82

DIREITOS AUTORAIS: VALDIVIA S. BEAUCHAMP / hellofrombeauchamp@yahoo.com

“ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA”, DE CECÍLIA MEIRELES - RESGATE POÉTICO DE UMA PENOSA HISTÓRIA

*Eva Bueno
Marques*

Ainda dentro das comemorações dos cento e vinte anos do nascimento da grande poetisa Cecília Meireles (7/11/1901 - 9/11/1964), é importante falarmos sobre o seu livro “Romanceiro da Inconfidência” que, para alguns críticos, é considerado a sua obra mais notável, para a qual ela dedicou vários anos de sua vida, aprofundando-se em pesquisas, penetrando na história da Inconfidência Mineira, movimento ocorrido na cidade de Vila Rica, hoje Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, no final do século XVIII, mais precisamente no ano de 1789.

Esse movimento aconteceu pela revolta da elite da capitania de Minas Gerais com a cobrança abusiva de impostos pela coroa portuguesa, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. Os principais vultos desse movimento foram o Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), o minerador Alvarenga Peixoto, os poetas árcades Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, Padres Rolim e Toledo etc.

A sentença dos inconfidentes foi dada em 1792, e foram condenados ao degredo (expulsos do Brasil), enquanto a sentença de morte foi mantida para apenas um: Tiradentes, porque não pertencia à elite mineradora e não tinha, portanto, influência na Coroa, e por se declarar abertamente membro do movimento, o que significou uma ameaça por instigar a ideia da conspiração.

Assim, Tiradentes foi usado como bode expiatório pela

Coroa Portuguesa. Foi enforcado, esquartejado e teve as partes expostas pela estrada que levava a Ouro Preto. Sua condenação foi usada como demonstração de força da Coroa para evitar futuras rebeliões. Mais tarde, Tiradentes foi exaltado como um mártir e herói do movimento republicano.

Como Cecília, que nascera e vivera na cidade do Rio de Janeiro, foi seduzida por uma história acontecida em Minas Gerais, há mais de cem anos antes de seu nascimento? Que luta pela liberdade teria sido essa que tanto despertou o interesse de nossa querida poetisa?

Em 20 de abril de 1955, Cecília Meireles proferiu, na Casa dos Contos, na cidade de Ouro Preto, a conferência “Como escrevi o Romanceliro da Inconfidência”, em que ela descreve com exatidão como foi seduzida pela Conjuração Mineira e abandonou seu ritmo normal de trabalho para dedicar-se exclusivamente às pesquisas do movimento, que reviveu no espírito e conseguiu, com sua habilidade de grande poetisa, trazer à luz uma história com o lirismo de seus tão perfeitos versos. Carlos Drummond de Andrade disse, certa vez, que Cecília não deixou mais nada para nenhum outro escritor dizer sobre a Inconfidência Mineira, sua obra completa abrangeu em detalhes todo o movimento, de maneira brilhante. Acrescentemos ainda ao seu valioso trabalho, um maior brilho pela escolha em discorrer sobre um movimento fracassado à época, pela delação de Joaquim Silvério dos Reis, para se livrar das dívidas pessoais que havia adquirido com a Coroa Portuguesa. Cecília não exaltou uma vitória, pois não existiu, mas uma luta árdua, uma dedicação de vidas em prol da liberdade de um povo acometido pelos exageros e desmandos da Coroa, apontando o ideal de liberdade como meta de vida, enaltecendo o exemplo que deixaram. Quis mostrar o intervalo penoso, o caminho do calvário, mesmo com o final de morte e degredos, mas registrou, sob a ótica da poesia, uma vitória altaneira de ideal, como uma semente, que fecundou trinta anos depois e acabou levando, mais tarde, o Brasil à sua independência de Portugal, em 1822.

Diz ela em sua conferência que, como jornalista, foi fazer a cobertura de uma Semana Santa em Ouro Preto. Mas

aquela cidade a atraiu de forma mágica e ela, inexplicavelmente (profundamente sensível), foi seduzida por fantasmas diluídos naquele ar denso que envolvia tudo e que se misturaram às imagens naquelas procissões. O magnetismo de cada construção, um chamado em cada esquina, prenderam-na a um passado que ela teria que desvendar com o seu espírito investigativo; ela, uma poetisa que se caracterizava por versejar sobre a brevidade do tempo e a fugacidade da vida. Foi assim que os cortejos que subiam aquelas ladeiras seguiram com ela, mas com os sussurros dos fantasmas que imploravam, num apelo irrecusável, que ela contasse as suas histórias e, então, nossa sensível poetisa resolveu viver novamente os passos de cada figura daquela Conjuração, com suas histórias, seus sonhos, lutas e tragédias. Foi assim que ela se debruçou sobre essa saga do passado e resgatou cada personagem com sua triste e penosa história e, segundo a autora, “*cada poema foi-se compondo e procurando a forma condizente com sua mensagem*”. E o Romanceiro da Inconfidência, livro admirável, foi publicado em 1953, um presente para o nosso deleite.

“Tudo parece impregnado de um mistério claro, desejoso de revelar-se e de se fazer compreender.”

Para elucidar o título, faz-se necessário dizer o que é um Romanceiro. Na idade média, em Portugal e Espanha, os poemas curtos de caráter narrativo, épico, com histórias de um povo ou de uma nação eram chamados de Romances, e o conjunto de Romances, um Romanceiro, portanto.

Ela usou essa técnica. Não se confunda com o gênero atual de histórias em prosa.

O Romanceiro da Inconfidência é composto por 85 Romances (poemas), numerados com algarismos romanos, escritos em redondilha menor (5 sílabas poéticas) redondilha maior (7 sílabas poéticas), decassílabos, tercetos e falas.

Em relação à estrutura, tem uma linguagem formal e com o uso de rimas. Não é um trabalho documental apenas, mas com muita subjetividade, que nos leva à reflexão. Ele não julga, não aponta culpados, não acusa erros ou acertos, mas fornece, por meio de uma história, uma análise sensata e serena do que foi o movimento da Conjuração Mineira.

Para melhor compreensão da obra, os críticos estabeleceram uma divisão dos 85 romances nas cinco partes seguintes:

A primeira parte (do romance um ao 19) fala sobre o ciclo do ouro, das alegrias e tristezas associadas à exploração do metal, da ganância e morte. Um pai que matou a própria filha porque ela se apaixonou por um pobre. Fala também sobre Chico-Rei, João Fernandes e Chica da Silva, das lamentações no Tejuco e dos maus presságios.

Romance um ou da Revelação do Ouro:

*“...Que a sede de ouro é sem cura,
e, por ela subjugados,
os homens matam-se e morrem,
ficam mortos, mas não fartos.”*

Romance 18 ou dos Velhos do Tejuco:

*...(Que tudo passa...
O prazer é um intervalo
na desgraça...)*

*...(Que tudo engana.
Gente, só a morte, mesmo,
é soberana!)*

*...(Que a nossa vida
é a mesma coisa que a morte,
- noutra medida...)*

A segunda parte (do romance 20 ao 47) é o movimento em si, as reuniões secretas, os planos contra o governo, o romance da denúncia de Joaquim Silvério, das velhas piedosas, dos tropeiros, do Padre Rolim, do Caixeiro Vicente,

da Semana Santa de 1.789, das conversas indignadas, da ideia da Bandeira da Inconfidência.

Romance 24 ou da Bandeira da Inconfidência:

*... "Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio...
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam...
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença."*

Romance 31 ou de Mais Tropeiros:

...”Por aqui passava um homem

- e como o povo se ria! -

“Liberdade ainda que tarde”

nos prometia.

E cavalgava o machinho.

E a marcha era tão segura

que uns diziam: “Que coragem!”

E outros: “Que loucura!”

A terceira parte (do romance 48 ao 64) traz os desdobramentos da Inconfidência, mortes de Tiradentes e de Cláudio Manoel da Costa. Romances das sentenças, das palavras aéreas, do enxoval da noiva Marília interrompido, que o poeta Gonzaga bordava, da reflexão dos justos, da arrematação dos bens do Alferes, do caminho da forca, do silêncio do Alferes etc.

Romance 53 ou das Palavras Aéreas:

...” Ai, palavras, ai, palavras,

que estranha potência, a vossa!

Ai, palavras, ai, palavras,

sois de vento, ides no vento,

no vento que não retorna,

e, em tão rápida existência,

tudo se forma e transforma!”

A quarta parte (do romance 65 ao 80) fala da vida de Tomás Antônio Gonzaga, do seu exílio para Moçambique e sobre a sua inconformada noiva Maria Dorotéia das Seixas, a famosa Marília de Dirceu. Vemos também o Romance

de Juliana de Mascarenhas, a jovem com quem Tomás Antônio Gonzaga se casou em Moçambique, no exílio; Bárbara Heliodora e Maria Ifigênia, esposa e filha de Alvarenga Peixoto, da morte de Maria Ifigênia, enterro de Bárbara Heliodora.

Romance 73 ou da Inconformada Marília:

*...” Ah quanta névoa de tempo,
longamente acumulado...
Mas os versos, mas as juras,
Mas o vestido bordado!
Bem que o coração dizia
- coração desventurado -
Talvez se tenha esquecido...
Talvez se tenha casado...
Seu lábio, porém, gemia:
Só se estivesse alienado!”*

Romance 78 ou de um Tal Alvarenga:

*...” Era ele o tal Alvarenga,
que, apagada a glória antiga,
rolava em chãos de masmorra
sua sorte perseguida.
Fechou de saudade os olhos.
Deu tudo, o que tinha: a vida.”*

A quinta e última parte (do romance 81 ao 85) é uma homenagem aos inconfidentes, com a exaltação à luta deles e o desprezo aos que tentaram impedir o movimento, A Rainha louca, os Cavalos da Inconfidência (a participação do animal na vida brasileira da época), Testamento de Marília, e termina com a fala aos Inconfidentes mortos.

Romance 84 ou dos Cavalos da Inconfidência:

*...” Eles eram muitos cavalos,
entre sonhos e contrabandos,
alheios às paixões dos donos,
pousando os mesmos olhos mansos
nas grotas, repletas de escravos,
nas igrejas, cheias de santos.”*

Personagens da obra Romanceiro da Inconfidência:

Inácio José de Alvarenga Peixoto (tenente-coronel da cavalaria e poeta);

Bárbara Heliodora (mulher de Alvarenga Peixoto);

Chico-Rei (foi um príncipe africano, capturado e enviado ao Brasil como escravo; conseguiu com muito trabalho comprar a sua alforria e acabou comprando uma mina e a alforria de muitos outros escravos);

Cláudio Manuel da Costa (enforcou-se poucos dias depois de ser preso);

Conde de Assumar (era governador de Minas na época);

Conde de Valadares (nobre português e governador da capitania de Minas Gerais);

João Fernandes (contratador de diamantes);

Chica da Silva (foi uma escrava comprada pelo rico contratador de diamantes João Fernandes, que a alforriou e com quem viveu maritalmente e tiveram 13 filhos; ela tornou-se uma das mulheres mais ricas do Brasil e com muito poder gozou de todos os privilégios que o dinheiro do marido lhe proporcionou, ascendendo socialmente e integrar-se à elite colonial);

D. João V (rei de Portugal de 1.706 a 1750);

Filipe dos Santos (chefe rebelde, que foi enforcado e esquartejado);

Francisco Antônio (coronel, fazendeiro e minerador, implicado na Inconfidência Mineira);

Joaquim Silvério dos Reis (o principal delator);

Inácio Pamplona (comerciante e bandeirante português, um dos delatores);

Caixeiro Vicente (outro delator);

Juliana de Mascarenhas (jovem que acabou casando-se com Tomás Antônio Gonzaga, em Moçambique);

Maria Ifigênia (filha de Inácio José de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliadora);

Maria Joaquina Dorotéia das Seixas (a Marília, noiva do poeta Tomás Antônio Gonzaga);

Padre Rolim e Padre Toledo (presos e enviados para Lisboa);

Príncipe Dom José (filho primogênito da rainha D. Maria I);

D. Maria I (rainha de Portugal, que morreu louca, no Brasil);

Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes, alferes da cavalaria, figura de maior significação histórica no drama da Inconfidência);

Tomás Antônio Gonzaga (grande poeta, um dos principais vultos da Inconfidência, noivo de Marília, desterrado para Moçambique, onde casou-se com a jovem Juliana de Mascarenhas);

Vitoriano Veloso (alfaiate, único inconfidente negro);

Capanema (sapateiro que foi denunciado e preso);

Domingos Fernandes Cruz (dono da casa em que foi preso, no Rio de Janeiro, o Tiradentes);

Domingos da Silva dos Santos e Domingos Xavier Fernandes (pai e avô de Tiradentes, respectivamente).

Um movimento com duras lutas e sem sucesso, mas que deixou a reflexão a que Cecília se propôs com sua excelência, dedicação, lirismo e profundo amor ao semelhante,

conseguindo nos deixar essa obra prima, como é bem de seu feitio. (“...e *uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições...*”)

Para finalizar cito duas perguntas dela, contidas no Romance 59 ou da Reflexão dos Justos, para que cada um reflita a seu modo:

*“Quem vai saber, no futuro
o que se aprova ou reprova?
De que alma é que vai ser feita
essa humanidade nova?”* **T**

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 - Patrono Cecília Meireles

QUEM SÃO MEUS MESTRES?

Desde sempre, principalmente no mundo da educação, ouve-se a máxima de que só falamos aquilo que já ouvimos e só escrevemos o que já lemos. Tal afirmativa sempre recebeu minha atenção ao lecionar, em especial, inglês. Não é difícil perceber a necessidade de o aluno ouvir e ler antes de ser capaz de reproduzir qualquer ideia numa língua estrangeira.

Entretanto, recentemente, ao assistir uma série de entrevistas, deparei-me com um comentário do (polêmico) Olavo de Carvalho, avaliando o que chamava de um analfabetismo funcional, que afeta mesmo o cidadão bem estudado no Brasil. Ele chamou atenção para o questionamento de quais livros costumamos ler e soltou o jargão de que só se escreve o que se leu. Logo, quem bem lê, bem escreve. E o oposto, conseqüentemente, seria também verdade. Daí o raciocínio que me chamou a atenção, algo assim: cuidado ao escolher seus mestres! Se só escrevemos o que lemos, devemos cuidar de ler bons livros, bons autores, ou seja, aprender com bons mestres.

O restante das entrevistas não me interessou, mas o conselho de escolher bons mestres ficou martelando em minha mente. O que temos lido? O que temos oferecido como leitura para nossas crianças? É claro que há gosto pessoal, há leitura de lazer e de trabalho, há muitas variáveis que poderiam ser discutidas. No entanto, não me parece restar dúvidas de que existe um escopo que deveria fazer parte da formação de qualquer leitor.

Nunca se publicou tanto e com relativa facilidade. Nunca se teve tanto acesso à matéria escrita. Podemos arriscar dizer que nunca se leu tanto? Não se trata aqui de sondar as pesquisas sobre quantidade anual de livros lidos pelo mundo. Bem sabemos que, como brasileiros, ficamos atrás de muitos países cujos índices deveríamos buscar. À parte isso, o problema é não apenas ler, mas o que ler. É belo o discurso sobre incenti-

var a leitura a qualquer preço, o que importa é estar em contato com as letras. E, hoje, vemos crianças e adolescentes (e adultos) se esbaldando em livros ditos de leitura fácil, rápidos, muitas vezes sequenciais e de pouca variação temática.

Sob o risco de levantar discussões acirradas sobre não poder julgar a obra do artista, arrisco, sim, a reflexão. Vocabulário pobre, construções simplistas, nada que muito exija do raciocínio ou da concentração. Não vejo qualquer problema em ler textos assim, o problema é ler apenas textos assim. A questão é acostumar-se com tal escrita e rejeitar um mestre mais sábio.

Que as crianças se deleitem com um diário de um menino “banana” é esperado. Mas não podem elas auferir o mesmo prazer em Tolkien ou Jostein Gaarder, só para não sermos muito “clássicos”. Quantos de nós, adultos, falantes do português, já lemos (com prazer) os Lusíadas? Não seria este o mestre essencial do nosso idioma? Não deveria ser seguido, então, por um Pessoa, um Machado, e um sem número de grandes nomes que nos deixaram tamanho legado?

Quantos de nós escolhemos e ensinamos os mais jovens a escolher, diariamente, Santo Agostinho, Aristóteles, Shakespeare, Teresa de Ávila, Hegel, T.S. Eliot, Dostoiévski ou tantos outros? E o mais importante: tais escolhas, as de pôr de lado nomes como os citados, estão sendo feitas com consciência? Parece esperado que não.

Agora é o momento de colocar a culpa em alguém. Que sejam a mídia, as redes sociais, todas as modalidades de entretenimento fácil e rápido que causam mais prazer do que debruçar-se sobre palavras novas e construções intrincadas. Mas é justo que muito custe o que muito vale, não é? E quanto vale o desenvolvimento de uma capacidade tão primordial e essencial quanto a comunicação? A correta comunicação, que agrega, que serve à diplomacia, que expõe com clareza e não deixa dúvidas? Aquela que, por vezes, tira-nos do eixo, arrebatada, incomoda até?

E quanto vale que crianças tornem-se adultos linguisticamente conscientes, gestores eficientes do vernáculo, capazes de não serem manipulados por qualquer sentença rasa, exigentes na cultura e até no entretenimento?

E se, para o adulto, é difícil trocar seus mestres, não seria melhor encaminhar as crianças, desde o início, aos bons livros? Há tantos textos de diferentes graus de dificuldade que não menosprezam o intelecto infantil! Há contos de fadas (especialmente no original), há poemas de Vinícios ou de Quintana, há Cecília e há Eva Funari, há outro Fernando, o Sabino, e há Lobato. Há mestres daqui e de além mar e há tantos que nossas escolhas não precisam ser, sempre, as mais banais.

Neste ponto, minha reflexão chega ao momento mais importante. Como escritores, resultado dos livros que lemos, que mestres somos nós?

Se, para criar cidadãos minimamente independentes e capazes, há tanto a ser feito apenas no capo da leitura, e para formar autores? Em que lista figurariam nossos textos? Buscar escrever nosso melhor, seja no uso das ferramentas técnicas da escrita, seja no campo da criatividade, requer bons alimentos para o cérebro. Não apenas o dom basta; ainda que ele seja vital nesta profissão, é preciso um esforço diário de busca por conteúdo relevante, enriquecedor, que sirva de adubo para nossas obras. Boas inspirações, diríamos outrora.

Assim, mais do que a necessidade vital de ler o que é bom e belo, para o autor, trata-se de uma obrigação inerente ao ofício. E, vejam, não se trata de ler muito, ainda que quanto mais se leia, melhor. Trata-se de ler obras de qualidade e com qualidade. Empenho, devo acrescentar.

Dos nomes que enumerei poderíamos gerar, aqui, uma lista cuja leitura se estenderia para mais de uma vida. Isso significa que temos muitas opções e que há uma enorme liberdade de escolha para os mais diversos gostos. Não se pode ler só por obrigação, mas também não só por distração. Afinal, aquilo que reiteradamente lemos se torna nossa pena. E o que escrevemos poderá fazer a diferença na vida de alguém.

Como escreveu Emerson, *“I cannot remember the books I’ve read any more than the meals I have eaten; even so, they have made me”*. Numa tradução livre, “não consigo me lembrar dos livros que li mais do que das refeições que comi; mesmo assim, eles me fizeram quem sou”.

Escolha bem seus mestres. Mais pela qualidade literária que pelo encontro de ideias, o que seria empobrecer o próprio olhar. E se eu puder sugerir o primeiro, que seja Camões. Ninguém que fale português deve passar por este mundo sem seus versos. E que os novos leitores sejam, desde cedo, preparados para admirar tais estrofes. A partir daí, há muitos bons caminhos a se seguir e quando nos sobrevier alguma dificuldade na escrita ou no entendimento, pergunte-se: quem são meus mestres? **I**

Ana Cristina Silva Abreu

Cadeira 12 – Patrono Herculano Pires

A POESIA RELIGIOSA DE JORGE DE LIMA: A PRESENÇA DE CRISTO, O POEMA RESTAURADO E O POETA CONVERTIDO

*Flávio
Mello*

Ó Cristo, divino operário, que ainda ontem enchestes
Vossa meninice e Vossa juventude com o artefato e a encomenda e a
obrigação da entrega e as horas de trabalho; dignai-Vos
de revestir, Senhor, o operário que amanhã virá presidir a sua ocasião
e o seu merecimento; com vosso exemplo de justiça e de paz, de que
ele será a imagem na terra, amém.

Jorge de Lima

(Diário – anotação 17)

Jorge de Lima, ao lado de Murilo Mendes, ao criar a concepção da *Restauração da poesia em Cristo*, desenvolve uma nova maneira de criação poética e da própria composição de metáforas e comparações entre os planos religioso (o sagrado) e profano (o humano), fazendo algo inédito. A poesia criada por esses dois poetas e, depois, desenvolvida sozinha por Jorge de Lima, é a procura de ambos por estar mais próximo de Deus e de Cristo e tem como ponto de fuga a presença do Ressuscitado, como vemos nos livros que marcam a terceira fase jorgiana e boa parte do trajeto de Murilo Mendes.

Inúmeros fatores fizeram com que esses dois poetas caminhassem em direção à fé católica; como vimos ao longo desse trabalho, Jorge de Lima passou por uma série de provocações desde sua meninice até o seu leito de morte. Com o passar dos anos sua fé foi se tornando peça fundamental para o seu labor intelectual.

Murilo Mendes, com a morte de seu grande amigo Ismael Nery, pintor e poeta surrealista brasileiro, tem, nesse episódio, o fato preponderante e cabal para sua conversão. Assim, tanto Lima como Mendes se viram em uma mesma estrada com anjos e demônios parecidos em suas vidas e, principalmente, os mesmos questionamentos sobre a fé e a espiritualidade. Tudo isso culmina na criação da *Restauração poética*, e, acima de tudo na própria restauração e conversão pessoal dos poetas.

O crítico Manuel Anselmo diz:

“Houve uma estrada de Damasco na vida do Poeta. Assim como a morte de Ismael Nery determinou a conversão de Murilo Mendes ao catolicismo, também a voz de Cristo, súplice e magoada, chegou, um dia, ao coração de Jorge de Lima: e não só ao coração, à inteligência, sobretudo”. (ANSELMO, 1939, p. 101)

Já falamos e adentramos a tenda desse Jacó e/ou Jorge de Lima, na luta consigo mesmo, ou com o anjo, na grande batalha que foi sua conversão ao catolicismo e o reconhecer em Jesus o centro de sua poesia, e, assim, a meta correlacionada à sua vida, para a composição de um trabalho extremamente único e original.

A estrada de Damasco é a metáfora ideal para o poeta alagoano, vejamos:

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu.” (ATOS DOS APÓSTOLOS 9 3 – 9)

É muito interessante como a vida de Jorge de Lima e sua conversão se relacionam com a fé/presença bíblica, igualmente a do próprio Murilo Mendes, seu “irmão de armas espirituais”. Assim se refere aos poetas o professor e escritor Fábio de Souza Andrade:

“A caricatura corrente coloca de um lado a figura cosmopolita e irônica do poeta de Juiz de Fora, um Quixote domador de unicórnios, do outro, o alagoano pés-na-terra, marcado pelo realismo e regionalismo, uma espécie de Sancho letrado, escritor intuitivo, de emoção solta e pouco empenho construtivo. Documento dessa relação, o rastro deixado pelos vários encontros textuais que mantiveram, de natureza diversa e esparsa (texto em prosa, poemas e entrevistas), permite, no entanto, matizar este quadro”. (ANDRADE, 1997, p. 29)

É importante ter em mente que Jorge de Lima não foi um ateu durante toda sua vida. Já vimos no decorrer deste texto e, em qualquer pesquisa superficial pela internet, há de se perceber isso; que o poeta teve fé durante sua infância, o que explica com firmeza a importância desse trabalho trazer traços biográficos do autor, um contato profundo e conspícuo com a religiosidade.

Nesse ponto, a amizade e presença do artista plástico e poeta Ismael Nery é fundamental, pois serviu de argamassa na vida e produção dos dois poetas da conversão. Vejamos:

Nery funcionou como um agente catalizador, fez convergir algumas das linhas paralelas nas poéticas de Murilo Mendes e Jorge de Lima. Sua figura reunia o desenvolvimento futuro da obra de ambos: por um lado, uma configuração particular do cristianismo, milenarista, que se ocupa dos dois momentos limites propostos para a existência humana segundo a concepção judaico-cristã da história (a Criação e o Juízo Final); por outro, uma visão mítica, órfica do processo artístico, cuja inspiração estava no surrealismo. (ANDRADE, 1997, p. 33).

Com o bojo de agrupamento de ideias e estéticas artísticas de Murilo Mendes e Jorge de Lima, apregoadas ao nervo central, Ismael Nery, temos, na poesia jorgiana, o préstimo surrealista, uma leve permanência do sonho, ou do sonhar acordado, já que Jorge de Lima não se aprofunda tanto na estética surrealista quanto os demais poetas.

Os trabalhos de Jorge de Lima, bem como os trabalhos de Nery e Mendes, são de vanguarda, assim como o surrealismo é uma corrente forte e muito frequente no trabalho e pensamento crítico desses artistas; claro que um pouco menos para Lima, que vai dialogar o surrealismo com o pré-molde de sua fé/poética. A título de exemplo, segue um poema de Murilo Mendes que reforça o que acabamos de dizer:

O POETA NA IGREJA

Entre a tua eternidade e o meu espírito
Se balança o mundo de formas.
Não consigo ultrapassar a linha dos vitrais
Pra repousar nos teus caminhos perfeitos.
Meu caminho esbarra nos seios, nas coxas
e ancas das mulheres pronto.

Estou aqui, nu, paralelo a tua vontade,
Sitiado pelas imagens exteriores.
Todo meu ser procura romper o seu próprio molde
Em vão! Noite do espírito
Onde os círculos da minha vontade se esgotam.
Talhado pra eternidade das ideias
Ai quem virá povoar o vazio da minha alma?

Vestidos suarentos, cabeças virando de repente,
Pernas rompendo a penumbra, sovacos mornos,
Seios decotados não me deixam ver a cruz.

Me desliguem do mundo das formas!

(Mendes, 1994, p. 106)

E é aí que é criada a grande pintura surrealista/católica/moderna, que tem como personagens principais Jorge de Lima e sua geografia temporal lírico/religiosa e Murilo Mendes, com suas criações oníricas e vitrais orgânicos, expostos e apresentados nas curvas criadas através dos sonhos do amigo em comum, Ismael Nery. **I**

Flávio Mello
Sócio Correspondente

Bibliografia

LIMA, Benjamim. *Esse Jorge de Lima!* Rio de Janeiro: Andersen, 1933.

LIMA, Jorge de: *poesia completa: volume único / organização Afrânio Coutinho – Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.*

LIMA, Jorge de: *poesia completa : volume único / organização Alexei Bueno : textos críticos, Marco Lucchesi – Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1997.*

O SUFOCO DA EXISTÊNCIA, SEGUNDO GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

*Gonçalo
Junior*

O pouco lembrado “O veneno da madrugada”, também conhecido como “A Má Hora”, é um ótimo romance, escondido em meio aos muitos grandes livros do escritor colombiano e que lhe rendeu o primeiro prêmio importante.

Pelo menos quatro livros do escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez (1927) justificariam a sua escolha para o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982: *Cem Anos de Solidão* (1967), *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961), *Crônica de Uma Morte Anunciada* (1981) e *O Outono do Patriarca* (1975), além de *O Amor Nos Tempos Do Cólera* (1985), lançado depois da premiação. São, claro, os mais conhecidos e vendidos. *O Veneno da Madrugada* ou *A Má Hora*, traduzido para o português pelo lendário jornalista e escritor Joel Silveira (1918-2007), embora não tenha tanto destaque quando se faz referência à obra do autor, é um daqueles romances que fazem jus ao talento de um grande romancista. Principalmente pela atmosfera febril, narrativa sólida e consistente, e a certeza de que essa inesquecível história muitas vezes inspirou outros autores e, também, o cinema. O modo como ele descreve o calor asfixiante que atormenta os personagens é algo impressionante, que parece vazar das páginas e atordoar o leitor.

Lançado originalmente em 1962, *O Veneno da Madrugada* rendeu a García Márquez o Grande Prêmio do Romance Colombiano, o mais importante do país na época. O escritor, entretanto, ainda estava longe da consagração internacional que teria depois. O livro saiu sete anos após sua estreia na ficção, com *A Revoada (O Enterro do Dia-*

bo) (*La Hojarasca*, 1955), e mostra seu autor com um estilo mais amadurecido e sóbrio, próximo da excelência narrativa. Quando o começou, durante uma gélida viagem à Paris, planejara inicialmente um conto, mas a história cresceu rápido demais e o dominou — na primeira noite e madrugada, escreveu nada menos que dez páginas. Por causa de seu perfeccionismo, que o tornou famoso nesse aspecto, levou cinco anos para terminá-lo. Trabalhou no texto em diferentes cidades — Londres, Caracas, Bogotá e Nova York, até concluí-lo na Cidade do México, em janeiro de 1961. Inscreveu-o num concurso literário que a multinacional Esso promovia em seu país e levou três mil dólares, que descreveu como seu primeiro alívio financeiro em uma década de apertos.

A resposta do público, porém, foi pífia. Mesmo com muitos elogios da crítica, o livro vendeu poucos exemplares. O tempo lhe faria justiça, e *O veneno* seria considerado um dos seus romances mais bem escritos, numa época em que o autor vivia sob o impacto do neorealismo do cinema italiano, surgido depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Identificaram-se no texto, também, influências de dois autores que tanto admirava: Albert Camus (1913-1960) e Ernest Hemingway (1899-1961). Como observou o crítico e tradutor Eric Nepomuceno, García Márquez faz na obra sua primeira aproximação com o tema que lhe seria fundamental posteriormente: o mistério e a solidão do poder. Ele o faz ao focar a trama em um rude alcaide — mistura de prefeito e delegado de polícia —, de formação militar, que, diante da incompetência e da insensibilidade das autoridades de seu país, governa um vilarejo a partir de seus anseios e humores, sob a tórrida temperatura escaldante, que, sem dúvida, interfere diretamente em seu temperamento.

Nesse exercício de pequeno poder, o militar não gosta de ser contrariado nem de ter sua autoridade contestada. Até o momento em que folhetos anônimos surgem pregados pela cidade, com fofocas, intrigas e denúncias, que envolvem os moradores mais ricos do lugar — segredos, adultérios, crimes etc. A trama começa com um crime, em um domingo de manhã. Um dos moradores do local mata com um tiro o suposto amante de sua esposa. O adultério fora revelado graças ao bilhete anônimo que pregaram

em sua porta durante a noite. A partir de então, bilhetes começam a aparecer, revelando os segredos que as pessoas preferiam manter para sempre escondidos. No fundo, são boatos, nem sempre com veracidade comprovada, que se tornam públicos, coisas de que todos desconfiavam, mas que não estão provadas por quem os aponta. Isso faz com que o clima de medo e terror diante de uma ameaça tome conta do lugar.

Do personagem Adalberto Assis se dizia que tinha assassinado e enterrado clandestinamente o corpo do homem que encontrou deitado com a esposa. Na verdade, matara com espingarda o macaco que surpreendera a se masturbar na trave do quarto, com os olhos postos na sua esposa enquanto ela trocava de roupa. E o suspense sobre a autoria das mensagens alimenta toda a história, até o fim, marcada por mexericos, dramas de verdade, farsa e tragédias, que causam um pandemônio no lugar. Mas não é esse o poder que destaca *O Veneno da Madrugada* como um grande romance. Primeiro, porque García Márquez cria um microcosmo de personagens inesquecíveis — Padre Ángel, Juiz Arcádio, Senhor Carmichael, a Viúva Montiel, o barbeiro e o médico, entre outros — em que a comunicação entre os moradores aparece de modo fragmentado, em pequenos gestos, frases mal ditas ou incompletas em que as relações se estabelecem por símbolos que vão além das palavras ditas ou as tornam dispensáveis — para bom entendedor, meia palavra basta, não é verdade?

A impressão é a de que qualquer esforço nesse sentido alteraria o estado acalorado e de dormência — e quase demência, em alguns casos — que atormenta os moradores. Isto é, como se os dias fossem eternos começos de tarde, com sua leseira de pós-almoço e sesta necessária. É, enfim, um romance que fala pelas entrelinhas, que envolve o leitor em sensações intensas — e o faz suar, de tão envolvente o texto —, graças ao talento do autor em, lentamente, enredá-lo e torná-lo submerso na trama. Os dois títulos do livro estão relacionados a um fato que quebra o marasmo da cidade. Como sempre acontece de os folhetos intrigueiros serem distribuídos às altas horas da noite, explica-se a “má hora” e o “veneno da madrugada”. De certo modo, como

observa o crítico português Eduardo Pitta, García Márquez explorara, com *O Veneno da Madrugada*, o universo ficcional que o consagraria em *Cem anos de solidão*. Desde o relato das histórias mais insólitas às situações mais sórdidas, todo o tipo de singularidades acontece, sem alterar o registo do discurso.

Na verdade, os nove romances que publicou entre 1950 e 1966 seriam estudos, experimentos para chegar ao seu momento maior, em *Cem Anos de Solidão*. O livro do alcaide mostraria a Macondo de *Cem Anos* já como uma cidade derrotada, esquecida no tempo e no espaço. Nessa pasmaceira, pasquins misteriosos delatam crimes e pecados de determinados cidadãos. O pano de fundo de todas essas narrativas, diz Pitta, é o conflito que, nos últimos 150 anos, tem dividido a Colômbia entre liberais e conservadores, em particular a Guerra dos Mil Dias (1899-1903), verdadeiro leitmotiv da ficção de García Márquez. “Sob o manto pícaro da crônica de costumes, *O Veneno da Madrugada* ilustra a precária coabitação dos adversários”, observa o crítico, que cita como exemplo esta passagem: “‘Havia ordens para acabar contigo’, diz o alcaide ao homem que julgou vingar a honra da mulher, ‘ordens para te assassinarem numa emboscada e confiscarem as tuas reses para que o Governo tivesse com que subsidiar as enormes despesas das eleições em toda a região. Sabes que outros o fizeram...’”

Em seguida a esse alerta, a autoridade apresenta a conta. Desse modo, o traço distintivo é o tom neutro do relato, o que não exclui a fina ironia do autor, como se tudo, crimes e escapadelas, equivallesse na mesma ordem de valores. Apesar da lentidão que incomoda alguns leitores, o romance do escritor colombiano revela o que o crítico português chama de um tipo de narrativa-mosaico, em que cada capítulo ganha um crivo coletivo, centrando o foco narrativo em diversas personagens, de uma forma que a cidade de Macondo emerge como a personagem central do romance, mais até do que os personagens relevantes, como o padre Ángel ou o explosivo alcaide. **I**

Gonçalo Junior

Cadeira 21 – José Lins do Rego

UMA AULA MAGNA DO PROFESSOR NICOLA TORTORELLI

*Celso de
Almeida
Cini*

“...quando a infância corria livre pelos campos da vida, julho tinha o perfume de terra molhada, sabor de água da fonte, a tepidez de quarto fechado para o mundo...” (Aquele menino, Paulo Bomfim).

É voz corrente, e a vida — profissional ou não — comprova que um professor pode influenciar poderosamente na trajetória da existência de muitos de seus alunos. Motivados pela segurança dos docentes e por serenas opiniões aconselhadoras, muito além da ciência das disciplinas curriculares, alguns alunos mostram brilhante sucesso em suas carreiras. Mérito deles, claro! Mas, a própria figura do professor, merecedor de — em passado recente, ou pelo menos, saudosa memória — grande respeito pelos discentes e suas famílias, torna-se uma referência, um guia no modo de pensar, de ser, de criar, que se agrega a cada um de seus alunos. Embora não licenciado, mas preparado por sério Curso da Aliança Francesa, militei alguns anos como professor de Francês para os níveis ginásial e do ensino médio do Colégio Clovis Bevilacqua, de Utinga. Anos depois, surpreendi-me ao constatar quanto havia influenciado vários de meus alunos bem sucedidos. Professores podem dissertar além do conteúdo das matérias do curso. Podem comentar, discutir assuntos do cotidiano, da vida, do seu rincão, do quintal de sua infância, da cidade, do mundo, da moral, dos bons costumes, do desejo e dos esforços em progredir, do empenho contínuo em consegui-lo, das ideias sobre o futuro. Podem sondar vocações e incentivar escolhas, apontar caminhos, defender a liberdade sem ferir oposições. Ensinar a viver, enfim!

Lembro-me dos benefícios pessoais que cultivei, pela influência recebida de um mestre de primeiras letras, quan-

do contava apenas onze anos... Um professor normalista, nascido em Caconde em 1913, solteiro. Varão reto, cristão fiel e praticante: um santo! Refiro-me ao Professor Nicola Tortorelli. Ele viera para Santo André em 1937 e ministrava aulas para o quarto ano primário, isto é, do ensino fundamental, no Grupo Escolar da Torrinha, em Santa Teresinha, bairro mais antigo da localidade. Cuidava sempre das classes de meninos. Tive a felicidade de frequentar, em 1946, suas notáveis aulas, algumas em nível de fascinantes palestras. Além das disciplinas do currículo, Prof. Tortorelli, discorria sobre saúde humana: a hanseníase (lepra) e seu tratamento; a tragédia do câncer e outras questões sérias. Em 1944, criou campanha, incentivando o recolhimento de pneus usados, úteis para o Exército Brasileiro, que lutava na Segunda Guerra, ao lado dos aliados. Aí o conheci, participei e passei a admirá-lo. Conviveu, em Guaratinguetá, com Francisco de Paula Rodrigues Alves (1919), Presidente da República entre 1902 e 1906. Tortorelli dedicou-se à política, foi vereador em Santo André, em 1947. Um ser humano muito útil à sociedade, caridoso e de ilibada reputação!

Dois anos depois, em 1946, já seu aluno, no segundo semestre de nossas aulas, na manhã de um dia de inverno, quando pensávamos que o professor nos brindaria com sua história dos Doze Capas Vermelhas, ele entrou na sala, acenou seu bom dia e, ato contínuo, propôs um desafio para provocar e testar o raciocínio e a criatividade dos alunos. Disse: – Meninos, prestem bem atenção! Vocês recebem, aqui e agora, a chave de um grande salão, que está vazio e tem suas janelas e venezianas fechadas. Caberá a vocês preencherem esse salão e dar-lhe vida e calor humano, sem introduzir quaisquer objetos materiais. Nada de mesas, cadeiras, luminárias, qualquer tipo de mobiliário, nem tapetes, cortinas, piano, sofás ou coisas parecidas. Vão dar vida ao salão, mas de mãos vazias, pondo a cabeça para funcionar, certo? E comecem já. Não se demorem. Se sobrar tempo, contarei o primeiro capítulo da história prometida, entenderam? Só ajudarei esclarecendo dúvidas que, espero, não venham a existir. Comuniquem-se e pensem coletivamente, certo? Vai ser muito fácil. Vamos, meninos, não percam tempo! Em mudo silêncio, a classe embatucou! Que desafio mais

esquisito era esse? Cada um pensava o que poderia fazer no salão, às escuras. Preenchê-lo de quê, se nada poderia ser carregado para dentro? Nada material; nenhum objeto. Como cuidar desse cômodo, sem lâmpadas, nem velas ou lamparinas? Que queria o mestre? Um milagre? — Pobres mentes infantis, murmurava o Mestre! Ainda não sabem pensar... Que será deles?

Alguém arriscou uma pergunta: — Posso usar um faro-lete para circular pelo cômodo, professor? — Não senhor, Orlando Morales, nada de objetos materiais visíveis, palpáveis. Só coisas aparentemente imateriais. Não crie mais obstáculos. Se abriu o salão, pode circular por ele no escuro. Tem medo de fantasmas? Como está vazio, caminhem sem medo, não tropeçarão em nada. O salão continuará sem vida, certo? Sua obrigação é dar vida ao ambiente. Pensem e resolverão. Ou será que vão morrer na escuridão? Tratem de humanizar o salão, vazio como está! Os demais alunos — eu, inclusive — não tugiavam nem mugiam. Ninguém arriscava. Por que fazer perguntas estapafúrdias? O professor não perdoaria. Ficamos parcialmente bloqueados. O silêncio era geral. Sem comunicação mútua. Pensei em coisas leves. Tólices, sem atinar com ideias que casassem com as respostas esperadas pelo professor.

Uma hora depois, mesmo conversando uns com os outros, ainda não havia surgido ideias úteis. O que fazer? Nem dúvidas havia. Por onde começar? Incrível! Novas perguntas foram feitas, diante das quais o professor perdeu a paciência: — O quê? Nem vou responder. E digo mais: se não encontrarem a solução vou fechá-los nessa escuridão, onde ficarão sem água, sem comida e sem banheiro até amanhã, como castigo pela preguiça do raciocínio, ouviram? Vamos, pessoal, vocês não têm a vida inteira e nenhuma esperança de que a solução caia do céu! Deus já lhes deu inteligência, meninos! A solução está na cara... — Francamente, estou surpreso com o bloqueio. Tão demorado! Se não forem capazes de vencer esse pequeno desafio, o que será quando enfrentarem os grandes problemas da vida? Olhem que o nosso tempo se acaba com o fim da aula! Façam a cachola funcionar! Haverão de conseguir! Ainda continuamos apalermados por mais um espaço de tempo, acumulando uma

angústia crescente, sem remédio, parecia- nos.

De repente, eis que lá do fundo da classe, um dos alunos mais velhos, um pretinho simpático, amigo de todos, que vivia a alardear que era “paulista da gema”, arriscou sua pergunta: Professor? Sim, Wanderlei Machado, desembuche! — Posso abrir as janelas desse quarto escuro? E o Professor Tortorelli: — Já não é sem tempo! Claro que pode! Vozes reclamaram: — Ah! Ninguém sabia que podíamos abrir as janelas! — Ora essa, agora já está me parecendo a repetição da história do “*Ovo de Colombo*”, replicou o Mestre! E prosseguiu com sua provocação: Bem, e daí, o que isso vai mudar? — Ah! Professor, argumentou o nosso herói, Wanderlei: com esse Sol dourado, que venceu a pesada neblina da manhã, vamos ter uma iluminação maravilhosa que acabará com a escuridão no salão, certo? Neste ponto, Professor Tortorelli respirou fundo e desabafou: — Puxa vida, que alívio! Demorou, mas acordaram... E o que mais? Então, caiu-me a ficha. Adiantei-me e acrescentei: Professor? Fale, Cini: — Além da luz, vamos ter também o calor amigo, que a gente sente mas não vê, e vamos expulsar o cheiro de mofo do salão, provocado por meses de venezianas e vidros fechados, certo? — Certo, Cini. E o que mais? — O som da natureza, professor, adiantou-se Pastorelli, o baixinho. O canto da passarinhada matinal que sempre ouvimos quando o Sol da manhã aquece o clima. Isso vai animar e dar vida alegre ao salão, agora aberto e arejado; vai humanizar o ambiente — Bem pensado, Fernando Pastorelli. Nessa hora, passando das onze da manhã, um aluno filho de espanhóis, acostumado aos lanches e merendas, acrescentou: — Professor? Sim, José Carretiero, fale: — Vamos ter também o agradável aroma da comida da dona Conceição, que sempre sentimos em nossa classe, aí pelas 11 horas. Logo, vai inundar, também, o salão vazio, mas iluminado, quente e alegre a cantoria dos Bem-te-vis, não? — Certo, certo... concordou Prof. Tortorelli. — E mais, professor! — Vamos lá, Ademar Rodrigues! — Também teremos a música do rádio da vizinha, dona Ema, que ouve, pela manhã, o programa de valsas vienenses neste horário. — É mesmo! ... concordou o Professor, agora mais animado com as revelações e a *criatividade*. E, pensando alto: — É, salvaram-se!

E, concluindo: — Viram como uma ideia inicial bem apanhada, do Wanderley Machado, clareou o raciocínio geral? Isto é o que se chama criatividade. E ainda se poderia fazer mais e mais acréscimos para dar vida e humanizar aquele cômodo virtual, trancado, escuro, frio, silencioso e lúgubre, feito masmorra. Credo! — Parabéns a todos. Tenho certeza de que aprenderam muito hoje. Não há mais tempo para nada. Nossa história... ficará para outra oportunidade. Nossa aula está terminada.

Eis o que foi a brilhante Aula Magna, se assim podemos considerá-la. Esse era o meu saudoso e querido Professor Nicola Tortorelli, nos idos de 1946. Terminado esse ano letivo, tivemos nossa *formatura* promovida pelo professor. Nossos diplomas ficaram um encanto, escritos com caligrafia gótica, trabalho pessoal do próprio Mestre.

E, em janeiro de 1947, fui surpreendido com o convite do Mestre, para trabalhar com ele no Jornal “Borda do Campo”, cuja Redação ficava no primeiro andar do prédio da Rua Coronel Oliveira Lima, 127, Centro de Santo André. Meu primeiro emprego informal. Havia completado 12 anos em outubro. Menores aprendizes não podiam ser registrados antes dos 14 anos. A minha convivência com ele prosseguiria por muito tempo. O futuro o confirmaria. Tornou-se uma influência benéfica, continuei aprendendo!

Esse privilégio trouxe-me um vínculo de valiosos ensinamentos, com sua influência positiva ao longo dos anos que ali trabalhei. Viajava só, para São Paulo, todas as quartas-feiras, para entrega das matérias da edição do Jornal, que saíria no domingo. A propriedade do *Borda do Campo* era do Dr. Manoel de Goes, Secretário da Justiça do Município de Santo André. A Direção Executiva era do Professor Nicola Tortorelli. A responsabilidade técnica era do Jornalista, Affonso Mario Vial. Na sexta feira, íamos, eu e o professor, à Tipografia do sr. Milesi, para a revisão da matéria já editada, em grande parte Posturas (leis) Municipais da Prefeitura de Santo André. Tomávamos um trem Expresso, da SPR a Inglesa, que mantinha certos luxos, descendo no Braz. Um Bonde Elétrico nos conduzia até a Tipografia, na Rua Piratininga. No sábado, chegava à Estação de Santo André o pacote de jornais da edição de domingo. Então, cuidávamos

de levar o conjunto à Redação, destinando os exemplares aos assinantes, via Correio, e às bancas de jornais, para venda aos interessados.

Os anos de aprendizado como “foca mirim” (jornalista sem título) valeram-me como um sólido alicerce profissional, uma iniciação poderosa. Em junho de 1949, consegui meu primeiro emprego com carteira assinada, na Rhodia Química, onde progredi bastante. Como executivo de nível superior, lá permaneci até março de 1983, aposentando-me aos 49 anos. Militei, depois, como executivo no Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN) por mais 18 anos, mais dois anos em atividades forenses diversas, já advogado formado em 1966, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Prossegui vendo-o sempre, com quem conversei algumas vezes, percebendo que ele já não se lembrava mais de mim! Perto de meio século depois, em maio de 1994, aos 59 anos, voltei ao convívio do antigo Mestre, Nicola Tortorelli, agora como confrade acadêmico, ao ingressar na Academia de Letras da Grande São Paulo, por convite de meu padrinho, Professor Abílio Alves Martins, então Acadêmico e Diretor Tesoureiro da ALGRASP. O Professor Nicola Tortorelli era o Secretário Geral da ALGRASP e o Dr. Rinaldo Gissoni, seu Presidente e fundador! Nesse tempo, gravei uma longa entrevista com o meu velho professor e amigo, Tortorelli, publicada na íntegra na Revista Raízes nº 30, editada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em dezembro de 2004. Professor Tortorelli, que saudara a nova sede da Academia no Complexo Educacional do referido Município em dez de outubro de 2002, faleceu, em 29 outubro desse ano. Completaria 90 anos. **T**

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 – Afonso Schmidt

EDIÇÃO DE GENES E O FUTURO DA ESPÉCIE HUMANA

*José Roberto
Espíndola
Xavier*

Análise do livro de Walter Isaacson “A Decodificadora” (2021), uma biografia da pesquisadora americana Jennifer Doudna (19/02/1964-Washington D. C) que, juntamente com Emmanuelle Charpentier (francesa), foi vencedora do prêmio Nobel de Química em 2020.

Walter Isaacson é um dos mais proeminentes biógrafos contemporâneos. Jornalista, foi editor na revista Time e CEO da CNN. Atualmente é professor de História na Universidade de Tulani. É autor de best-sellers como Leonardo da Vinci, Steve Jobs e Os Inovadores.

O milagre da vida deveria ser suficiente para nós médicos que tentamos preservá-la nos seus momentos de perigo, acreditarmos em uma divindade criadora da maravilhosa estrutura e funções do corpo humano. As últimas décadas do século XX trouxeram um desenvolvimento incrível para a medicina, ampliando a expectativa de 35 anos nos idos de 1920 para os atuais 80 anos aproximadamente. Após a minha formatura (1970), assisti ao fantástico progresso da farmacologia e à evolução mágica da biotecnologia, culminando atualmente com a cirurgia robótica comandada à distância. É um sopro de tempo para a História, mas um avanço de incalculável valor para quem milita nas hostes da Saúde desde antes do advento da endoscopia, do ultrassom, da tomografia computadorizada, da ressonância magnética,

do pet-scan, da videolaparoscopia e dos robôs; na farmacologia, antes das vacinas por RNA e dos anticorpos monoclonais, poderosas armas contra a Covid-19.

Em 1953 foi descoberta a estrutura do DNA, sua função de repositório das informações genéticas e das transmissões hereditárias. Porém, somente em 2003 o projeto Genoma Humano, iniciado em 1990 foi concluído.

“Hoje estamos aprendendo o idioma em que Deus criou a vida” (Bill Clinton, na comemoração da conquista).

A partir daí, passamos a conhecer os genes responsáveis pelas características humanas, inclusive por uma série de doenças que podemos transmitir aos nossos descendentes. Faltava – e ainda estamos distantes – podermos interferir na herança genética.

Jennifer Doudna e Emmanuelle Charpentier, aliadas a outros pesquisadores da bioquímica, da biologia estrutural e da genética, remetem-nos agora a um novo e assustador horizonte, com a possibilidade de editar e transmutar genes, moldando características e heranças do ser humano. Esta nova ferramenta usada pelas heroínas do Nobel 2020 responde pela sigla CRISPR, cuja ação quer dizer: “Repetições Palindrômicas Curtas, Agrupadas e Regularmente Espaçadas” (somente para entendimento dos estudiosos da área). Ela permite mudar as estruturas do DNA e interferir nas características do embrião trocando seus genes.

Não há ainda, nem mesmo na comunidade científica, ideias consolidadas sobre a extensão e consequências das transformações sociais que podem advir deste “admirável mundo novo”. Recomenda-se assistir ao filme Gattaca (de Andrew Niccol – 1997).

Diz Isaacson:

“Pela primeira vez na evolução da vida, neste planeta, uma espécie desenvolveu a capacidade de editar o próprio código genético. Isso oferece o potencial de benefícios maravilhosos, incluindo a eliminação de muitas doenças fatais e anormalidades debilitantes. E um dia irá oferecer tanto a promessa quanto o perigo de nos permitir, ou a alguns de nós, melhorar nossos corpos e nossos bebês para ter músculos, mentes, memória e hu-

mores melhores. Nas próximas décadas, à medida que aumentarmos nosso poder de influenciar nossa evolução teremos de lidar com profundas questões morais e espirituais: existe uma bondade inerente na natureza? Existe uma virtude em aceitar o que nos é dado? A empatia depende de acreditar que a não ser pela graça de Deus, ou pela loteria aleatória da natureza, poderíamos ter nascido com um conjunto diferente de talentos? A ênfase na liberdade pessoal irá transformar os aspectos mais fundamentais da natureza humana em escolhas de consumo feitas em um supermercado genético? Os ricos devem ser capazes de comprar os melhores genes? Deveríamos deixar tais decisões para escolhas individuais, ou a sociedade deveria chegar a um consenso sobre o que é permitido? Iriamos querer que o Estado exigisse isso de nós?”

Pergunto: podemos imaginar as implicações éticas e legais na criação de um bebê CRISPR, editado com características pré-determinadas? Estaríamos infringindo o campo moral nas nossas escolhas?

Vejam então:

“se podemos fazer com segurança as melhorias genéticas por que não deveríamos impedir anormalidades, doenças e deficiências?... (“não vejo porque eliminar uma deficiência, ou dar a uma criança olhos azuis, ou aumentar seu QI em 15 pontos seja uma ameaça à saúde pública ou à moral” – (George Church – geneticista de Harvard)) ...

Isaacson:

“Imagine um mundo em que a engenharia genética é determinada principalmente pelas escolhas livres do indivíduo... você vai a uma clínica de fertilidade e recebe, como em um supermercado genético, uma lista de características que pode comprar para seus filhos. Você eliminaria doenças graves como Huntington ou anemia falciforme? Claro que sim. Eu pessoalmente iria escolher que meus filhos não tivessem genes que levam à cegueira ou à surdez. Que tal evitar altura abaixo da média, ou peso acima da média, ou um QI baixo?... Cabelos loiros e olhos azuis também?...”

Apesar de isso parecer com uma cena do filme Gattaca, uma versão do mundo real desse serviço de design de bebê - usando o diagnóstico pré-implantação – foi lançada em 2019 por uma

startup de Nova Jersey, a Genomic Prediction. ...

Os candidatos a pais podem escolher qual embrião implantar as características que querem para o filho... E, de acordo com o material promocional da empresa, prever até deficiência intelectual e altura. Em dez anos, os fundadores dizem que provavelmente serão capazes de fazer previsões do QI.

Depois de milhões de séculos durante os quais a evolução dos organismos aconteceu “naturalmente”, temos agora a capacidade de alterar o código da vida e projetar nosso futuro genético. Ou, para confundir aquele que definem a edição de genes como algo “não natural” ou “brincar de Deus”, diremos de outra forma: a natureza e o Deus da natureza, em sua sabedoria infinita, fizeram uma espécie evoluir e ser capaz de modificar seu genoma. E essa espécie somos nós.

Para nos guiar precisaremos não apenas de cientistas, mas de humanistas. E, mais importante, de pessoas que se sentem confortáveis em ambos os mundos, como Jennifer Doudna. Por isso, acho útil para todos nós tentarmos entender esse novo lugar no qual estamos prestes a entrar; um lugar que embora pareça misterioso também está cheio de esperança. Nem tudo precisa ser decidido agora. Podemos começar nos perguntando que tipo de mundo queremos deixar para nossos filhos. E, a partir daí, ir sentindo juntos o caminho passo a passo, de preferência de mãos dadas.”

Assim, ficam para análise de cada leitor as conjecturas sobre a nova era que se descortina em futuro próximo, quando pudermos excluir das transmissões genéticas doenças incapacitantes ou fatais. Ou, em polo oposto, incluirmos genes que possam gerar uma descendência física e intelectualmente privilegiada.

Guiados pela ciência, tornaremos cada vez mais distantes nosso dia do nascimento e da inexorável morte. Seremos, cada vez mais, uma população de anciãos que não necessariamente será composta por seres felizes, se não for acompanhada pela evolução espiritual do Homo Sapiens.

Se esta evolução não for considerada uma necessidade humana básica, se permanecer acessível somente para poucos bilionários, veremos o gênero humano dividir-se em novas castas biológicas, com super-humanos contribuindo em

muito para o aumento da nossa já abissal diferença social.

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” Gênesis 2:8,9 **T**

José Roberto Espindola Xavier

Cadeira 24 - Alberto de Oliveira

A MÁSCARA DA AUTOAJUDA OU O ABANDONO AO TERROR PESSOAL

*André
Chaves*

S *martphones, tablets, audiobooks* e aparelhos específicos para leitura de livros digitais (*e-books*) tornaram-se plataformas para a escrita ou narrativa de fácil acesso ao grande público que possui interesse em ler textos de todas as naturezas. Essa conquista cultural foi possível graças à explosão do desenvolvimento, venda e uso da microeletrônica, profunda mudança técnico-científica-informacional, comumente conhecida por Terceira Revolução Industrial.

Os mesmos títulos impressos passaram a ser convertidos em digitais facilmente adquiridos via internet. Mesmo com o aparecimento desse novo modo de ler textos, o qual seduziu tantas pessoas, os tradicionais livros de papel continuaram a liderar as vendas. Embora suave, o volume geral de unidades comercializadas apresentou crescimento nos últimos anos no Brasil (1) e no mundo (2).

Quando se pretende realizar um levantamento dos títulos mais comprados da História, aparecem dificuldades em encontrar fontes editoriais confiáveis sobre o volume vendido de livros confessionais, especialmente livros sagrados (como a Bíblia, Alcorão, Talmud, Livro de Mórmon, Vedas, entre outros) e de forte impacto político (Citações do Presidente Mao Tsé-Tung (1893 - 1976) ou Livrinho Vermelho, editado em 1964). No entanto, sabe-se que estão entre os títulos mais comprados, tal o número de fiéis ou militantes políticos que os cultuaram em todo o mundo (podem chegar aos bilhões de exemplares, segundo o *Guinness World Records*).

Quanto aos outros títulos – sobretudo literatura, ciência, filosofia, artes, linguística – a presença do nome do autor ou autores, da editora, do local e ano da publicação,

do número da edição, referência aos originais quando tradução e, mais recentemente (desde 1972), o ISBN – *International Standard Book Number* (Número Internacional Padrão do Livro) tornam o levantamento quantitativo mais confiável.

A partir de pesquisas feitas pelo próprio *Guinness World Records*, pela *Encyclopedia of Library and Information Science*, editada pela *Taylor & Francis Group (London and New York)*, pela *United States Library of Congress*, entre outras instituições que fazem levantamentos quantitativos do mercado literário, chama a atenção encontrar doze títulos (3) com características de autoajuda entre os cento e trinta livros que atingiram milhões de exemplares comercializados ao redor do planeta, com traduções para variados idiomas.

É assertivo observar que o livro possui um texto que é propriedade intelectual do escritor, carregado de conteúdos ideológicos próprios, e deve receber compensação financeira juridicamente determinada segundo leis próprias de cada país, após sua venda (Direitos Autorais). Não obstante, esse livro, enquanto objeto físico ou digital, é propriedade física da editora porque ela o produz e o coloca à venda como mercadoria durável; ao ser comprado em um mercado (normalmente livraria ou site), completa a finalidade primeira do dono da editora: obter lucro. Como qualquer mercadoria ofertada, precisa de demanda social economicamente capaz para adquiri-la. Importante para este artigo é encontrar o porquê do alarmante interesse dos leitores pelo segmento literário da autoajuda, para alegria dos livreiros.

Começemos pela origem do termo. A expressão “autoajuda” foi utilizada como título de uma obra (*Self-help*) pela primeira vez em 1859, pelo escritor britânico Samuel Smiles (1812-1904). O livro chegou às prateleiras das livrarias no calor das transformações impetradas pela Segunda Revolução Industrial, especialmente na vida cotidiana dos seus conterrâneos ingleses. Diante de um Estado que tentava se resguardar a quaisquer intervenções nas relações de trabalho entre capitalistas e proletários, Samuel Smiles apresentava um discurso que valorizava a

aceitação da condição social de cada trabalhador porque cada pessoa precisaria se autoafirmar realizador, capaz de reconhecer as oportunidades de aperfeiçoar seu trabalho a fim de transformá-lo em algo lucrativo. Como cada pessoa seria proprietária exclusiva de seu trabalho (desde a sua preparação intelectual técnica até sua habilidade intrínseca), o autor valorizou o trabalho livre, empreendedor, perseverante, inteligente, dedicado à construção da poupança. Autorrealização, disciplina, fé, projeção e ascensão social seriam consequências da mudança de postura diante das adversidades impostas pelos novos meios produtivos e relações sociais reformuladas. Possuía esperança em uma reforma social estabelecida por esses valores morais assentados sobre a ética do trabalho relacionado à tecnologia e sob a meritocracia (4).

A partir dessa obra, o pesquisador brasileiro Francisco Rüdiger, no livro *Literatura de Autoajuda e individualismo – contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*, compreendeu o soerguimento da temática da autoajuda da seguinte maneira: no primeiro momento, aspectos analíticos do comportamento humano que valorizavam a moral e a postura no ambiente laboral; seguiram-se considerações espiritualistas como pontos capitais do sentido da existência humana, que contemplariam a satisfação das conquistas, tanto incorpóreas quanto materiais; por fim, a conduta mais aguerrida, que estimulava as energias intelectuais, capaz de enfrentar a concorrência natural da sociedade em todos os sentidos da vida para chegar ao sucesso material, não importando quais obstáculos – humanos ou não – precisem ser superados (5).

Essas mudanças temáticas devem ser entendidas como respostas às demandas sociais referentes à época de quando foram escritas: o passar das décadas demonstrou que poucas pessoas conseguiam implementar de maneira satisfatória os princípios dos livros de autoajuda, o que tornou necessário mudar sua essência e propor reformas íntimas mais adequadas aos desafios que encontravam.

As ideias imanentes desse discurso constroem discursos lógicos, o que não significa serem éticos, benignos ao con-

junto da humanidade. Elas têm origem em outros pensamentos racionais de sua época. Embora esses raciocínios estejam dispersos, vestígios podem ser encontrados em uma especulação filosófica, um argumento sociológico, um entendimento histórico e uma expectativa liberal da economia clássica.

No texto *Resposta à Pergunta: O que é o Esclarecimento?* o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) expressou como poucos o sentimento da Ilustração quanto ao aspecto da propagação da razão. Em pleno Século das Luzes, acreditou que, com o acesso ao saber racional progressivamente democratizado, o homem (ora representando o indivíduo, ora a humanidade) poderia chegar à maioridade.

Esse momento da vida do indivíduo ou da História da Humanidade estaria relacionado à capacidade inerente a esse ser de guiar-se pelo próprio entendimento racional do mundo, evitando se ilusionar por crenças, tradições, preceitos, fórmulas, opiniões alheias, superstições; em outras palavras, viver tutelado pela razão de outrem, ser autossuficiente em seus pensamentos, palavras e ações. Liberto da comodidade preguiçosa e da covardia, o ser humano que desenvolvesse sua razão a partir de estudos e reflexão estaria enfrentando um caminho de paixões controversas: aborrecimento pela dedicação e paciência, realização pelo esclarecimento e independência.

Conquista possível porque o próprio conceito de liberdade teria se ampliado para o ser humano *fazer uso público de sua razão em todos os domínios*, com isso, concordar ou discordar de seu destino no espaço privado ou no ambiente coletivo (6).

O ser humano, a partir do século XVIII, teria condições de tomar a guia de seu destino de maneira independente; nada que estivesse fora de sua razão poderia detê-lo, controlá-lo, limitá-lo ou subjugar-lo. Nesse sentido, os livros de autoajuda aguçariam o potencial individual, como se não existissem estruturas socioeconômicas e culturais limitantes das liberdades e realizações individuais.

Estupefato com a iniciativa da burguesia industrial em trazer princípios científicos e aplicá-los à produção,

distribuição de mercadorias e nas comunicações, pontos focais da Primeira Revolução Industrial no final do século XVIII e início do século XIX, em seu livro *Curso de Filosofia Positiva*, publicado em seis volumes entre 1830 e 1842, o francês Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) acreditava que o ser humano tivesse criado as condições para o surgimento da melhor forma de se viver, pois a razão seria o norteador de todos os parâmetros de sua existência.

Entendia que sua realidade coletiva estaria no estado de “*anarquia*” ou “*desordem*” como resultado dos conflitos sociais no interregno da Revolução Francesa; de maneira idêntica, tensões sociais e políticas permeariam toda a Europa em decorrência das Guerras Napoleônicas. Acreditava que a religião perdera sua força na organização da conduta do ser humano e enxergava grande desilusão social nos resultados das ideias da Ilustração (“*filosofia negativa*”) no mundo industrializado.

Concebeu uma “*filosofia positiva*”, construtiva, capaz de oferecer tranquilidade social e unidade à História da Humanidade. Apenas um tipo de sociedade seria válida a partir do século XIX, aquela baseada na razão.

Todavia, reconheceu a complexidade de se estudar uma sociedade. Considerou ser pertinente classificar as ciências em graus de generalidade decrescente (“*fenômenos mais gerais, mais simples, mas abstratos e mais afastados da humanidade*”) e complexidade crescente (“*mais particulares, mais complicados, mais concretos e mais diretamente interessantes para o homem*”), pela ordem atribuída à *comparação aprofundada dos fenômenos correspondentes: a astronomia, a física, a química, a fisiologia e, enfim, a física social* (7).

Assim como a matemática oferecia fórmulas sintéticas aos fenômenos físicos, propunha que os fenômenos sociais poderiam ser estudados para que fossem encontradas suas *leis* de funcionamento; além disso, todo conhecimento científico e filosófico deveria ter por finalidade o aperfeiçoamento moral e político para se chegar à vida coletiva definitiva do ser humano.

Teriam a História e o pensamento humano evoluído

de maneira conjugada ao longo de sua existência. No *estado teológico*, o espírito do ser humano seria propenso ao animismo, politeísmo ou monoteísmo interferentes nos fenômenos naturais e sociais, consequência da vontade de um deus ou um conjunto deles; logo, as autoridades reclamariam interferências e poderes oriundos de vontade divina, o que legitima seu mando pela crença na religião e pelo uso arbitrário da força. No *estado metafísico*, existiria a fé decrescente do espírito humano nesses seres abstratos, fenômenos naturais e sociais passariam a ser explicados por *forças abstratas*, inerentes aos diversos seres do mundo; leis ou regras jurídicas (entidades abstratas) teriam se tornado norma de conduta social, as guerras seriam a última alternativa de se defender essas leis ou regras jurídicas; por fim, classes sociais seriam subjugadas por forças econômicas. No *estado positivo*, explicações para os fenômenos naturais e sociais passariam a ser feitas na dedução e experimentação sob raciocínio exato – de preferência expresso em equações matemáticas – o que ligaria *fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir*; através do processo racional científico seriam encontradas as leis que regeriam a sociedade (“*física social*”), transformadas em leis ou regras jurídicas pelos integrantes do poder, que, em decorrência da aceitação moral, organizariam a conduta humana de forma mecânica, e assim a sociedade funcionaria como o sistema produtivo da indústria (8).

Cada indivíduo ou grupo teria uma função social específica e indispensável para o funcionamento do conjunto social, constituiria uma “*ordem*” mecânica que levaria o país ao “*progresso*” infundo. A mesma elite político-econômica que proporcionara o advento da Revolução Industrial seria responsável pela implementação e futura democratização do *Estado positivo* (9).

Comte reconheceu a existência de grupos socioeconômicos e políticos em uma sociedade: elite e população; aquela com a missão ou responsabilidade histórica de levar toda a humanidade a um estado positivo; esta com a necessidade de entender sua posição e aceitar a nova realidade a ser imposta, não importando a quantidade de tempo que

deveria esperar para ver sua vida prosperar. Isso implicaria na aceitação de sua condição social – qualquer que fosse ela – até sua transformação, o que requer sua renúncia à participação política, ao embate democrático dentro das balizas éticas e morais aceitas.

Existiria uma lógica para cada indivíduo se encontrar em uma classe socioeconômica inferior e nela permanecer com a intenção de fazer o mecanismo social funcionar o suficiente para trazer a prosperidade geral. Seria inviável a oposição, o debate ou a manifestação; seria adequada a situação, a concordância e a mansidão.

Diante da realidade ainda não inteiramente regida no estado positivo, haveria crises de identidade, mas seria o pensamento “positivo” para, em um futuro, determinado pela pessoa, alcançar o próprio sucesso. Da fidelidade positiva mental se seguiria a realização positiva material; da realização positiva individual se seguiria a realização positiva social.

Noutra perspectiva, quando o sociólogo alemão Maximilian (Max) Emil Weber (1864 – 1920), na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de 1904, observou o capitalismo como uma das características marcantes do mundo moderno, constatou que nele havia uma racionalização dos elementos da vida – diferente de outras épocas da História da Humanidade – em especial no trabalho (10).

Sobre essa premissa, uma mudança significativa: específica ética voltada à vida material diferente da Idade Média, preocupada com a emancipação espiritual cristã. Iniciada com o protestantismo de João Calvino (1509-1564), no livro *Institutio Christianae Religionis (A Instituição da Religião Cristã)*, de 1536, a salvação humana da danação no Inferno no momento do julgamento de Deus, logo após a morte física, seria a representação da vontade Divina, em outras palavras, somente os eleitos de Deus seriam salvos (11). Fazer o bem seria uma manifestação temporal dessa escolha. Como a religião permearia todas as manifestações da vida, inclusive o trabalho, a preguiça e a pobreza seriam fontes sólidas do pecado; portanto, o trabalho (em próprio

negócio ou contratado por alguém) afastaria o fiel cristão calvinista desse mal. O sucesso financeiro ou o bem estar da vida material resultaria da predestinação. O lucro e a usura tornar-se-iam instrumentos da graça (12) enquanto o governo civil se tornaria o protetor dessa ética (13).

Não teria demorado para que fiéis de outros credos aceitassem essa proposta ética, sem os indicativos protestantes. Disseminou-se a dedicação afogadiça ao trabalho para o ganho (seja como empreendedor, seja como contratado) e poupança (o acúmulo de dinheiro ou bens) capazes de revelar segurança, um acalanto no cotidiano repleto de riscos do capitalismo.

É o que Max Weber denominou “tipo ideal” do “espírito” do capitalismo. Dele, surgiram as instituições que estruturariam e consolidariam esse sistema socioeconômico (Estado, fábricas, forças armadas, comércios, leis, escolas e universidades, polícia, entre outras) (14).

Como as pessoas, desde o século XIX, raras vezes aprendiam com a família ou no ensino formal uma maneira racional de gerirem seus trabalhos, administrar corretamente suas rendas e interagirem com o Estado que as protegia, tornar-se-ia necessário que outros processos de ensino e aprendizado o desenvolvessem, como livros de autoajuda e cursos exclusivos para isso.

Enfim, o liberalismo econômico foi uma ideia surgida no século XVIII, a partir de escritores mundialmente conhecidos como o escocês Adam Smith (1723-1790). Era uma proposta de valorização das iniciativas individuais na economia, entendida como as trocas materiais na vida humana. Rejeitava a intervenção do Estado ou organizações coletivas nas decisões econômicas de pessoas físicas ou jurídicas. Os agentes econômicos de uma sociedade (indivíduos ou empresas) seriam incentivados por desejos ou impulsos naturais de melhoria de sua atividade econômica a fim de realizar seus objetivos materiais e espirituais; as trocas decorrentes trariam benefícios à sociedade como um todo, porquanto o somatório dos interesses próprios de cada um promoveria certamente o êxito geral (15).

Os livros de autoajuda podem ser considerados ma-

nuais que transcendem a leitura, o que implica compromissos de mudança de níveis mentais, usos de palavras e conversão atitudinal. Possuem valores morais e princípios éticos organizados de maneira racional como imaginava Kant. No princípio, como esses manuais reconheciam a existência de estruturas institucionais que o ser humano individualmente não conseguiria modificar, promoviam esclarecimento e reencaixe dos indivíduos – que conseguiam modificar a si – nos ambientes funcionais, para que atingissem maior performance na intenção de melhorarem seus rendimentos, chegam aos seus objetivos e serem reconhecidos, eficientes componentes integrantes de mecanismos sociais como pensava Comte. Entendiam o trabalho como meio sagrado (portanto único e inviolável) para se conseguir pagar pelos bens materiais fundamentais da vida (alimentos, roupas, calçados, moradia etc.) e poupar com a intenção de chegar às realizações materiais e espirituais mais caras (viagens, estudos, filhos etc.), como deduziu Weber. Independente da existência de estruturas institucionais que o ser humano individualmente não consegue modificar, movido pelos seus desejos e pela sua razão, através dos ensinamentos dos livros de autoajuda, o indivíduo poderia ter condições de enfrentar a concorrência ou os desafios no sentido de alcançar o sucesso que lhe seria subjetivo; mas essa suposta essência humana, sendo geral, traria um equilíbrio de forças individuais capaz de promover a felicidade geral de uma sociedade, como idealizou Smith.

Diante das dificuldades conjunturais ou estruturais do mundo contemporâneo, os livros de autoajuda serviriam para que o leitor reinventasse seu cotidiano a fim de vencer questões e atribuições que parte significativa das outras pessoas não conseguiriam. Em outras palavras: os livros de autoajuda (em papel ou eletrônicos) podem ser caracterizados como textos capazes de serem adquiridos por valor econômico modesto e que teriam a capacidade de fazer o leitor descobrir, desenvolver ou reorganizar pensamentos, palavras e ações supostamente positivas, para transformar aspectos considerados por ele ou pelo grupo social no qual se inserem como negativos para a própria existência, com

o propósito de conseguir sucesso em vários segmentos da vida (relação amorosa, educação formal, trabalho, lazer, enfim, objetivos que considera importantes para a realização material e espiritual).

Não obstante, a leitura dos livros de autoajuda não encerra imediata transformação de palavras e atitudes, precisam passar por longo processo de ponderação e perseverança no novo sentido para a vida. As mudanças necessárias para se chegar à plenitude não devem acontecer nas estruturas ou conjunturas da sociedade, mas no âmbito interior.

O ser humano rompe com a cooperação, com a identidade de classe, com o altruísmo para tentar se desenvolver ao extremo com o menor compromisso social, abrindo concorrência com todas as pessoas que o cercam – dos familiares aos colegas de trabalho – e, mesmo assim, pretende ficar em paz consigo.

O senso crítico se desfaz e o senso comum ocupa todas as potencialidades do indivíduo nas sociedades do mundo ocidental. Daí cabe ignorar a condição não apenas das instituições sociais, mas a própria condição humana do outro, transformando-o em algo supérfluo. Isso explica o que a filósofa germano-americana Hannah Arendt (1906 - 1975) denominou *banalidade do mal*, a ausência de pensamento ou profunda reflexão diante dos atos que se pratica, eximindo-se de responsabilidades sobre possíveis consequências maléficas a outrem, tudo por conta de uma moral egoísta que se pretende justa. Argumento desenvolvido ao analisar o julgamento de um criminoso nazista no livro *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal* (16). É a lei imposta pelo mais forte e o completo desprezo pelos mais fracos, o que isentaria o indivíduo do zelo aos menos favorecidos pela ideologia dominante e pela ação das elites socioeconômicas nas sociedades: proletários, mulheres, crianças, quilombolas, desempregados, apátridas, imigrantes, afrodescendentes, idosos, grupos LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais ou transgêneros, queer, intersexos, assexuais e mais), indígenas, entre outros.

Os livros de autoajuda encontraram campo fértil na civilização ocidental (na qual o Brasil se insere) porque a ideologia dominante na sociedade é, antes de tudo, individualista. Criada por parcela significativa das elites socioeconômicas, racionalizada por intelectuais que dela se alimentam economicamente, o individualismo é defendido como fundamento às liberdades individuais, entre elas o direito natural e inviolável à propriedade (tanto a propriedade existencial do indivíduo, os bens materiais indispensáveis à sobrevivência e própria realização, quanto a propriedade privada produtiva, relacionada ao controle dos meios de produção). Reafirmada essa essência da organização socioeconômica capitalista, cada pessoa deveria se preparar (através dos estudos, da experiência e da afinidade), lutar e zelar por seus objetivos e conquistas individualmente porque faz parte da vitória em uma concorrência, não o confronto político democrático com suas regras morais e éticas definidas em consenso, mas sim a guerra pela sobrevivência contra os outros indivíduos da sociedade; a meritocracia irrestrita seria a consequência “justa” desse idealismo.

Compreender como aconteceu a transformação desse gênero da literatura em sucesso de vendas mundial e enorme faturamento das editoras e livrarias reflete diretamente o que os filósofos alemães Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903 - 1969) e Max Horkheimer (1895 - 1973) entendiam como Indústria Cultural burguesa no capitalismo, expressão cunhada no livro *Dialética do Esclarecimento*: o desenvolvimento de produtos culturais padronizados para o mercado popular, de baixo custo, a fim de manipular ou alienar a massa social no sentido de não conseguirem compreender as condições socioeconômicas em que vivem e que inviabilizam a organização política para a transformação da sociedade em direção a uma nova realidade com justiça socioeconômica e qualidade cultural (17).

Os livros de autoajuda apresentam a racionalidade ideológica e produtiva de parte significativa das elites socioeconômicas como a experiência mais evoluída do espírito humano, ou seja, o capitalismo seria a organização

socioeconômica que proporcionaria as maiores realizações dos seres humanos, desde que se alinhassem à racionalidade proposta. Os exemplos de triunfo nessa ideologia são indutivos porque mostram unidades de sucesso, mas escondem milhares de fiascos.

Nesse instante surge a agonia. Uma vez alinhados a essa proposta de racionalização da vida, os resultados positivos possuem grande probabilidade de não aparecerem e as pessoas se deparam com sua existência esvaindo-se sem o progresso esperado. Trocam os títulos de autoajuda, vislumbram realizações no futuro, mas ele parece distante ao ponto de nunca acontecer; diante disso, são poucos os aspectos na vida dos leitores que parecem melhorar. Esses leitores se deparam com estruturas socioeconômicas e culturais que lhes revelam sua real condição humana, mas não aprenderam a lidar com isso. Ou exercitam o caminho do debate democrático respeitoso, da luta política polida, inserindo-se no contexto social da identidade de classes e da luta social por verdadeira justiça coletiva, ou procuram render-se ao psicanalista, psicólogo ou psiquiatra.

Cada cidadão possui terrores pessoais, mas é o estudo da literatura, das ciências, da filosofia, das artes, da linguística que torna os pensamentos racionais verdadeiramente éticos, libertadores do espírito humano, porque é um caminho para a crítica, não o arremesso incontido e enraivecido de palavras pesadas como pedras, manifestado pelo senso comum, mas a análise profunda e eticamente humanista do senso científico, filosófico, artístico ou linguístico.

É irrelevante a melhoria das vidas dos leitores de livros de autoajuda. As cifras das contas bancárias dos autores, editores e livreiros que apostam nesse seguimento econômico são o único êxito observável. **T**

André Chaves

Cadeira 6 – Machado de Assis

Fontes

(1) **Sindicato Nacional dos Editores de Livros** in https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2019/04/Apresentacao_pesquisa_ano_base_2018_imprensa.pdf

(2) **The New Publishing Standard** in <https://thenewpublishingstandard.com/global-book-market-valued-at-143bn/>

- (3) **Think and Grow Rich** de Oliver Napoleón Hill (1883 - 1970) publicado em 1937; **You Can Heal Your Life** de Louise Lynn Hay (1926 - 2017) publicado em 1984; **A Message to Garcia** de Elbert Green Hubbard (1856 - 1915) publicado em 1899; **Your Erroneous Zones** de Wayne Wálater Dyer (1940 - 2015) publicado em 1976; **Who Moved My Cheese? An Amazing Way to Deal with Change in Your Work and in Your Life** de Patrick Spencer Johnson (1938 - 2017) publicado em 1988; **The 7 Habits of Highly Effective People** de Stephen Richards Covey (1932 - 2012) publicado em 1989; **The Power of Positive Thinking** de Norman Vincent Peale (1898 - 1993) publicado em 1952; **The Secret** de Rhonda Byrne (1945) publicado em 2006; **How to Win Friends and Influence People** de Dale Breckenridge Carnegie (1888 - 1945) publicado em 1936; **The Total Woman** de Mirabel Morgan (1937) publicado em 1973; **What Color Is Your Parachute?** de Richard Nelson Bolles (1927 - 2017) publicado em 1970.
- (4) SMILES, Samuel **Ajude-se**, São Paulo, Editora Abnara, 2015.
- (5) RÜDIGER, Francisco **Literatura de Autoajuda e individualismo - contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa -contemporânea**, Porto Alegre, Gattopardo Editora, Porto Alegre, 2010, pp. 77 - 176.
- (6) KANT, Immanuel Resposta à Questão: O que é o esclarecimento? in **Revista Cognitio**, São Paulo, v. 13, n. 1, pp. 145 - 154, jan./jun. 2012.
- (7) COMTE, Isidore Auguste Marie François Xavier Curso de Filosofia Positiva in **Coleção Os Pensadores, Volume XXXIII - Comte / Durkheim**, São Paulo, Editora Nova Cultural, 1973, p. 39.
- (8) Idem, p. 10.
- (9) COMTE, Isidore Auguste Marie François Xavier Discurso sobre o Espírito Positivo in **Coleção Os Pensadores, Volume XXXIII - Comte / Durkheim**, São Paulo, Editora Nova Cultural, 1973, pp. 74 - 79.
- (10) WEBER, Max **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1967, pp. 19 - 27.
- (11) CALVINO, João **A Instituição da Religião Cristã**, Tomo II, São Paulo, Editora da Unesp, pp. 375 - 385.
- (12) WEBER, Max Op. Cit., pp. 28 - 62.
- (13) CALVINO, João Op. Cit., pp. 418 - 440.
- (14) Idem, pp. 875 - 902.
- (15) SMITH, Adam **Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**, São Paulo Editora Nova Cultural, 1985, Volume I, pp. 39 - 150.
- (16) ARENDT, Hannah **Eichmann em Jerusaém - Um relato sobre a banalidade do mal**, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2018, pp. 69 - 127 e pp. 275 - 302.
- (17) ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund & HORKHEIMER, Max A indústria Cultural: O Esclarecimento como mistificação das massas in **Dialética do Esclarecimento**, Rio de Janeiro, Editora Zahar, pp. 57- 80.

ESCOLHA ETERNIZAR O QUE REALMENTE VALE A PENA

*Maria do Céu
Formiga de
Oliveira*

Era do vazio... o filósofo Lipovetsky tem razão. Essa é a era em que vivemos. Um vazio que, estranhamente, ao invés de nos trazer angústia, traz apatia, narcisismo exacerbado através do controle sobre o corpo e a alma; poucas barreiras morais e uma necessidade, fora de tamanho, de desenvolver um amor-próprio que diminua a necessidade de precisar de alguém para se sentir feliz.

Enfim, uma vida no meio de tanta racionalidade não tem como não esbarrar o tempo todo no individualismo, no consumismo, numa ética hedonista e no esfarelamento da sensação de tempo e espaço.

Era do vazio, sociedade da decepção, binômio complexo

Quanto mais ofertas temos de prazer, maior é a nossa decepção com o mundo que nos cerca. O efeito do excesso do consumismo na esfera psicológica do indivíduo é a espiral da frustração. Quanto mais somos seduzidos a comprar compulsivamente, mais aumenta a insatisfação, porque pós conseguirmos sanar uma necessidade, logo surge outra e mais outra... E, nessa perpétua carência, o que temos em pouco tempo se apresenta decepcionante e a ânsia se mostra permanente.

Uma vida suprida pelo lado de fora

Num momento como o que estamos vivendo, sob a égide de um vírus que não respeita nem desejos, nem sonhos, tampouco o acervo louco das características da pós-modernidade, que suplício ficar em casa olhando a vida da janela, principalmente porque fomos treinados a achar que não é “nada produtivo” sossegar, contemplar, viver a quietude, ouvir o silêncio.

Essa pandemia veio mesmo revolucionar a vida e, lamentavelmente, a sua despedida. No meio da ausência do velho

(e asfixiante) cotidiano, ao contrário do que se pensa, sempre acontecem fatos que, se vistos pelos olhos do coração, revelariam detalhes surpreendentes, encantadores, delicados.

Todo dia, em alguma horinha, esbarra em nós um mimo que parece que vem do céu, como se Deus enviasse um recadinho pessoal e alentador. Mas, por serem tão sutis, perdem-se pelo caminho.

Nessa quarentena, desenvolvi o hábito de andar no térreo do prédio que moro após o café da manhã e, se não é possível, por qualquer razão, vou no final da tarde, quando o sol se refugia em seu descanso merecido.

Descobri no paisagismo delicadezas que ficarão retidas num lugar de honra na minha memória, como o movimento dos botões de lírios da paz entre a folhagem, para encontrarem a luz e brotarem branquinhos, faceiros, charmosos...

Vi o quanto os pássaros são mais alegres e comilões quando o dia chega, o quanto eles beliscam a amoreira, deixam vestígios inquestionáveis pelo chão e o quanto são silenciosos quando a noite vem... Penso: devem dormir numa paz... quase invejável!

Percebi a diferença da intensidade do vento sobre meu corpo a cada quina do espaço que eu caminhava, ora mais presente, ora mais suave... Quanta liberdade! Ele determina sua própria rota e intensidade e, como se não bastasse, ainda segue assobiando e cantando.

Este inocente texto que escrevo agora tem a intenção de convidar quem lê a pensar sobre o quanto pode levar para o retorno a vida “de antes”, a grandeza do olhar solitário, solidário ao que acontece ao redor e que pode fazer toda a diferença à interioridade.

Menos agitação, um pouquinho mais de silêncio e do olhar que busca e encontra felicidade e paz na gratuidade dessas pequenas cenas que estão por aí, por onde se caminha, pelos térreos, pelas calçadas, pelos cômodos da casa, pelas janelas e que, com certeza, encherão o coração de futuro. **T**

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Cadeira 38 - Mário Quintana

OTTO, “UM POÇO DE CONTRADIÇÕES”!

*José Bueno
Lima*

Assim ele se definia. Ria de suas aflições, como sofria com suas angústias.

Otto Lara Resende nasceu em São João Del Rey, Minas Gerais, no dia 1º de maio de 1922, tendo falecido no dia 28 de dezembro de 1992, no Rio de Janeiro. Filho de professor de português, seguiu os passos do pai no culto à língua, com formação em Jornalismo e em Direito. Escritor, tem uma vasta coleção de livros editados, porém sua grande produção literária consistiu no enorme número de cartas escritas. Mais de 7.000 itens do gênero. Era conhecido, também, por suas frases espirituosas. Uma das mais famosas “o mineiro só é solidário com o câncer.” Desde menino, já tinha grande afinidade com o jornalismo, tendo partido moço para Belo Horizonte, onde começou a escrever em diversos jornais. Também, ainda jovem, grande cultor da língua portuguesa, estudou e também deu aulas de Português, Francês, História Geral e do Brasil no Colégio Padre Machado, do qual seu pai foi fundador e diretor. Em 1941, entrou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1946, indo para o Rio, formou, com Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, e Hélio Pellegrino, “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”, nome por ele dado, mas do qual não gostava. Entre 1946 e 1954, trabalhou nos jornais Última Hora, O Globo, Jornal do Brasil e Revista Manchete.

Até então dedicado à crítica, Lara Resende estreou na ficção, em 1952, com “O Lado Humano”, seu primeiro livro de contos, sobre temas do cotidiano. Em 1957, publicou “Boca do Inferno”, também de contos, onde aborda o universo infantil, em sete histórias ao longo das quais é mostrada a complexidade psicológica da criança. Este, muito criticado pela comunidade literária.

A amizade de Otto Lara Resende com Nelson Rodrigues rendeu a peça “Bonitinha, mas Ordinária ou Otto Lara Resende” onde consta a já referida frase sobre os mineiros, cuja autoria Otto contesta.

Entre 1957 e 1959, Otto foi para Bruxelas, nomeado como Adido na Embaixada do Brasil. Ao voltar, confidenciou a Dalton Trevisan que, “se empregasse numa outra atividade o esforço e o tempo nesses dois anos que passei escrevendo cartas, teria construído a pirâmide Quéops”. Retornando ao Rio, voltou a escrever em jornais.

Em 1962, publicou “O Retrato na Gaveta”, contos e novelas. Em 1963, o “Braço Direito”, seu único romance. Com este, ganhou o Prêmio Lima Barreto, que fora instituído pelo livreiro Carlos Ribeiro. Em 1964, Otto publicou a novela “A Cilada”, incluída no volume “Os Sete Pecados Mortais”, de vários autores. Entre os anos de 1966 e 1970 ocupou o cargo de Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa. Voltando, novamente foi trabalhar no Jornal do Brasil. Depois, por dez anos, atuou nas Organizações Globo. Em 1975, publicou As Pompas do Mundo, contos.

Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1979, tomando posse da cadeira número 39.

Seguem mais obras suas: O Elo Partido e Outras Histórias, contos, 1991; Bom Dia Para Nascer, crônicas, 1993; O Príncipe e o Sabiá, ensaios, 1994; A Testemunha Silenciosa, novelas, 1995.

Em 1994, foi homenageado pela Empresa de Correios e Telégrafos com a emissão de um selo com sua imagem.

Também foi contemplado com o Prêmio Jabuti.

Em 2023, será publicada, pelo Instituto Moreira Salles,

com edição da Companhia das Letras, uma seleção de 100 cartas suas endereçadas a Dalton Trevisan, Fernando Sabino, Francisco Iglesias, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino e Rubem Braga.

Algumas frases

“Para mim, é absolutamente fundamental que o espetáculo não termine aqui embaixo, na Terra”.

“O homem é um animal gratuito.”

“Depois dos cinquenta, a vida precisa de um anestésico.”

“A morte é de tudo na vida, a única coisa absolutamente insubornável.” **I**

José Bueno Lima

Cadeira 14 – Álvarez de Azevedo

Elvia Bezerra – Pesquisadora de literatura brasileira e colaboradora no Instituto Moreira Salles, in De Otto, Com Amor – artigo publicado na Folha de São Paulo Caderno Ilustríssima, pag. C6, em 01/05/2022.

Dilva Frazão – Biblioteconomista e professora – in Biografia de Otto Lara Resende – in Google.

VIDAS QUE NÃO MERECEM VIVER

*Humberto
Domingos
Pastore*

Um dos artigos tratados pelo filósofo e teólogo Wagner Cipriano Araújo, no livro “Tempos de Crise — Reflexões sobre o mundo atual”, aborda a questão da politização da vida e as vidas que não merecem viver.

O autor recorda que, no passado, a questão sobre a decisão de quem iria viver ou morrer ficava na esfera do poder divino, mas que há pouco mais de cem anos passou a ser um tema terreno, debatido no âmbito político da sociedade.

Fica evidenciado que o que se debate é o fato de existirem pessoas que não podem sequer decidir se desejam morrer ou continuar vivendo. E aí, o Estado acaba intervindo para responder por aqueles que estão incapazes de decidir sobre o seu próprio destino.

Primeira problematização

Afinal, será que existe um sinal que aponte o limite que seja suportável entre aqueles que defendem, por exemplo, a eutanásia e aqueles que a consideram abominável?

É curioso como, até na Bíblia, encontramos munição para ambos os grupos que possuem pensamentos tão antagônicos. Peguemos no Novo Testamento a passagem de João 10, 10: “O ladrão vem apenas para furtar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente”. A segunda parte desta frase, por certo todos já a ouviram milhares de vezes, afinal ela é muito dita e repetida todos os dias: “Que todos tenham vida e vida em abundância”.

Assim sendo, pensemos: “se a vida vale só em abundância, então a vida que não é abundante não mereceria ser vivida?”.

A vida de um acamado terminal é abundante? Estaria conforme o ideal apontado na passagem bíblica? Está aí um item a mais para entrar no debate.

Segunda problematização

É comum ouvirmos a afirmação de que a eutanásia, quando aplicada, interrompe a vida do paciente terminal, e que o correto seria deixar que Deus, o Ser Supremo, decidisse qual seria o dia, o momento de sua morte.

Mas, pensemos um pouco. Será que o acamado continuaria ocupando o leito hospitalar se não estivesse ligado à aquela parafernália de tubos e aparelhos? Será que não é justamente o contrário que está acontecendo? Ou seja, o homem é que está prolongando a “vida” de uma pessoa que pelos desígnios de Deus já deveria ter sido ceifada?

É evidente que, graças à inteligência humana, fornecida por graça de Deus, o ser humano tem descoberto medicamentos e tecnologias suficientes para aumentar a média de vida, que passou em poucas décadas, dos trinta para perto dos setenta anos. Mas ele não estaria indo um pouco além, passando-se por Deus e querendo estender o tempo mais que o previsto, mais do que necessário, mais do que o correto?

Terceira problematização

Anos atrás acompanhei uma palestra promovida pela Diocese de Santo André, onde o tema versava sobre o drama de um grupo que atua dentro dos Hospitais, e cuja missão justamente é o de analisar e tomar difíceis decisões.

Pode parecer injusto, inacreditável, pouco ou nada humanitário, mas, na verdade, os integrantes deste grupo, representado por diversos segmentos da sociedade, têm a

incumbência de decidir quem tem mais direito de ocupar os leitos hospitalares. Pacientes acima de certa idade perdem seu espaço para gerações mais novas. Pacientes portadores de uma doença mais grave dão lugar para quem tem mais chance de ser curado. Quando o assunto é operação cirúrgica, a análise entra em questão também. Afinal qual será o seu “custo benefício”? Será que o gasto com uma cirurgia não seria inútil? Parece doloroso, mas estas são ponderações que são colocadas na mesa para decidir, quem terá mais chance de viver... Ou morrer.

Quarta problematização

O livro em questão, como citamos no início e reforçamos agora, prende-se mais à discussão sobre a decisão do Estado em detrimento ao desejo de quem não pode tomar uma decisão. Mas cabe, também, uma reflexão sobre a tomada de decisão de quem ainda pode e quer dar um destino para a sua vida, digamos assim, que já não é “tão abundante” como a da citação bíblica.

De qualquer parte do mundo surgem, de tempos em tempos, casos que vão parar nos tribunais. São pessoas que, após longo período no leito hospitalar ou mesmo em leitos de suas casas, não suportam mais viver naquelas condições. Também nestes casos, o Estado é quem dá a última palavra.

Se, nos exemplos do livro, encontramos os casos de pessoas incapazes “de dar conta de sua própria existência, seja por limitação mental ou por coma”, aqui temos um grupo de pessoas, que, mesmo doentes, podem e querem decidir seu futuro, interrompendo uma vida que já não as anima, mas que também acabam impedidas por uma lei maior, uma lei da sociedade, uma lei do Estado..

Conclusão

A linha que adotamos nesta dissertação, propositalmente, foi o de contrapor a analisada do artigo pelo autor.

Sem uma defesa prévia ou sistemática, o objetivo central foi o de mostrar outras vertentes sobre o mesmo drama.

Quando se trata da vida humana, quem é que pode decidir? Fica um pouco mais fácil criticar quando a decisão parte do outro, de um terceiro, mas trazemos o debate para uma análise sobre os casos em que a própria pessoa interessada quer tomar uma decisão, mas fica proibida por questões jurídicas anteriormente definidas.

Por fim, queremos deixar mais uma forte argumentação. A lembrança do Papa João Paulo II que “decidiu se deixar morrer”. Não foi uma eutanásia, mas uma ortotanásia, que é quando a morte ocorre de forma natural. Ela está relacionada à suspensão de procedimentos médicos. E, em muitos casos, os pacientes terminais até recebem autorização para voltarem para casa. Portanto, a ortotanásia é justamente o contrário da distanásia, que seria o prolongamento do momento da morte, por meio da utilização de fármacos e aparelhagens.

Humberto Domingos Pastore

Cadeira nº 19 - Patrono Dom Aquino Correa

DEUSA MINERVA NO JARDIM DO MUSEU

Hildebrando Pafundi

Conhecia parcialmente a história da escultura da Deusa Minerva, que representa a glorificação da indústria e do trabalho, produzida na Itália e que, atualmente, encontra-se instalada definitivamente no jardim da frente do Museu Municipal de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, na Rua Senador Flaquer, 470, Centro, desde 28 de novembro de 1997. Fiz algumas pesquisas e encontrei mais detalhes sobre esse famoso monumento.

„A estátua da Deusa Minerva foi encomendada na década de 1940 por uma empresa carioca, para representar o crescimento da indústria e do trabalho, porém, quando desembarcou no Rio de Janeiro, a fábrica estava com as portas fechadas, pois abrira falência. Mas a obra não retornou à Itália e foi adquirida por Hostiano Dutra, que decidiu dá-la de presente ao seu genro, José Brancaglione, mais conhecido como Zezinho proprietário da Farmácia Santo André, localizada na histórica Rua Coronel Oliveira Lima (atual Calçadão), número 159, térreo do Edifício Drogasil, onde permaneceu mais de trinta anos. Passei pelo local recentemente, e a Drogasil, que foi a substituta da antiga farmácia, também estava com as portas fechadas.

Lembro-me bem dessa época, 1955, porque eu estava com 13 anos e comecei a trabalhar na Farmácia Santa Luzia, na Praça Almeida Júnior, no bairro da Vila Assunção, onde se encontra até hoje. O prédio passou por reformas e mudou de proprietário diversas vezes, mas ainda existe e com o mesmo nome. Eu também morava nessa localidade. Minha família, de imigrantes italianos por parte de pai, e portu-

gueses pelo lado da mãe, mudou-se do bairro Belenzinho, na Capital de São Paulo, quando eu estava com quatro anos e outro irmão com dois, para a Vila Assunção. Mais dois irmãos e uma irmã nasceram nessa nova residência.

Meu pai conheceu e logo fez amizade com o primeiro proprietário da Farmácia Santa Luzia, Orlando Ferrari, e solicitou um emprego para mim. Quando iniciei o trabalho, tinha como tarefas, além de varrer o chão, fazer a limpeza do laboratório, lavar vidros de fórmulas, efetuar entregas em domicílios, a pé ou de bicicleta, e também fazer compras de alguns remédios, que estavam em falta, nos estabelecimentos farmacêuticos do Centro, em especial na Farmácia do Zezinho, onde eu ficava olhando e admirando aquela estátua da Deusa Minerva, dentro do estabelecimento enquanto aguardava ser atendido. Alguns fregueses também achavam estranho esse monumento, enquanto outros já estavam acostumados e nem olhavam.

Depois de ficar exposta por trinta anos na farmácia, a pedido do próprio Zezinho, antes de falecer, a família doou a escultura para Prefeitura de Santo André, que a instalou na Praça do Carmo, onde eu também a apreciava sempre que passava pelo local. No entanto, devido a problemas com o clima, como calor e chuvas, a obra sofreu danos na pátina e passou por processo de restauração entre os anos de 1970 e 1980, quando precisou ser removida, por causa de reforma efetuada na Praça do Carmo, o que casou danos estruturais, necessitando passar por uma nova restauração, em 1997, feita pelo especialista Paulo Eduardo Miti.

As ferramentas e a roda dentada, que compõem a escultura, foram fundidas em bronze, e no restauro das asas foi necessário confeccionar várias penas que sofreram danos no transporte de remoção da Praça do Carmo para o Museu Municipal de Santo André, utilizando o mesmo processo original. E na ocasião o restaurador, Paulo Eduardo, ao soldar o tarugo de cobre, constatou a existência de fissuras e rachaduras no corpo, que foi preenchido com breu para dar rigidez estrutural. Segundo ele, processo único no Brasil.

De acordo com informações, a patina da obra foi estudada e feita em três cores, sendo que as partes expostas do

corpo e as ferramentas receberam a cor marrom tradicional, enquanto a vestimenta ficou nas cores verde e azul, utilizadas nas esculturas europeias. Depois da secagem, conforme informou Miti, foi aplicada cera de abelha pura, para conservação e embelezamento.

Antes de terminar o texto, fiz uma nova visita ao monumento, no jardim do Museu de Santo André, para anotar o que constava nas placas. A primeira explica com detalhes:

“Minerva representa a glorificação da indústria e do trabalho. Produzida na Itália, no começo do século e instalada na Farmácia Santo André, de propriedade de José Brancaglione. Doada pela família em 1973 e restaurada em 1997.

Prefeito de Santo André, Celso Daniel — 1997-2000.

Apoio cultural Grupo E M S

Grupo E M S — Indústria Farmacêutica Ltda.

A outra placa, na parte de traz é de agradecimento:

“O escultor Salazar, em especial agradece à Dra. Nanci Sanchez e à decoradora M.

A. Demarchi Locosseli pelo apoio a restauração deste monumento. Santo André, novembro de 1997.

Primeira versão 2016 e definitiva 2020. **T**

Hildebrando Pafundi
Cadeira 23 – Tristão de Athayde

EXERCITANDO O RESGATE DAS BOAS LEMBRANÇAS

*Alcidéa
Miguel*

O ser humano tem uma forte tendência, seguida de um enorme desejo, de eternizar os bons momentos.

É sabido que as boas lembranças conseguem renovar a esperança, proporcionar um bom estado de espírito e trazer otimismo para a vida.

Os órgãos do sentido estão disponíveis para imortalizar as lembranças, lembrando assim os momentos mais amáveis e afetivos, como: o cheirinho da casa da avó, do bife acebolado que a mãe preparava quando o filho retornava do colégio, o perfume que a professora preferida usava para lecionar e demais memorandos.

Na mente também estão armazenadas as recordações das cores do pirulito mais gostoso que o irmão comprou no parque e os tons listrados da pipa que subiu mais alto, quando se brincava na infância! Parece que não vai caber a quantidade de lembranças que vão e vem; às vezes, apagam-se, e, em outras, acendem-se. Quando esses acontecimentos envolvem afeto, além de lembrarmos, sentimos as emoções e sensações vividas naquele momento, estimulando assim a memória afetiva.

Na realidade, o tempo passa muito rápido e não é possível controlá-lo. Diante disso, é benéfico estimular a cada dia as boas memórias e, através delas, conquistar novos caminhos, aplicando a correção sobre algum erro detectado e sendo ainda mais assertivo nas ações futuras.

Algumas dicas, de como conservar e resgatar as lembranças e histórias, e ações são indispensáveis para a conservação delas:

Roda de lembranças: praticar a roda de conversa com os envolvidos (familiares e/ou amigos), rememorando, torna-se um ato multiplicador, onde um parceiro ajuda o outro, revivendo cada detalhe das histórias do passado referentes à memória de curto e longo prazo, o que se torna prazeroso e proporciona motivação ao grupo.

Música: selecionar as músicas que fizeram sucesso na época dos acontecimentos, e colocá-las em um pen drive ou CD, para ouvi-las nos momentos de reflexão, é uma excelente estratégia de conservação e resgate da história, que possibilita lembrar das risadas, gargalhadas irreverentes de felicidade e motivos que valeram a pena, bem como visualizar, no imaginário, cada gesto das pessoas envolvidas. Enfim, a música é um grande memorial.

Filmes e vídeos: buscar no celular ou computador os filmes e vídeos; assisti-los sozinho ou acompanhado com o grupo familiar, de amigos; até mesmo resgatar filmes relacionados às músicas tocadas na *playlist* citada no tópico anterior, que pertençam às trilhas sonoras que possam resgatar os bons momentos.

Fotografias: a fotografia impressa tem durabilidade no seu papel, qualidade e cor, e a digital também pode ser acessada em quantidade ainda maior. Ambos formatos mostram cada detalhe da recordação. Os álbuns fotográficos têm um enorme valor histórico e emocional e podem acompanhar várias gerações.

Livro: o livro é uma boa estratégia para manter a história de um povo porque, em seu conteúdo, estão registradas histórias, fotografias que são lidas e contadas por diversas gerações. Muitas vezes, a edição do livro se esgota, mas ele passa por uma reedição e continua a ser compartilhado. Algumas histórias dos livros – geralmente obras imortais – tornam-se filmes ou peças de teatro.

Sobre a referida estratégia, alguns autores fizeram brilhantes abordagens em suas frases poéticas:

“Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo”
(Eça de Queiroz)

“Um país se faz com homens e com livros.” (Monteiro Lobato).

” O livro é uma extensão da memória e da imaginação.” (Jorge Luís Borges).

Conclusão

Dentre as dicas citadas, a que mais se sobressai é o livro, porque é o fio condutor de todos os momentos, sejam bons ou ruins. Ele mantém as recordações; enfim, sustenta a história para toda a vida!

Quando os dias forem bons, viva-os com intensidade!

Vista-se bem, viaje, compartilhe, invista, celebre o seu momento de alegria, para que, quando vier o momento da adversidade, você esteja munido de forças e pensamentos positivos.

As lembranças do passado não podem te impedir de avançar, mas devem ser um bom motivo para você prosseguir.

Registre as suas vivências, compartilhe-as; ouça as recordações e histórias dos que convivem com você; leia as experiências de outras pessoas; dialogue com o livro. **T**

Alcidéa Miguel

Cadeira 25 - Vinícius de Moraes

A ARTE DE ENVELHECER

*Milton
Bigucci*

Em 2019, cerca de dez por cento da população brasileira era composta por idosos com mais de sessenta e cinco anos, percentual este que deverá, de acordo com o IBGE, crescer 14% até 2030 e 25,5% até 2060. Em 2011, os idosos eram apenas 7% da população.

Em 1980, a expectativa de vida era de sessenta e dois anos e meio, subindo em 2017 para setenta e seis anos. A expectativa de vida para quem nasceu em 2020, também segundo o IBGE, é de oitenta anos para mulheres e setenta e três para homens; as mulheres vivem mais.

São dados preocupantes: a população ativa será menor e teremos mais idosos que precisarão de cuidados. A população do mundo está envelhecendo.

Os idosos nos transmitem serenidade, paz e alegria de viver, que os tornam úteis ao mundo e a si próprios. Gostaria de deixar para os jovens e idosos que se preocupam com sua saúde e bem-estar as seguintes dicas:

Envelheça com saúde e alegria;

Não guarde mágoas;

Continue vivendo e produzindo dentro dos seus limites;

Pare de reclamar;

Elogie mais e critique menos;

Durma em paz, sem remorso;

Tome seu café completo logo cedo;

Faça seu exercício, ande, não pare física e mentalmente;
Nunca desanime mesmo doente;
Se adoecer, lute para se curar;
Não busque justificativas para não lutar;
Não fume, beba pouco (não abuse), tome sol;
Mantenha um relacionamento constante com seus familiares, amigos e colaboradores;
Não fique só atrás de controle remoto, WhatsApp etc.;
Viva o hoje.

A cada ano, nas próximas décadas, a chance de a população envelhecer será maior. Já são quase 2 milhões de idosos vivendo em São Paulo.

O idoso deve recriar condições para atualizar-se, física e emocionalmente, sem lamentações e lutando para viver feliz. O dia a dia pode ser útil através dos exemplos e ensinamentos que a experiência e a habilidade nos ensinaram. Devemos motivar as novas gerações e não o contrário! Diariamente, surgem oportunidades para escrevermos um novo capítulo na nossa vida.

Idosos na Moda

Em 26 de julho, comemora-se o Dia dos Avós. Minhas homenagens a esse time lutador e vitorioso, que construiu uma família durante a vida.

Todos temos o dever de cuidar de nossos pais e avós como nos cuidaram, considerá-los úteis, o que lhes será de grande ajuda para o enfrentamento da velhice. Sua missão eterna de servir deve ser mantida e agradecida.

A ajuda, física e espiritual, é fundamental, e eles nunca devem ser abandonados.

Dia a dia se envelhece, e os jovens precisam se lembrar de que a idade chega para todos, que também serão idosos.

Muitos se deprimem por não conseguirem acompanhar

os jovens, cheios de vitalidade, mas é a vida: cada um a seu tempo e a seu grupo. Sejam humildes e inteligentes!

Não podemos desestimular a nova geração, que espera muito de nós.

Sejam úteis! Os idosos não devem aceitar condições que lhes façam se sentir inúteis.

Não se esqueçam de que quem escreveu este artigo é um idoso de 80 anos, avô de 12 netos, que continua na batalha diária e é feliz!

Futebol de Velho

A cada jogo de futebol de que se participa é uma nova batalha vencida. Jogar mal ou bem não é importante, o essencial é jogar até quando Deus permitir. Correr um pouco, andar, tocar a bola e gritar para o amigo “levanta a cabeça!”

O relacionamento, as gozações com os amigos, o respeito mútuo, a resenha do Durval e a arbitragem do Raul no CAY (Clube Atlético Ypiranga), a organização do Tche Tche na SAJA (Sociedade Jardim Acapulco – Guarujá), nada supera esse prazer. São dezenas de nomes de amigos boleiros a quem prezo e respeito, e, para não errar ou esquecer de algum, perdoem-me, vou prestar as minhas homenagens apenas aos falecidos: Marcos Oberle, Jairo Caran, Milton Careca, Sergio Torelli, Thomé, Maritaca e Grego.

Os que não jogam mais, do lado de fora ficam torcendo e gozando, e quando faço uma bela jogada, o Aidar, que está assistindo, diz que não viu. Tudo é um incentivo.

Os mais jovens te respeitam, embora no campo não te passem a bola, porque acham que não vai alcançá-la. Na maioria das vezes eles têm razão, não se alcança, porém quando se alcança é glória para a equipe e para a gente também. Os jovens, em maioria, não percebem que se tornarão velhos; na juventude, acreditamos que seremos eternos.

São poucos que, entre os 70 e 80 anos de idade, jogam futebol. É preciso acreditar e rezar para não se ter uma contusão.

Futebol é para jovens e velhos, não se engane e curta essa alegria. Se estourar o joelho, opere, conserte e continue jogando como eu fiz. Jamais desista. Como tudo na vida, é uma questão de positivismo. De gente negativa o mundo está cheio. Não desanime, lute!

Fazer um gol? É uma glória maior ainda. Alegria insuperável. Fazer um gol de falta, então... tem que comemorar o mês todo. E dar um “chapéu”? Não tem dinheiro que pague.

Enfim, o futebol de campo que pratico, duas vezes por semana, há sete décadas, mantém-me vivo e feliz. Jogamos em vários lugares. Inclusive, durante a pandemia da Covid-19, de março de 2020 a setembro de 2021, parei de jogar apenas por alguns meses.

Até quando jogarei? Não sei.

Quando souber te aviso, se conseguir falar...

Empresas familiares

Conforme o IBGE e o Sebrae, noventa por cento das empresas brasileiras são familiares, representam 65% do PIB e são responsáveis por empregar 75% dos trabalhadores.

Em um país que alcançou 14 milhões de desempregados com a pandemia do Coronavírus, muitos estão tentando unir-se a familiares e montar um negócio próprio.

Uma família empreendedora, além de unir os laços, cria uma força maior em busca do sustento da família.

Não concordo com os que dizem que o sucesso vem com a mistura da família e dos negócios. A linha divisória deve ser bem clara. Cada membro da família tem a sua família e não deve sofrer sua interferência. A empresa gerida pela família deve preservar essa independência. Todos devem lutar por uma causa única, pois é ela que vai sustentar o todo. O fim a que ela se propôs, produzir e construir, é o objetivo principal.

Jamais misturar problemas familiares de cada membro ou família com a empresa. Há noras, genros, netos que gas-

tam mais e outros que gastam menos. Cada grupo deve administrar o seu. Cada membro da família tem um perfil que deve ser aproveitado em área compatível.

A figura do fundador, vivo ou morto, bem como a cultura da empresa, devem ser preservadas para servir como exemplo para as futuras gerações.

É difícil decidir entre a empresa e a família, porém as emoções não devem falar mais alto. Tudo deve caminhar com harmonia. Nada é matemático. Estamos falando de gente, pessoas. Não tem mais velho, mais novo, mais ágil, menos elétrico. O importante é onde cada um rende mais para o bem de todos. Nenhum é mais importante que outro.

É necessária uma mão forte no comando para que não se misturem família e empresa. É um exercício diário. Toda hora surge um fato novo, expondo essas emoções.

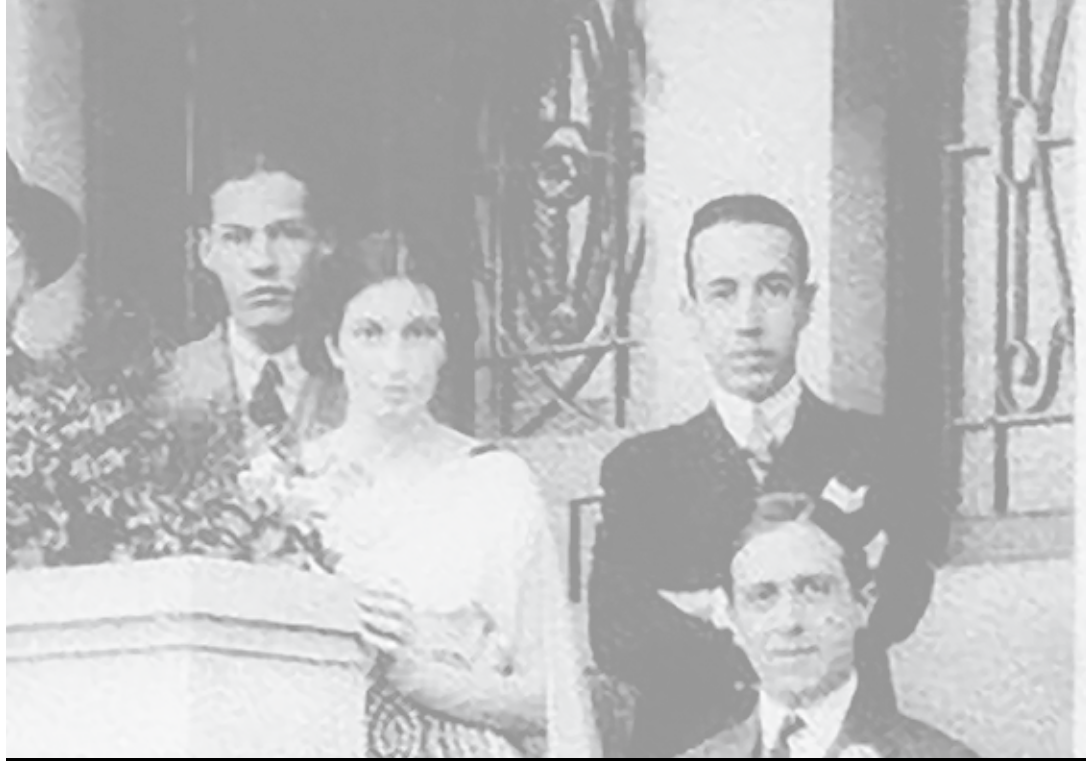
Um outro fato importante sobre o qual se tem falado durante a pandemia é a sucessão familiar: segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), em 2019, a maioria das empresas brasileiras (72%) não tinham um plano de sucessão para cargos-chave, o que pode colocar em risco a empresa, por mais sólida que seja.

Inevitavelmente, o bastão precisará ser passado, em algum momento, para a segunda, terceira ou próximas gerações de descendentes. Segundo outra pesquisa conduzida também pelo IBGC, 71,7% desses negócios sobrevivem sendo geridos pelos herdeiros; porém, com o passar do tempo, a quantidade de familiares na empresa cai, reduzindo-se a 28,7% na terceira geração e somente 5,7% na quarta geração.

Portanto, quanto mais unida e planejada for a família e a empresa, melhores serão os resultados patrimoniais e familiares em qualquer situação. **T**

Milton Bigucci

Cadeira 05 – Lima Barreto



Poesias



LEVANTE OS SEUS OLHOS PARA O CÉU

*Levante os seus olhos para o céu
e cante comigo*

uma canção.

Uma canção de amor

que faça feliz

qualquer coração.

Tire do fundo da alma

o melhor sentimento,

que a gente sabe que tem.

Vamos mostrar para o triste

que o seu coração

tem amor, também.

A vida é curta e a gente

Sabe, também,

que é preciso viver.

Venha para junto de nós,

onde a vida é sadia

e o trabalho é prazer.

Vamos cantar todos juntos,

pois só alegria

combate a dor.

Vamos gritar bem mais alto,

unir nossas vozes

e viva o amor!

DAS COISAS DA VIDA

Eu queria ter

essa luz que brilha

na cabeça daqueles que sabem,

ou pensam que sabem,

das coisas da vida.

Eu queria ter

a certeza de ter,

na cabeça, muitos cabelos brancos

para falar aos meus netos

das coisas da vida.

Contar as histórias que sei

e que pude aprender

através dos caminhos que andei

neste meu viver.

Contarei para eles

uma história comprida,

mas não vou saber lhes dizer

das coisas da vida.

AMARRAS ODIOSAS

*Os escuros da vida
são males guardados
no peito de quem
não os deixam sair.
Um coração amargo
deixa de sentir
os sentimentos raros
do amor a fluir.
Nem o choro consola
um mal incrustado
no fundo da alma
sem poder sair.
E quanto mais ficar
maior será a dor
e fará em todo o corpo
um ódio sentir.
Melhor seria, então,
eliminar a fúria,
provocando o seu desgaste,
só assim irá sair.
Para deixar a mente sã
é preciso desistir
das amarras odiosas
para, do amor, assim fruir.*

A SOBREVIDA

*Deixa-me olhar
bem no fundo
dos teus olhos
para ver o brilho
insinuante
do desejo.
Tira-me do vácuo
temeroso
de tocar-te a face,
mas antes
liberta o todo
que em ti vejo.
Faz de mim
a sobrevivida
que te aplaca,
trazendo à baila
os teus motivos
que destacas.
Juro que eu
serei tudo
que tu queres.
E, além do mais,
vou completar
os teus misteres.*

A MINHA RAZÃO

*Eu quero apenas uma razão
para não deixar que minhas palavras
atinjam em cheio as instituições
que comandam o povo por procuração.
Sim, preciso descarregar o meu coração,
que acumula males que nele entram
e o endurecem como a uma pedra,
que não sente os anseios de uma canção.
Sim, preciso ter mais que convicção,
que o mundo passa por maus momentos,
que a vida que agora temos para viver
não é mais que uma mera provação.
Preciso, sim, convencer-me de que uma nação
não ruma sem entender os seus caminhos,
sem exercitar as suas próprias leis
ou sem deixar de apontar o seu canhão.
Sim, preciso me afastar da ilusão,
pois quero ter a certeza
de que todos os caminhos seguidos
possuem barreiras que ofuscam a nossa visão.
Não, não é apenas imaginação,
pois a realidade bate à minha porta
todo dia e à toda hora,
tirando o sustento de minha mão.
Posso pensar que tudo isso seja não!
Que não existe um mau momento,*

*que não há nada que se confirme
que o meu pensamento seja razão.
Será mesmo que eu sou resmungão,
apenas alguém que não se conforma
com os fatos repetidos a cada momento,
ou será que devo me afastar dessa questão?
Não, não posso esquecer o meu coração
ao ver injustiças por todo lado!
Eu gostaria de ver o bem acima do mal
e o nosso coração cheio de razão.
Sim, gostaria de ver felicidade em cada mão
acenando com carinho
para aqueles que necessitam de refúgio
e precisam de compreensão.
Por tudo isso eu quero apenas uma razão
para não deixar que um nojo,
que é a revolta íntima de um sentimento,
se transforme em um escarrão.
Sim, não, não e não!
Não posso concordar
que todos aqueles que nos exploram
seja apenas uma opção!
Mas eu queria simplesmente
informar a todos que me entenderam
que o melhor dos caminhos
é seguir a própria razão. ¶*

Sebastião Geraldo F. Gomes

Cadeira 01 — Gustavo Teixeira

POR UM PERFUME

(do livro *Irisações Finais*)

Ouvi, atentamente, oh mãe, a narrativa
de uma paixão profunda e quero, nesta altura,
dizer que não fiquei, de forma alguma esquiava
aos lances de ventura, ou quase desventura.

O ciúme, já foi dito, é o monstro. Adamastor
que se instala solene e mau na alma da gente,
e sendo, com efeito, o mal arrasador,
é o gel da ansiedade a escurecer a mente.

A minha história é breve, com dezoito anos
fui levada ao altar, era grande a alegria,
e nem tivera tempo de pensar em planos...
Foi uma festa linda, o mundo me sorria.

Alguns meses depois ruiu o meu castelo,
tempo trazendo mágoa, e um surdo rancor.
Tudo perdido, não restando um frágil elo...
Assim, completamente morto, o meu amor!...

Tiveste nos teus dias horas de amargura
mas, na tu'alma vai agora um novo alento;
Eu já não sonho, a vida é uma noite escura,
em pesadelo horrendo, um longo sofrimento.

Podes sorrir, revive o teu amor de outrora
num ambiente de paz e vera sensação...
Pobre de mim! Confesso acabrunhada, embora
sinta um punhal cravado no meu coração!

Além de lindas pérolas em tuas mãos,
és novamente amada, para sempre amada!
Tua filha, porém, após desilusões
procura ansiosamente a luz de nova estrada.

A vida é um jogo o jogo é um mistério
no que diz ao presente e também ao futuro.
Quem me dera gozar, ainda, do refrigério
da reconciliação, não houvesse o perjuro.

És feliz, oh mãe, entre abraços e carinho
e já podes trazer ao colo o teu colar..
Quanto a mim, sem ventura sou ave sem ninho
nas noites do sem fim, a chorar, a chorar...

Um perfume sutil, no peito da camisa,
foi a causa final do nosso rompimento;
eu quisera esquecer o mal que me escraviza
e transformar em doce alento o meu tormento.

Numa tarde de opala encontrei um amigo,
e ele disse:
— “Não quero ver-te entristecida,
mas alegre, feliz. Vem, meu amor, comigo!”
Desde então decidi por uma nova vida.

Não me condenes pela minha decisão,
Pois o divórcio é remédio verdadeiro.
Buscarei reconforto noutra coração
Em que pressinto amor sincero, verdadeiro!... **T**

TRANSFORMAÇÃO

(do livro Sonetos)

Pela manhã, bem cedo, ao despertar,
Levante os olhos para o céu tão lindo
E verá que mil aves vão partindo
A um novo rumo, para outro lugar.

Não deixe o tédio em sua vida entrar!
Segure a mão de Deus e vá seguindo
Pela estrada de Luz que vai se abrindo
Para que possa firme caminhar.

A sua estrada será abençoada
De luz e estrelas toda marchetada
E o sol como um tapete pelo chão...

Verá que uma vida esplendorosa,
Surgirá renascendo cor-de-rosa
Pelo milagre da Transformação!

AMIZADE

Rezam as Escrituras que um Amigo
Encontrado na Terra é um tesouro...
Vale mais que dinheiro, mais que ouro,
Mais que uma jóia, um objeto antigo.

Feliz de quem na vida traz consigo
Uma amizade séria, ganha o louro,
E proclamá-la deve em seu desdouro
Que tem alguém que o apóia e dá abrigo.

Se a gente sofre, tendo alguém ao lado
Para enxugar o pranto derramado,
Sofre-se menos repartindo a dor.

Assim, seguindo pela vida afora
Nossas mágoas de antes vão-se embora
E abre-se uma porta para o amor.

FARDO

Chego a porta da dor, desesperada,
sacudo os ombros meus descarregando
os fluxos da mágoa, lamentando
não ser presa ideal para a jornada

Não quero a sina de viver fadada
andar no mundo cega, caminhando
sem poder ir de perto observando
as coisas belas de que for cercada.

Sacudo indiferente as agonias,
não vejo, assim, as idiosincrasias
que por ventura possam aparecer...

Descarregada desse fardo infame,
sigo o meu coração no seu ditame,
e me entrego às delícias do prazer!

A MORTE É LIBERDADE

A morte para mim é Liberdade!
É sair de uma vida conturbada
para feliz viver na Eternidade,
sob coros de Anjos embalada.

Ver a Paz que vem da brisa alada
no acalanto terno de fraternidade,
do lugar santo, a Terra iluminada
onde existe amor e luz e só verdade.

Ter os olhos voltados para a Luz,
sentir os braços ternos de Jesus
a envolver nossas almas com amor.

E libertos da dor, maledicência,
seremos Luz e Sol, a pura essência,
glorificados pelo resplendor! **¶**



Discursos de Posse





PRONUNCIAMENTO DE POSSE

Hildebrando Pafundi

Ilustríssima Acadêmica Maria Zulema Cebrian, Digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo,

Digníssimas autoridades presentes,

Digníssimos escritores e Acadêmicos presentes,

Senhoras e Senhores

Como já havia dito na posse de 2004 e que foi publicado na Revisa Tamises 5, vou repetir. Antes de iniciar meu pronunciamento, agradeço aos escritores e Acadêmicos José Antonio Riani (São Paulo) — falecido e João Bosco dos Santos (Santo André) pela indicação do meu nome para ocupar uma cadeira na Academia de Letras da Grande São Paulo. Agora, aproveito a oportunidade para agradecer a escritora e Presidente da ALGRASP, Maria Zulema Cebrian, que aceitou o meu retorno.

Minha primeira participação em livro ocorreu no ano 2000, quando o conto de minha autoria “Promessa de Vingança”, foi classificado entre os dez primeiros colocados em concurso literário do ano anterior, promovido pela Academia de Letras da Grande São Paulo, e incluído na coletânea dos melhores, publicada pela Scortecci Editora. Posteriormente, outros contos e crônicas com os quais participei em concursos ou enviei como colaborador foram publicados em revistas culturais e jornais literários.

Em setembro de 2004, publiquei o primeiro livro individual de contos, “Tramas & Dramas da Vida Urbana”.

Posteriormente, outro conto de minha autoria, “A Greve dos Coveiros”, foi premiado no Concurso de Poesia e Conto Professora Marly Cerqueira Lima, Rio de Janeiro / 2002. Esse foi o conto de minha autoria mais publicado em revistas e jornais culturais alternativos de São Paulo e outros Estados, antes de ser incluído em livro.

Nesse mesmo ano, participei como coautor do livro “Guido Poianas — Retratos da Cidade”, biografia e crítica da obra artística desse pintor que viveu e morou em Santo André, organizado por José Armando Pereira da Silva e editado pela Secretaria de Cultura da cidade. No ano seguinte, o conto “Uma Noite em São Paulo” recebeu Prêmio Edição no IV Concurso Grandes Nomes da Nova Literatura e foi publicado em antologia pela Phoenix Editora Ltda. em novembro de 2003. Nos dois anos seguintes, participei de várias antologias de contos e crônicas.

O meu primeiro livro individual de contos, Tramas & Dramas da Vida Urbana, publicado pela Elosul Editora, foi lançado em setembro de 2004, durante evento cultural coletivo, na Biblioteca Cecília Meireles, em Mauá. No dia 26 de novembro desse mesmo ano, fui empossado na Academia de Letras da Grande São Paulo, Cadeira 21, que tem como patrono o escritor romancis-



ta José Lins do Rego, e teve como primeiro ocupante, o bispo diocesano emérito de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira, que também era poeta e cronista. Após a solenidade de posse foi realizado novo lançamento do livro de contos.

Entre os dias 2 e 11 de setembro de 2005, participei da VII Bienal do Livro da Bahia, realizada no Centro de Convenções de Salvador, a convite da Revista Artpoesia, da qual fui colaborador. E, nos dias 23, 24 e 25 de setembro do mesmo ano, estive presente no I Encontro Nacional de Escritores da Cidade Poesia, promovido pela Associação de Escritores de Bragança Paulista (ASES), no Hotel Fazenda Tio Nicola. Nesses dois eventos houve lançamento com exposições e autógrafos do meu livro de contos, a respeito do qual assim se manifestou o poeta, escritor e crítico Cláudio Feldman: “O conto é um gênero difícil, portanto não vale a pena enveredar por ele, quando não se possui decidida aptidão para o seu cultivo. Hildebrando Pafundi, que estreia com *Tramas & Dramas da Vida Urbana*, traz para a literatura uma longa experiência jornalística, que parece formatar as narrativas. Não faltam a elas as melhores qualidades de um profissional da imprensa: a objetividade, a clareza, a frase enxuta da visão “fotográfica” do mundo”. Em 2006, participei da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que se realizou entre os dias 9 e 19 de março, no Parque Anhembi, no estande da União Brasileira de Escritores (CIBE), conversando com leitores e autografando o livro, que ficou exposto até o final do evento.

Em 2006, publiquei outro livro de contos: *No Ritmo Sensual da Dança*/W Edi-

tora. Segue a lista de outras obras de minha autoria: 2007, *Cotidiano e Imaginário do Ano 2000* (diário)/W Editora; 2008, *Janela da Liberdade e Outras Histórias* (infantil) Espaço Ideia Editora; 2008, *Tramas & Dramas da Vida Urbana* (contos), segunda edição/W Editora; 2012, *Barzinho Sórdido ou A Herança* (contos)/RG Editores; 2013, *Esquin@ Descontraíd@* (crônicas)/RG Editores; e 2018, *Janela da Liberdade e Outras Histórias* (infantil), segunda edição/Copacesso Editora.

Mas, em 2016, precisei mudar para Taubaté com minha filha mais velha, Maria Carolina, que trabalhava na Sabesp, meu genro Raony e dois netos, Guilherme e Rhaul. Por esse motivo, solicitei afastamento da Academia de Letras da Grande São Paulo, deixando vaga a Cadeira 21, agora já ocupada. Mesmo depois que minha filha foi demitida e retornamos ao Grande ABC, primeiro residindo em Santo André e depois em São Caetano do Sul, continuei afastado da ALGRASP devido a outros compromissos dos quais fiquei livre em 2019, quando, a conselho de colegas acadêmicos, amigos e familiares, resolvi solicitar o meu retorno, em outubro. Sendo aprovado comecei a participar de alguns eventos.

No dia 27 de novembro de 2019 compareci a solenidade de posses de dois novos acadêmicos: os escritores Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, Cadeira 20 (patrono Mário de Andrade) e Gonçalo Silva Júnior, Cadeira 21 (patrono José Lins do Rego). Foi essa a cadeira que ocupei entre os anos 2004 e 2016, quando me afastei para residir em Taubaté. No dia 5 de dezembro não pude comparecer ao lançamento da Revis-



ta Tamises 17, porque tinha uma consulta médica, mas voltei outro dia para receber meus três exemplares e no dia 12 de dezembro compareci ao jantar de confraternização. Depois me afastei por causa da COVID 19, pois a recomendação era para não sair de casa. Agora retornei.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), patrono

Neste retorno, optei pela Cadeira 23, que tem como patrono o escritor Tristão de Athayde, que nasceu em 11 de dezembro de 1893, no Rio de Janeiro, e faleceu em 14 de agosto de 1983, aos 89 anos, em Petrópolis, no Rio. Seu verdadeiro nome era Alceu Amoroso Lima, mas adotou o pseudônimo Tristão de Athayde quando começou a escrever e publicar no jornal. Tristão de Athayde foi crítico literário, professor, escritor, líder católico e pensador. Em 1965 sua obra chegou a ser considerada para receber o Prêmio Nobel de Literatura, o que não ocorreu, mas recebeu os prêmios Juca Pato de 1964 e Jabuti de 1979.

Em 1900 viajou com a família pela Europa e foi matriculado em colégio aristocrático para aprender francês. De volta ao Brasil, cursou o Colégio Pedro II e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro (1913), atual Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez estágio e trabalhou como advogado. Adotou o pseudônimo Tristão de Athayde, quando começou a escrever crítica literária na publicação “O Jornal”. Essa nova identidade o distinguiu

na atividade literária da industrial, quando dirigia a fábrica de tecidos Cometa, que herdou do pai.

Aderiu ao Modernismo de 1922 e foi responsável por estudos sobre os principais poetas do movimento. Nesse mesmo ano publicou seu primeiro livro, o ensaio Afonso Arinos. Em 1968, tornou-se líder da Renovação Católica no Brasil e, em 1932, fundou o Instituto Católico de Estudos Superiores. Em 1941 participou da fundação da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, onde foi docente de literatura brasileira até a aposentadoria, em 1963.

Os textos de Tristão de Athayde publicados em livros são geralmente interligados com pessoas, liberdade, religião e modernismo: *Idade, Sexo e Tempo/* 1938; *Elementos da Ação Católica/* 1938; *Mitos do Nosso Tempo/* 1943 e segunda edição, 1956; *O Existencialismo/* 1954; *Revolução, Reação ou Reforma?/* 1964 e segunda edição, 1999; *O Humanismo Ameaçado/* 1965; *Memórias Improvisadas* (um diálogo com o jornalista Cláudio Medeiros Lima); *Os Direitos do Homem e o Homem sem Direitos/* 1975; *Revolução Suicida/* 1977; e *Tudo é Mistério/* 1983. Tristão de Athayde foi eleito em 29 de agosto de 1935 para a cadeira 40 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Miguel Couto, sendo recebido em 14 de dezembro do mesmo ano pelo acadêmico Fernando Magalhães. **I**

Hildebrando Pafundi



PRONUNCIAMENTO DE APRESENTAÇÃO

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

Excelentíssima Sra. Maria Zulema Ce-
brian, digníssima Presidente da Academia
de Letras da Grande São Paulo,

Participantes da mesa,

Dignísimos Confrades e Confreiras,

Dignísimas Autoridades aqui presentes,

Caros parentes e amigos que nos pres-
tigiam,

Senhoras e Senhores.

*“Quero, neste momento, prestar os meus
sinceros sentimentos à família do nosso saudo-
so colega, o confrade Clóvis Roberto dos San-
tos, o professor Clóvis, que nos deixou pelo seu
falecimento. Que Deus o tenha!”*

É com enorme satisfação e prazer que
lhes apresento a novel acadêmica, Mariah
Morais, cujo princípio fundamental é o
compromisso com as letras e o respeito ao
nosso idioma.

A arte literária, em forma de prosa ou
verso, motiva-nos a encarar a realidade da
vida. Uma forma pura e simples de mani-
festarmos os nossos sentimentos sobre tudo
que nos rodeia, falamos de amor, de amiza-
de, de paz, de compreensão e daquilo que
nos é caro e prazeroso.

Uma cadeira da Academia, ocupada por
um escritor, fortalece o compromisso com
a Literatura pela riqueza e beleza que nela se

enseja e onde podemos compartilhar nos-
sos pensamentos.

Por esse motivo este sodalício recebe
com carinho e satisfação a novel acadêmica,
Mariah Moraes, que certamente engrande-
cerá, ainda mais, a nossa Academia.

Conheci Mariah por meio de sua prima,
Marcia, que faz parte do meu convívio pro-
fissional. Conversando com ela, acabei por
conhecer os escritos de Mariah e me empol-
guei à medida que lia e me inteirava de suas
obras. Sugeri apresentá-la à nossa Aca-
demia, e ela aceitou prontamente. Fiquei feliz!

Daí em diante cumpriram-se rigorosa-
mente os atos legais e é com grata satisfação
que hoje será integrada à nossa Casa.

Mariah Moraes é Jornalista por formação
e Comunicadora por excelência, cuja prio-
ridade é a informação em coerência e con-
formidade com os fatos. Sua capacidade na
arte da informação fez com que a Televisão
Aberta a descobrisse e reconhecesse nela sua
grande capacidade. Daí para frente passou
a abrilhantar as nossas conquistas esportivas
com exuberante atuação.

Mariah Moraes foi a primeira comenta-
rista feminina a aparecer na Televisão Aber-
ta e obteve enorme sucesso, consolidando
sua capacidade como comunicadora. Ou-
tras comentaristas femininas se seguiram a
ela, tornando a prática comum.



Como Jornalista, participou de duas Copas do Mundo, sempre brilhando em suas atuações. Foi assim que ela conheceu o nosso glorioso craque, Capitão da nossa Seleção Brasileira, “o cem por cento”, pentacampeão Cafu, um vencedor. E pela sua trajetória vitoriosa em todos os campos do mundo conquistou benesses inomináveis para o nosso povo. E hoje nos honra com a sua presença, abrilhantando a nossa noite.

Além de participar em duas copas do mundo, Mariah também esteve presente em onze Libertadores da América, sempre com atuação brilhante. E, em quase todas elas, estava o Santos Futebol Clube, só para lembrar.

Mariah Morais é também excelente palestrante, possui grande conhecimento em variadas áreas. Por sua facilidade de comunicação e pela sua sensibilidade, tornou-se Ativista Humanitária, levando esperança aos mais necessitados e estando sempre presente nas mais variadas ocasiões.

Presidente do Instituto Brilhante, Mariah é responsável por inúmeras ações em prol de áreas que sofreram e sofrem prejuízos por abalos ambientais, catástrofes e de locais de extrema pobreza, cujo sofrimento das pessoas nos enche de complacência.

Quero ressaltar que o Instituto Brilhante é uma organização sem fins lucra-

tivos, criada com finalidade social, cujo Embaixador é o Senhor Marcos Evangelista de Moraes — Cafu. Atua para minimizar o sofrimento das pessoas carentes e motiva os jovens sem recursos a se tornarem, por meio de práticas esportivas, brasileiros vencedores.

Dentre as Obras de Mariah, destacamos, entre outras:

- O Menino e o Anjo;
- A Fada Ruth e o Castelo de Diamantes;
- A Saga Cafu;
- Quebra das Correntes; e
- Alta Maré.

Obrigado a todos por me ouvirem e um grande abraço à nossa querida Mariah Morais.

Bem vinda!

CADEIRA CATIVA

A minha cadeira cativa
é meu assento de honra e glória!
É onde eu tenho o que me motiva
a escrever a minha história.
A vida sempre faz a gente
escolher caminhos a seguir
e mesmo encontrando espinhos pela
frente
não nos detemos para onde queremos ir.



Longe, longe enxergo uma luz!
É para lá que vou inda que me custe.
Um caminhar difícil, mas que me induz
a percorrer as linhas do meu ajuste.
Apenas quarenta cadeiras eu vejo,
mas cada uma delas conta histórias
repletas de amor, luta, desejo...
Porém, ali se concentram as memórias.
Ao tomar assento em uma delas
senti meu coração exultar!
Senti o soar dos sinos nas capelas
e aquela música no ar.
Falava de fadas, bruxas, magias,
falava de príncipes, também de encan-
tos.
Eu sentia na alma as alegrias
dos poucos em meio a tantos.
Sim, as cadeiras somam apenas quarenta
e, felizmente, em uma delas tenho as-
sento.
É por isso que meu pranto não se aguenta
de vê-las vazias neste evento.
Mas eu creio num futuro exultante,
pois vejo nas sutilezas do destino
a nova alma que chega nesse instante
como um gigante carregando um menino.

Sente-se nesta cadeira, Mariah,
e a honre em constante presença.
Não abandone esse assento que lhe dá
a gloriosa Academia e faça a diferença. **T**

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes



PRONUNCIAMENTO DE POSSE

Mariah Morais

Ilustríssima Acadêmica Senhora Maria Zulema Cebrian, digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo,

Ilustríssimo Acadêmico Senhor Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, meu padrinho,

Digníssimos Confrades e Confreiras,

Digníssimas Autoridades presentes,

Queridos pais, esposo, parentes, amigos,

Senhoras e Senhores:

Boa noite, agradeço a cada um de vocês, que estão aqui para compartilhar comigo esse momento tão especial em minha vida.

Eu que vivo do que falo e escrevo, não encontro palavras para expressar minha emoção. Desde os primeiros anos de vida, os livros foram os meus melhores amigos. Através da leitura, ou melhor, da literatura, fiz as melhores viagens da minha vida. Conheci a Bahia e toda a sua mística, com Jorge Amado, inspirei-me na determinação de Cora Coralina, tive uma cadelinha imaginária chamada Baleia, vinda do seco sertão de Graciliano Ramos e fui anarquista graças a Deus, com Zelia Gatai. Como Machadiana que sou, fui apaixonada por Bentinho e

senti ciúmes de Capitu, mas essa paixão durou pouco, um vento me levou para o Sul, através de um tal Érico Verissimo e bastou um único encontro com um certo capitão Rodrigo, para ele ganhar de vez o meu coração.

Antes de falar sobre o meu patrono, cito meu mestre maior na arte de criar. Sua simplicidade, irreverência, amor pelo Nordeste e pela nossa cultura popular me fizeram acreditar que, se eu não me preocupasse em impressionar e, sim, retratar minhas emoções, de uma maneira que inspirasse tantos outros, talvez pudesse ser escritora. Meu muito obrigada a Ariano Suassuna. Disse à presidente que não escolhi Gonçalves Dias, ele me escolheu. Antônio Gonçalves Dias, um poeta por excelência, teve importante atuação como jornalista, sendo relevante, também, para o teatro brasileiro. Gonçalves Dias estudou muitos anos fora do Brasil e, nesse período, escreveu a sua principal obra: *Canção do Exílio*. Um dos trechos desse memorável poema encontra-se em nosso hino Nacional: “Nossos bosques tem mais vida, nossa vida mais amores”.

O autor escreveu esse texto na primeira fase do romantismo nacional, onde se exaltava muito a religiosidade e a natureza. Meu patrono, assim como eu, valorizava as



emoções, deixava claro seu amor e respeito ao povo indígena. Faleceu novo, aos 41 anos, em um naufrágio. Uma perda irreparável para nossa cultura; tínhamos tanto para sonhar através do seu talento... Hoje, tendo-o como inspiração, nesta Academia, repito as palavras ditas por Machado de Assis, o pai da nossa literatura, no dia da partida de Gonçalves Dias:

“Só me resta espaço para aplaudir”.

Seguirei seus passos e honrarei seu nome. Para finalizar, não poderia deixar de agradecer a pessoas essenciais para que eu pudesse chegar aqui. Começo agradecendo a nossa Presidente Maria Zulema Cebrian, a Marcia Arlete, que me apresentou a Sebastião, hoje meu colega, ao grupo Calloni, aos meus pais, que sempre sonharam meus sonhos, incentivando-me em todos os momentos, aos meus filhos, que me inspiram todos os dias, as minhas irmãs Fatima e Donia, ao Guilherme Azevedo, que ilustrou lindamente as minhas palavras nos livros “O menino e o Anjo” e “A Fada Ruth e o Castelo de Diamantes” e, finalmente, ao Marcos Evangelista de Moraes, nosso Capitão, que me ofereceu o melhor presente que uma escritora aspirante a biógrafa pode receber: uma história linda, repleta de amor, fé e perseverança. Obrigada, Cafu! **T**

Mariah Moraes



ISSN 2447-438X

